Teixeira de Queiroz

A Caridade em Lisboa

COMEDIA BURGUEZA

A CARIDADE EM LISBOA

VOLUME II

Parceria Antonio Maria Pereira

LIVRARIA-EDITORA

50 e 52, Rua Augusta, 52 e 54

LISBOA

OBRAS COMPLETAS

DE

TEIXEIRA DE QUEIROZ

COMEDIA DO CAMPO (romances):

I — Contos — 1 vol. (ultimos exemplares)	500
II — Amor Divino — 1 vol. (ultimos exemplares)	500
III — Antonio Fogueira — 1 vol.	500
IV — Novos contos — 1 vol.	600
V — Amores, amores... — 1 vol.	600
VI — A nossa gente — 1 vol.	500

COMEDIA BURGUEZA (romances):

I — Os noivos — 2 vol. (2.ª edição com o retrato do auctor)	1$000
II — Sallustio Nogueira (no prélo a 2.ª edição em 2 vol.)	1$000
III — D. Agostinho — 1 vol.	600
IV — Morte de D. Agostinho — 1 vol.	600
V — O famoso GALRÃO — 1 vol.	600
VI — A Caridade em Lisboa — 2 vol.	1$000

ARVOREDOS — (Contos escolhidos, edição diamante, com estampas) 800

ESTUDOS PSYCHOLOGICOS E SOCIAES:

As minhas opiniões — 1 vol.	600

(Em preparação o 2.º vol.)

THEATRO:

O Grande Homem (comedia esgotada).

COMEDIA BURGUEZA

A CARIDADE EM LISBOA

POR

TEIXEIRA DE QUEIROZ

SEGUNDA PARTE

A DÔR

...aniquilar a dôr é gerar o prazer.

CICERO — *De fin...*

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
50 e 52, Rua Augusta, 52 e 54
1901

La plupart des drames sont dans les idées que nous nous formons des choses. Les événements qui nous paraissent dramatiques ne sont que les sujets que notre âma convertit en tragédie ou en comédie, au gré de notre caractère.

M. de Balzac — *Modeste Mignon.*

CARIDADE

SEGUNDA PARTE

A DÔR

...in omni re doloris amotio successionem efficit voluptatis.

...anniquilar a dôr é gerar o prazer.

CICERO — *De fin...*

I

ENTRE PHILOSOPHOS

JOÃO da Terra, o Barbas, na sua incruenta, mas porfiada sanha, contra o Soffrimento, caminhava atravez da vida, com um lampejo de santo nos seus olhos claros, sempre imbuido das idéas do seu Epicuro, a quem Luciano, auctor dos *Dialogos*, chama homem divino. A sua philosophia, como lh'o ensinava o Mestre, não era sciencia theorica e pura, mas sim uma regra pratica d'acção, propriamente acção, «uma energia, que procura, por meio de

discursos e raciocinios, a vida feliz» consoante escreveu o medico grego Sexto Empirico, quando explicou a doutrina de Pyrrhon, escrevendo contra os mathematicos. O nosso grande e immortal Barbas, por indole e temperamento altruista, (como o fôra tambem o seu admirado guia e mais accentuadamente os epicuristas romanos, segundo nos revela Cicero) encontrava a felicidade propria em conseguir a alheia. O supremo bem, para elle, consistia em diminuir o numero de desventurados; em destruir a herva damninha do mal, sob todas as suas formas; em fazer do mundo, vasto jardim, silencioso e tranquillo, vicejando n'um clima paradisiaco. Replecto de copiosas leituras dos antigos, especialmente dos predilectos gregos, de Aristipe e Democrito que precederam Epicuro; de Diogenes de Laërte e Lucrecio, que o seguiram, expozeram e commentaram, vivia em espirito no meio d'esses homens subtís (*satis acuti*, como lhes chama o orador romano) gosando mentalmente os delicados acepipes philosophicos de que se nutria. Admirava a precocidade, o genio, o saber d'essa doutrina que foi ressuscitada, mas não consideravelmente enriquecida, no seculo XVIII em França, e frutificou em Inglaterra, de Hobbes a Spencer. As regras praticas da sua conducta na existencia terrena, eram seguras; resumia-as em sustentar o espirito com muitas idéas e o corpo com pouco alimento, á semelhança do mestre divino, que philosophando sempre, consoante sua divisa, se julgava tamanho como Jupiter, na epocha em que, para se nutrir, só tinha agua e pão de cevada! Entendia o Barbas,

que a acquisição de bens é, por vezes, mudança de miserias: «Quereis enriquecer Pythocles? — escrevia Epicuro a um amigo — Não lhe accrescenteis cabedaes, cortae-lhe nos desejos.» A um discipulo pedia, o mesmo sabio, um pequeno queijo de Cythera, para transformar o seu jantar n'um banquete; orgulhava-se em não gastar diariamente, no sustento do corpo, sequer um *asse* (tanto como um vintem!) e apontava ironicamente o dilecto Metrodoro, como esbanjador, pois dispendia comsigo tamanha quantia! Sob o influxo de taes licções, João da Terra, reduzia ao quasi nada a sua despeza ordinaria, admittindo por vezes a extravagancia de comer nos restaurantes, em companhia de philosophos amigos, semelhantemente ao que fizera Epicuro; mas levando sempre em mira o seu viver de pensador independente, o que lhe conservava a saude do corpo e a ataraxia da alma, e o tornava apto a ser util a todo o homem que d'elle necessitasse. Por isso, ao presentir em qualquer ponto da cidade o soffrimento, elle ahi corria por todas as ruas, com o grande corpo aos solavancos, as botas grosseiras batendo o lagedo, o comprido casaco e a barba fluctuando, a pupilla incendiada pela devoção; no cerebro coragem e nos musculos força, para accommetter e vencer o inimigo. E accommettia e vencia, com o denodo d'um guerreiro e d'um santo!

Foi n'este estado d'alma que, não podendo conter a onda de miseria, impetuosa como um enxurro, todo elle ebrio de bondade e vibrante de commoção, entendeu recolher na sua casa do bêco do Imaginario, a

Santo André, alguns infimos desgraçados sem abrigo, que o acaso lhe fez encontrar, vagueando de noite, quando elle recolhia. Eram corpos, que vinham a boiar nas aguas do infortunio e que harpoava, para não augmentarem a podridão dos lodos sociaes. Aos chagosos curava por suas proprias mãos, como S. João de Deus, agente d'uma religião differente da sua; aos famintos repartia do pão que tinha; aos febricitantes emprestava a propria cama, emquanto os não mettia no hospital. Com maneiras bruscas, com palavras altas de coragem e fortaleza, é que os sabia consolar e consolava. O que principiara, por meros accidentes furtuitos, tornou-se, em breve, costume; e o salão do Barbas, esburacado no soalho e nas paredes, era dormitorio de mendicantes, apesar da opposição da sua creada, a velha Joanna, que se não fartava de pregar contra.

N'esta phase da sua existencia viveu pouco communicativo. A cabeça do epicurista, ameno e sociavel, andava no todo d'um stoico rigido e inconvivente. Por causa das dores que sondava, tinha desavenças com o mundo inteiro, condemnando-lhe as grandezas, como fizera o Mestre. Cobriam-lhe o coração bonissimo nuvens caliginosas, rugiam-lhe dentro do peito trovões de vingança e desespero! Encarava os ricos com o rancor d'um revolucionario, elle sectario da utilidade e da harmonia universal! É que a sensibilidade, no Barbas, era mais viva do que a crença philosophica e não attendia por vezes a que «o fim de todo o homem deve consistir em não soffrer no corpo e em não ser pertur-

bado na alma» (Epic.) Nas suas horas de botequim, que elle mentalmente transformava em calmos jardins d'Athenas, frequentados pela mundana Leontina, mostrava agora menos deleite na suave palestra. Extranhavam-n'o e inquiriam-n'o os amigos; porém, o Barbas, recusava explicações, levantando n'um desdem supremo os seus largos hombros e deixando gottejar da expressão despreso tão absoluto, como o dos cynicos, seus adversarios. Queria afastar todos de sua casa. Temia que Julião, Manoel e Claudio (já tinha morrido D. Agostinho, que melhor que estes o comprehenderia) o reprehendessem por este apego maniaco á dôr alheia, e o vissem misturar a sciencia limpa dos antigos gregos, com a ignorancia immunda de mendigos estropeados, que chegavam a tratal-o em tal pé de familiaridade, que pareciam seus companheiros de prisão ou de hospital. Engrossaram tanto as suspeitas dos intimos de João da Terra, n'esta epocha, que, Manoel de Sá, irmão de Kate, estimando-o muito pela temperança que ao seu espirito temerario e inquieto trazia a placidez philosophica do epicurista, resolveu, por si e d'accordo com os outros, penetrar o mysterio novo d'esta existencia. Em virtude d'isso surgiu, como uma apparição, na casa do bêco do Imaginario, uma manhã, ás seis horas, quando o melhor da cidade ainda dormia. O Barbas estava na cama, mexeu o seu corpo de mastodonte, carregou o sobr'olho de sabio, encarou Manoel e o poema de Lucrecio que tinha á cabeceira, perguntando:

— Aconteceu alguma coisa de grave?!

— Nada aconteceu, venho visitar-te.

— A esta hora é caso!

— Todas as horas devem ser boas para ti... Não tens familia.

— Mas tenho o meu recolhimento de meditação e estudo!...

Manoel já tinha relanceado a vista pela vasta peça visinha, communicante pela porta aberta com o aposento do Barbas e ponderou:

— Mais do que eu, te podiam perturbar esses que ali estão deitados...

— Alguns que precisam de agasalho por não terem á sua disposição o palacio d'Ajuda. Dou-lhes do que tenho — esclareceu mal humorado.

— Mas é uma atmosphera infecta e anti-hygienica a que aqui se respira. Que de venenos não devem estar em suspensão na atmosphera!...— considerou o eminente chimico.

— Não usam sabonetes finos, nem tem banheiras, é o que é.

— Mas a tua saude pode perigar com isto, abantesma!

— Ha dôres que occasionam prazeres e prazeres que geram dôres. Devemos preferir aquellas a estes.

— Dôres e prazeres! — exclamou Manoel de Sá com a sua ironia vingadora. É coisa que exista? Não é uma relatividade? O homem social creou esses phantasmas; é a sua obra execranda! Infortunio, sim! Más condições sociaes, injustiças sociaes, sim! E nunca isto acabará?! — rugiu surdamente esta alma revolucionaria, sedenta de justiça.

— Não! — sentenciou o Barbas, estendendo fóra da roupa o seu potente braço de julgador. — Nada mais facil de encontrar do que a dôr! Sem fadigas nem procuras, ella vem por si mesma, ainda que nos conservemos immoveis. Não assim o prazer, que para o obtermos haverá necessidade de esforços peniveis, tensão de vontade, contracções de musculos... Esta a maior das difficuldades, que nem o grande Mestre resolveu completamente. É preciso um immenso progresso na alma, um grande adeantamento intellectual e philosophico, para conjurarmos o soffrimento. Só a prudencia, a razão temperante pode dar a chave do enygma. Como queres que esses desgraçados, que ahi repousam não soffram, se lhes falta o adeantamento do espirito? Necessario se torna que alguem os proteja, alguem que aperte os nós da solidaridade social, apregoada e ensinada pelos epicurianos, apesar de estupidos ignorantes nos chamarem egoistas. Sabem porventura esses pedintes philosophar, como recommendavam os antigos, para não sentirem o infortunio? Não sabem, não podem, tem o maior obstaculo na rudeza da sua intelligencia inculta. Philosopharei eu por elles; eis o nefando caso!

Manuel de Sá, em quanto o grande Barbas discursava sentado na cama, gesticulando como n'uma cathedra, ia farejando melhor o que via no salão esburacado, onde dormiam os mendigos, que ressonavam envoltos nos seus trapos. Quando a voz do bemfeitor dos anonymos se extinguiu, voltou-se o chimico para lhe dizer:

— Sabes? Não distingo a tua caridade philosophica

da caridade theatral, annunciada por minha tia marqueza d'Ermello, em cartazes e jornaes. Uma e outra representam a depressão moral do homem, o reconhecimento da existencia do mal e a sua consagração, o convite á preguiça e á indignidade. Para mim este é o maior defeito de todos os systemas delatorios, que nada resolvem, que tudo anarchisam e só podem ser aniquilados a tiros de dynamite, para que appareça a bella aurora da justiça e da egualdade!

— E é sobre um montão de ruinas que pretendes estabelecer o ideal do mundo novo?

— Sobre um montão de ruinas, seja!

— Oh! desgraçado! — exclamou o Barbas, estendendo as mãos n'uma supplica vehemente. Não vês que acabando tudo, se realmente acabas com a *dôr* e com o *mal*, extingues do mesmo golpe o *prazer* e o *bem!*? Que enorme e irreparavel perda se tal calamidade succedesse! O soffrimento é um terrivel monstro, que merece todos os nossos odios e contra o qual é pouco abrirem-se mil batalhas por hora; porém o prazer, o goso, se o extinguimos? A parte divina do nosso ser, a que sente os incomparaveis movimentos da harmonia universal, havia de acabar? (Tinha lagrimas na voz). Para que se levantaria o sol no horisonte, para que haveria flôres nos campos, sombras nas florestas, marulho nas aguas, o canto dos passaros, o azul no céu e as estrellas?!... Nem sorrisos de innocencia, nem a fortaleza da virtude, nem o pensar do philosopho, nem o imaginar dos poetas! Tudo havia de desapparecer! Homem bom e justo, que tu és, sabes-me di-

zer se já alguem fez o balanço do bem e do mal, do prazer e da dôr? Ainda se não fez, nem se poderá fazer; mas um sentimento intimo e vidente me diz, que por um só momento de goso se podem dar horas de penas, e que aquelle é tanto mais intenso, quanto custou mais a conseguir. Os stoicos só foram dignos de respeito, quando encontraram prazer em supportar a dôr.

— Eram uns vaidosos e uns comediantes! Não te ouvi eu já falar d'um que mendigava por luxo?

— Bem sei — recordou o Barbas com riso triumphal de erudito — é o grotesco Antisthene, discipulo de Socrates, a quem o divino Platão chasqueou, dizendo-lhe: «Eu vejo a tua vaidade, atravez dos buracos da tua capa rota.» Porém não são assim os epicuristas; pois que Philodemo nos diz, que evitemos mendigar como faziam os Cynicos, e que cada homem tem obrigação de bastar para si mesmo.

— Bastar para si mesmo, bastar para si mesmo! — commentou Manuel de Sá. Como é que tu me apontas isso no homem social, escravo de preconceitos e preso na rede de interesses, que por sua propria mão armou? A maioria dos individuos existe para servir alguns poucos. E que especie de goso podem sentir os pobres, em que os ricos medrem e vivam na ociosidade? Que grandes prazeres terão encontrado em existir esses miseraveis, que tu ahi recolhes?

— Não digo — concordou o Barbas n'uma voz cordata e apreciativa — que não haja no mundo enormes injustiças; mas o nosso dever é desvanecel-as, antes que seccar a fonte da propria justiça.

— Então pensas — pronunciou Manuel de Sá com acrimonia — que os buracos por onde se tem vertido a maldade no mundo, podem ser tapados com um pedaço de pão, ou com um trapo de vestuario, dados por esmola, ou philantropia, ou altruismo, que, afinal, tudo vem a dar na mesma trapalhada?!...

O Barbas observou com a sua augusta serenidade de philosopho:

— Isso... é relativo na existencia. Depois d'um dia inteiro á chuva e ao vento, aquelles que ali estão, apreciam a dureza da taboa abrigada que lhes offereço, como se fôra optimo colchão. É o repouso, e no repouso está essencialmente a ventura. O somno, é um grande bem. Não sabes o que a respeito de Lazaro, disse o Nazareno, quando o apontou na sepultura, querendo significar que o encontrava n'uma especie de bemaventurança? Disse: «O nosso amigo Lazaro dorme.» Quantos dos que vivem das ostentações vãs que Socrates, Platão, Epicuro condemnaram, desejariam ter nas suas camas fofas a tranquillidade que os pedintes encontram na taboa rija! Na sua previdencia philosophica, o grande Mestre manda-nos reduzir os nossos desejos ao minimo da necessidade e ao maximo do repouso. E' o que elles teem no momento actual; por isso os reputo felizes.

Esta discussão seguira com as alternativas das trovoadas entre montanhas. N'um momento o ribombo das vozes amedrontava; mas logo vinha a calma e a bonança. Levadas aquellas vozes pelas asperezas penhascosas do raciocinio e das convicções, os mendi-

gos principiaram a sentir-se inquietos no seu dormir. Remexiam-se entre os andrajos, resmungavam palavras grosseiras e obscenas. Nem o somno, que é o esquecimento de amarguras, lhes deixavam socegado e longo. Um velho de magestosa barba, cabeça preferida d'artista, lançou para a escuridade uma imprecação; uma pobre mãe, com o filho ao lado, cobria-o com o seu peito, para o furtar ás impertinencias do barulho; um coxo bateu fortemente o soalho com a sua perna de pau, pronunciando uma injuria; um cego, que tinha ao lado a filha de quinze annos, sua companheira nas corridas atravez da cidade, acordou-a para que se erguesse, pois eram horas de irem á vida, de recomeçarem a peregrinação nas ruas lamacentas. João da Terra e Manuel de Sá, tacitamente reconheceram quanto era inopportuna a sua discussão philosophica e abrandaram as vozes, em quanto o primeiro se vestia para sahir. Coberto do chapéu ceboso e agasalhado no casacão, disse o Barbas:

— Vamos. Quanto mais dormirem, menos sentem as miserias.

— Quando sahirão? — perguntou o chimico.

— Quando quizerem. A velha Joanna abre-lhes a porta.

— E é isto todas as noites?—inquiriu com desdem·

— Só a freguezia é variavel. Logares para os que primeiro chegam; *primi capientes*, como dizem os diplomatas.

Na rua, o vento de fevereiro trepava pela calçada humida e fria. Era necessario andar para agitar o san-

gue nas arterias; porém como o tempo estivesse desagradavel, entraram n'um botequim modesto para tomarem qualquer coisa, que os aquecesse. Ao abancarem-se, perguntou João da Terra carregando o sobrolho:

— Mas que diabo de idéa esta, de me entrares em casa ás seis da manhã!

— Eu te digo — esclareceu Manuel, sorrindo — uma combinação com Julião e Claudio. Farejamos que trazias mysterio na vida, pois ha muito que nos não convidavas para irmos á palestra da noite. Sendo eu o mais capaz de uma madrugadella, escolheram-me para esta espionagem...

— Talvez imaginassem alguma fallencia na minha moral.

— Tudo podia ser. Não ha homens puros, tudo uma canalha e uma vilania. Mas para que diabo não mandas tu esses desgraçados para o albergue nocturno?

— Isso serve para os nobres da mendicidade, para os que teem aspirações e delicadezas, e em quem se pode admittir emenda. Não acceitam mendigos profissionaes, os que seguem a vida nomada como instincto e fatalidade organica. Vês tu? Pertendem extinguir e annullar a unica raça de poetas e de independentes que ainda existe. E' certo que os meus adversarios, os Cynicos, mendigavam por simples orgulho e preceito philosophico, e tal procedimento é reprehensivel por rebaixar a dignidade humana e a obra do pensamento; porém esses encantadores bohemios, que o fazem por mero sentir de liberdade,

acho-os sympathicos e admitto-os. Houve-os em todos os tempos e continuarão a existir em quanto o mundo fôr mundo. Elles tem no aspecto e na attitude contemplativa a sua belleza artistica, e exercem a funcção social de darem o exemplo da resignação perante o infortunio, o que é uma bella lição philosophica. Aquillo a que muitos atiram o nome despresador de vagabundagem, é antes a poesia da miseria, uma declinação fatal do corpo em movimento para encontrar a verdadeira ataraxia, a verdadeira tranquillidade da alma e a sua independencia. Vivem ao acaso, é certo, e isso é reprehensivel; mas habituam-se á fome e ao frio, o que é uma superioridade. Tem sempre a imaginação livre, podem philosophar á sua maneira: sentam-se nas bordas do caminho imbebidos no azul do céu; nos rochedos das praias, a contemplar o mar; nas soleiras dos palacios, a sorrir da riqueza e da vaidade. No exterior, alguns parecem stoicos, pela soberba e pelo desdem; porém são todos mais ou menos epicuristas praticos, pelo modo como reduzem o prazer á sensação elementar da pura conservação do corpo, e pelo modo natural como ao rico pedem o pão de cada dia. Porque o verdadeiro mendigo, aquelle que eu defendo e amo, não enthesoura, não guarda sequer para a manhã seguinte; fia-se sempre na sua resignação, ou melhor, no habito de prescindir dos prazeres que custam penas. Bem sei que o Mestre não era contrario, e até aconselhava o guardar alguma coisa para a enfermidade e para a velhice. Era adverso ao pedir, pois admittia o communismo dos havere

indispensaveis á existencia. Porém, na actual ordem de coisas, com o enthesouramento absurdo das riquezas, como se pratica a nossos olhos, o que eu reprehendo tanto como tu...

Manuel de Sá rugiu-lhe n'uma voz surda e com um punho cerrado:

— A dynamite! os explosivos!...

— Qual dynamite! qual explosivos!... Isso é a perturbação, e nós só devemos procurar o prazer na tranquillidade, na sublime ataraxia d'alma. Não encontraste tu na sciencia a maxima independencia? não a encontrei eu na philosophia? Pois esses mendigos, que eu recolho, encontraram-na na ausencia das necessidades que acorrentam o homem social a uma vida de lucta e de soffrimentos. O prazer elementar do ventre, o unico natural e necessario, é o que elles conservam. Vaidades e ambições das que preoccupam os demais homens não as teem, e parece até que leram Gil Vicente, no seu *Juiz da Beira*, quando diz:

«Melhor é ser preguiçoso
«Que homem negociado.»

E deu um largo suspiro, compassivo e bom, ao rematar n'uma voz cava e triste:

— Porém não são os vagabundos que recebo por uma noite, que mais me preoccupam. Os doentes, os que soffrem dôres physicas, e principalmente as creanças, almas no começo, sem terem ainda podido edu-

car a vontade, para resistirem ao infortunio, é que eu trago aqui...

Apontou o grande nó da sua garganta, para exprimir o estado de angustia moral em que vivia, e que de certo tratava de conjurar por todos os meios philosophicos ao seu dispôr. Conservou-se de rosto compassivo e atormentado, perante o olhar sereno e duro de Manuel de Sá, que nos labios tinha uma prega de sorriso ao ouvir este sectario da doutrina do goso pessoal, transformado n'um compassivo e n'um caridoso. Procurava o seu prazer, o seu deleite d'alma no aniquilamento da dôr universal, chimera sublime que nos olhos lhe punha tanto fogo e tanto enthusiasmo, como se vira nos de S. Paulo, na propaganda do christianismo. E depois d'um silencio de minutos, n'aquelle canto de botequim deserto, é que o Barbas pronunciou como se falasse para dentro de si:

— Só Claudio me podia ajudar na realisação do meu pensamento. E' rico, é generoso...

— E qual é esse pensamento? — perguntou o chimico.

— Fundar uma casa, onde se recebessem as creanças afflictas pela doença e que fossem pobrissimas. Julião seria o medico, pouco dinheiro me bastava...

— Estou que o consegues se lhe falares. Porém não vês, desgraçado, que livrando-as da doença, as lanças depois na miseria, que é a agonia longa de muitos annos?

— Quem o sabe? A obrigação é atacar o mal quando apparece e onde apparece. Depois fortalecer a

coragem para a lucta, educar a vontade para vencer. A morte! procurar a morte! Isso nunca! Ella que venha, não a tememos. Seneca, nas consolações a Marcia, que chorava a morte de seu joven e adorado filho, mostrou bem, como nós, os epicuristas, encaramos a morte com placidez. Porém o que é necessario aniquilar é a dor, a grande sphinge, e substituil-a pela sublime tranquillidade...

— Que póde ser o aniquilamento absoluto e bem haja!..., — argumentou Manuel de Sá.

— E que póde ser o goso, o prazer d'alma, o existir para a amisade e para a solidariedade social, base da justiça.

— Palavras! chimeras! Nunca existiu justiça e nunca existirá.

— Blasphemias! blasphemias! Quando isso não existir, não existirá o mundo. E' vêr o problema universal pela hypothese particular, que os olhos do nosso corpo alcançam.

— E' nutrires-te de illusões!...

— De illusões se póde viver feliz. E' o testemunho dos seculos que o attesta. Não vês isso na retorta, nem no cadinho; mas vejo-o eu na historia do pensamento humano. Queres tu falar a Claudio na realisação do meu plano?

— Falo, visto que o desejas — responde Manuel de Sá. Mas porque lh'o não expões tu?

— Tenho receio de não ser applaudido, e isso magoa-me.

— Eu t'o resolverei...

O Barbas voltando-se effusivamente para o intransigente inimigo de toda a ordem social, lançou-lhe a sua poderosa mão sobre o hombro com um sorriso de ventura em todo o rosto:

— De certo! E's capaz d'isso?! Tiras-me de sobre o peito um penedo que me opprime.

— Precisamos collaborar n'uma grande asneira. Vá... — resumiu o chimico.

II

O BARBAS VICTORIOSO

CLAUDIO de Mendonça, rapaz rico, alma generosa, recebeu com alvoroço a lembrança do Barbas, quando Manuel de Sá lh'a apresentou. Era de sua condição fazer bem: mas exaltar a sciencia, tornal-a a primeira alavanca da moral humana, dal-a como esteio ás almas duvidosas e soccorro aos desamparados de outras crenças, formava o seu amor, a sua maior preoccupação. Por isso a idéa de João da Terra, que vinha dar ensejo a patentear-se o alto merecimento de Julião Esteves, e motivo para fundação do gabinete de investigações microbianas, que tanto interessavam este medico, sobresaltou de alegria o coração de Claudio. Julião, investigador sério e grave dos mais subtis problemas da vida, cuja dynamica estudava nos afastados recessos do corpo

humano, era um dos mais ardentes e santos enthusiasmos de Claudio. Deliciava-se ouvir-lhe contar os habitos, ainda confusos, dos infinitamente pequenos; as transformações das cellulas, microscosmos maravilhosos, onde se cria a força, a potencia que rege o universo; falar da associação dos elementos vivos para darem a fórma e a manifestação externa do corpo... A clareza da exposição maravilhava-o, fazendo-lhe comprehender segredos profissionaes, e a sua alma aberta e simples desentranhava-se em applausos...

O Barbas, muito differente de Julião, era a serenidade olympica no seu constante philosophar. A obra do pensamento absoluto, que tinha como redemptora do homem, tomara n'esta alma um aspecto poetico, e ahi misturada com a idéa do bem e do prazer, adquirira sympathica plasticidade, o que tornava a doutrina epicurista accessivel, mesmo a espiritos incultos. Com o seu feitio rude e descuidoso do que sejam vaidades, em João da Terra sentia-se a creatura de convivio intimo e permanente com a natureza—um pantheista, um sabio antigo de espirito independente, que andava com modos familiares, no paraiso da alma universal. Cultura especialmente humanista, sympathica, attrahente e comprehensivel a todos, e que chegava, pelo que elle tinha de amoroso, a amaciar as asperezas de Manoel de Sá, cerebro intransigente com o seu saber exclusivo de naturalista, que o Barbas admirava pela devoção que sempre votara a Democrito. O talentoso chimico, manso na apparencia, mas sempre em fervura revolucionaria, pesava a alma humana na sua balança,

calculava-lhe a expansibilidade em pyramide de formulas, e nas suas polemicas com os amigos tomava aspecto duro e implacavel de raciocinador. Mas em problemas sociaes, cujos elementos se não podem juntar n'uma retorta, via confuso e em grossas manchas; as iniquidades que apontava não as sabia decompôr e d'ahi as suas rudezas. Meigo e terno em assumptos intimos e familiares, este grande vingador, este iconoclasta, este inimigo do existente era um doce cordeiro, um humilde escravo do sorriso de sua irmã, da ternura de sua mãe e dos affectos dos seus intimos.

No convivio de taes espiritos investigadores de idéas, é que a alma sincera de Claudio se enchia de calor e luz, antevendo horisontes serenos por entre nuvens grossas como penedos, adivinhando regiões calmas, onde só houvesse triumphante a certeza. Aprendera com elles a desprezar a vaidade, o fingimento, o erro da mentira. Sensivel e delicado tinha em pouca conta o imperio que n'uma sociedade de lisonjas lhe podesse dar a sua avultada fortuna. O seu cerebro não era potente como o do Julião ou Manuel, nem o seu saber variado e copioso como o do Barbas; mas tinha intelligencia bastante cultivada, para entrar nas differentes materias, que os tres debatessem. Alma generosa e lavada de invejas, applaudia aquelle que ficasse triumphante na batalha, ainda que fosse elle o vencido. De taes debates sahia melhorado no seu julgamento e accrescentado na força do coração. Generoso, o dinheiro, a fortuna, que seu pae penosamente ganhara, servia-lhe (como se fôra revindicação) para acal-

mar muita dôr, para impulsar e animar muita intelligencia anciosa de cultura. O seu intuito, o seu grande desejo era engrandecer o cerebro e o peito humano. Desejava a universal harmonia sonhada pela alma do Barbas; queria que no mundo sómente houvesse larguissimas torrentes de idéas, e que os sentimentos tivessem o generoso repouso epicurista. Por isso, quando Manuel de Sá, com o seu falar amigo, lhe disse: «Esse philosopho humanitario, anda com a tineta de fundar um hospital para creanças indigentes. Melhor elle as deixasse morrer, que se lhes acabavam as penas... Mas como anda com a tineta, queres tu ajudal-o na tal obra?!...»

— Prompto, com tanto que se não fale d'isso nos papeis — respondeu serenamente.

— Receias isso do urso?! Jornaes nem lê, nem admitte em casa.

— Diz-lhe que sim. Mas porque me não falou elle mesmo?!...

— Acanhamento de brutamontes, que afinal é uma creança...

E como Claudio encontrasse n'esse mesmo dia, João da Terra, na rua Nova da Palma, abordou-o para o censurar:

— Ó minha grandissima besta! Então precisavas de intermediarios?!

— Exquisitices, bem sei... Sou feito assim...

— Um parvo é que és! Demais a mais uma formosissima idéa! Porque a não revelaste ha mais tempo?! Bello, muito bello, é o que te digo! E pode-se

juntar ao hospital o laboratorio onde trabalhe Julião. Vamos ver os taes microbios, que augmentados centenas de vezes são da grossura d'um cabello. Tu fazes idéa d'isto?

— Os pensamentos são muito mais potentes que os microbios e nunca ninguem os viu, nem da grossura d'um cabello.

— Vae dizer d'essas a Manuel que te racha. Já pensaste em casa apropriada? .

— Na calçada de Santo André, ha uma com escriptos, que póde servir.

— Pois aluga-a, combina-te com Julião e no jantar de quinta feira apresentem o plano. Adeus, vou aqui ver um namoro.

— Corrupto! — golfou-lhe o Barbas.

— Idiota! — atirou-lhe Claudio, deixando-o.

*
* *

Foi assim que João da Terra conseguira realisar o grande ideal de accender uma immensa fogueira, onde queimasse o Soffrimento. Era mais uma vigia, na larga estrada da desventura, para annunciar a passagem da Dôr immortal. Enchiam-se-lhe os pulmões de bom ar, a mente brilhava-lhe n'uma infinita irradiação, trasbordavam do seu peito sentimentos bons e carinhosos. Todo o mundo para elle estava cheio de gloria e de

festas! Foi pelas ruas ao acaso, atravez da cidade da Ventura. Dos seus labios sahia o riso, que alagava a população afadigada. Não se comprehende como se defendia de levantar a voz no meio de toda essa turba para contar, com a eloquencia da propria commoção, o que vinha de acontecer e o plano da sua epopeia do bem, que trazia em mente e ia realisar. Como não podesse perder-se o irreprimivel contentamento da sua lingua e de todo o seu ser, deixal-o esteril e sem o communicar, foi n'este instante de sublime goso, a imaginação voando magestosamente como uma aguia, direito á sua casa do bêco do Imaginario, e logo da escada humida, gritou com a formidavel voz d'um Adamastor:

— Velha Joanna! velha Joanna! Grande novidade. Vem depressa ouvir a grande novidade!

— Então que é? então que é? — inquirou mesmo da cosinha, a creada, que lhe appareceu com o abano na mão e os formidaveis oculos de ferro assentes no enorme nariz.

— Temos dinheiro, temos casa, temos medico, temos camas, temos remedios, temos gallinhas...

— E para que temos nós dinheiro e casa e medico e camas e remedios e gallinhas?... — interrompeu a velha erguendo o dorso para o encarar melhor.

— Essa é boa, minha tonta! Estás mesmo parva de todo creatura! — exclamou o Barbas, apanhando-lhe o debil corpo nos seus braços de gigante. Para curar doentes que não tiverem nem casa, nem cama, nem medico, nem remedios, nem gallinhas, nem dinheiro

com que possam comprar tudo isso! Á força de resas, velha Joanna, estás estupida de todo...

— Estarei, mas faço eu muito bem em resar. Já cá estão hoje dois rosarios, um por si. Mas quem é o bemfeitor, que dá todas essas coisas aos pobresinhos?

— Quem havia de ser! Claudio, o meu amigo Claudio, o coração mais venturoso que n'esta hora existe no mundo!

— Pois com isso ganhará o céu!... E é muito bem ganho e eu o ajudarei a lá entrar com as minhas resas. Á noite terá um rosario á conta de vinte.

O Barbas disse benevolo:

— Vejo que são horas de jantar. Velha Joanna, põe a sopa na mesa e não digas asneiras. Que se importa Claudio, um homem de talento, com as tuas resas e o teu céu!

— Talentos, talentos!... Deus, nosso senhor, vale mais que todos. Heresias é que eu não gosto de ouvir — disse em tom agastado. Que ha céu e um Nosso Senhor, que a todos nos hade julgar no juizo final, é o que me não tira da cabeça, ainda que m'a abra com um machado. E não me diga outra coisa, que eu não gosto.

— Bem, bem — tornou conciliador — o que tu quizeres, o que tu quizeres... És tonta; mas tens coração, e isso é o principal. Dá cá outro abraço e põe a sopa na mesa. E bem quentinha que o dia está aspero. Que a sopa seja um cobertor, entendes? Mas eu, de contente, nem vontade tenho ao comer. Sinto um nó na garganta, como se estivera afflicto. O

contentamento, quando é muito, tambem dá engulhos.

E ao sentar-se á mesa ia perguntando:

— Então a que horas se foram os amigos da noitada? Como sahi de madrugada para chamar Julião e leval-o a vêr a mulher do homem do caminho de ferro, que tinha de ir cedo para o serviço, ainda cá os deixei...

— Ora deixe-me, nem sei! Falta-me a paciencia para os aturar.

— Pois que não falte, é necessario. O tal da perna de pau, gostou da hospedaria e voltou. Aquelle é novo em Lisboa. D'onde veiu?

— Dos lados do Porto, e diz mal de tudo isto. Para ahi resmungou quanto quiz. Que se vae embora, que pedir nas feiras lhe rende mais. Aqui os policias embirram com elle e já o quizeram prender; lá tem melhor passadio e até lhe dão vinho, diz elle. Não se póde aturar, é como os outros. Deviamos acabar com isto e não deixar mais entrar a maltezia preguiçosa.

O Barbas exaltou-se ficando com a colher de sopa suspensa:

— Então queres deixal-os na rua, á chuva e ao vento?!

— Que vão para o Intendente, tem lá o Albergue.

— O Albergue! tambem tu com o Albergue. Fazem-lhes predicas, tiram-lhes a liberdade. A independencia, a libertação da alma!... Sabes o que é a libertação?

— Nem me importo; o que eu quero é ter a cosinha arrumada. Mas não me agrada isto. Os que se diziam

casados e a quem eu dei o colchão, pareceu-me depois que o não eram!...

— Não deites mau sentido creatura. Eram casados, eram; e se não fossem? Elles contentando-se com esta sala fria e esburacada, é que não tinham melhor. Deixa lá, tu és boa mulher, não tenhas maus pensamentos, pode-te adoecer o figado. Diminuir dôres e tristezas, é melhor que resas.

Terminado o frugal jantar, o Barbas abalou pela escada abaixo, com o seu grande corpo aos tombos. No lagedo do passeio da calçada de Santo André, batiam sonoramente os tacões das suas botas toscas. As abas do seu amplo casaco fluctuavam com movimentos de hélice. De contente, nem sabia por onde caminhava; dava encontrões nos transeuntes, que resmungavam. Se não fôra o escuro da noite, todos podiam vêr que João da Terra tinha no rosto uma aureola de inspirado, na barba longa um sorriso de pregoeiro do bem-estar humano! Ia falar com Julião; levava a cabeça cheia de planos para a fundação do hospital de creanças, e a boa nova do laboratorio de bacteriologia, de que lhe falara Claudio. Como Julião o receberia com alvoroço!...

III

CARIDADE PELA SCIENCIA

Foi assim que João da Terra, o Barbas, teve onde recolher o pequenito operado por causa do garrotilho que o suffocava. Como para elle, epicurista extreme, o soberano bem consistisse na ausencia de soffrimento, e como soffrimento é tudo que nos molesta, (*dolor id quo offendimur*—definiu L. Torquatus) logo que no rosto do doentinho apparecera signal de desoppressão, com a serenidade de longinquo sorriso, elle sentiu na sua alma, repercutido o deleite. Ao atravessar as ruas lamacentas da cidade, a par da maca com o corpo enfermo, ainda lhe ia amargurado o peito, por conduzir comsigo um exemplar da desventura humana. Porém já no cerebro lhe luzia a esperança de que o saber genial de Julião Esteves, pudesse triumphar da crueldade e inclemencia d'esse

mal, que escolhera tão fragil organismo para se implantar, alargando assim a area de sua cultura. Se, ao menos, n'aquelle misero habitasse uma intelligencia completa, educada para vencer a dôr pela conformidade, o Barbas poderia admittir que no corpo se lhe abrandasse o soffrer. Porém não, era um ente debil, uma avesinha implume, um pobresito, uma luz de entendimento de pouco tempo accesa... Nada poderia conseguir no sentido da felicidade por esforço proprio, tinha de se entregar por completo á dôr, todo ligado nas faixas da sua ignorancia e innocencia, e o monstro martyrisal-o-hia inclementemente. Só a sciencia, o poderosissimo meio libertador da humanidade, é que lhe poderia dar allivio e consolação; só Julião Esteves, apostolo e agente do saber, é que o poderia melhorar!

O afastamento da dôr, sendo começo de goso, não é propriamente goso. Vencida a primeira jornada para a cura, precisava-se de diminuir ainda o padecer, e depois compensar o doentinho pelo que padecera. Só carinhos e esmeros, e a quebra das causas de perturbação corporea, é que se podiam empregar. Recommendava, pois, o Barbas, que não houvesse brusquidades nem balanços, que podessem gerar soffrimentos novos ou augmentar a intensidade dos existentes. Quando fôra da operação, nem da propria mãe ignorante confiara que transportasse o leve corpo. O instincto materno, aguilhoado pela affeição, seria capaz de supprir a intelligencia calma, que sabe regualar os movimentos? Entendia que não. E pelo mesmo principio de só em si se fiar, é que chegando a maca á porta do hospita

elle outra vez tomou o doentinho nos seus poderosos braços, levando-o suspenso como se estivesse, sobre azas abertas d'uma aguia pairando nas alturas. Assim é que subiu a escada e logo se dirigiu ao quarto, separado da enfermaria geral. Ali é que sobre um leito bem preparado, pousaria o misero, e premeditava fazel-o com a leveza com que pousa uma bola de sabão, que andasse primeiro fluctuado levemente no ar.

Josefina (a nossa Fina, afilhada de D. Brites e de Agostinho) (1) esperava-o no alto da escada, de touca branca e avental de enfermeira. Acompanhava-o com a sua expressão serena de intelligencia bem ponderada. Quando João da Terra entrou no corredor, o seu corpo de grande estatua, produziu na cal branca da parede uma repentina sombra, porque o sol entrava do lado opposto por uma vidraça. O andar que levava n'este momento era sereno e leve como o de donzella, que fosse para a meza da communhão; e não aquelle seu caminhar, desageitado e aos tombos, de quando batia nas ruas o lagedo com as botas grosseiras. Encontrara leveza senhoril no calcar, movia-o ligeiro impulso de brisa, uma nuvem sagrada lhe sustentava o peso. Pertendia não alterar a posição do apparelho cirurgico, o que muito lhe recommendara Julião Esteves. Josefina tudo lhe facilitava, indo adeante para remover quaesquer obstaculos e ajudal-o no preciso. Dentro do quarto, a carinhosa enfermeira collocou-se-lhe fronteira, junto do pequeno leito e offereceu

(1) D. Agostinho e Morte de D. Agostinho.

os seus braços mais descançados, para receber o doentinho e deital-o. O Barbas, regeitou o auxilio n'uma voz cautelosa e branda:

— Não, eu mesmo o colloco...

E suspendendo este acto, que já ia praticar, observou:

— Não seria melhor aquecer primeiro a cama?

Purpureou-se o rosto de Josefina, por esta imprevidencia e logo sahiu solicita, trazendo depois um ferro de engommar aquecido, com que passou os lençoes. Terminada esta operação, disse:

— Agora, sim, que está bem..

Então, João da Terra, curvando-se devagar e cauteloso sobre o colchão, assentou docemente o leve corpo, a cuja cabeça de cabellos loiros mal tratados e rosto enegrecido pela miseria, se offerecia uma travesseirinha, fofa e branca, tão macia e geitosa, que nos olhos e nos labios soffredores do enfermo aflorou um sorriso agradecido e tão delicioso, como os teria tido a dormir, quando nos primeiros mezes da existencia sugasse no peito materno. E verificado, por Josefina e pelo Barbas, que o apparelho cirurgico não soffrera deslocação, disseram ao mesmo tempo, encarando-se com physionomias conformes:

— Está bem, não se desarranjou.

Logo após chegava Julião Esteves, solicito e interessado como os dois. Verificando que a respiração artificial pela canula se fazia methodicamente, desembaraçou o pescoço dos lenços, fixou melhor a fita em volta, e disse para Josefina:

— Que se conserve tudo assim, em quanto não passa o perigo da asphyxia. As desinfecções como as tenho recommendado.

*

* *

A indifferença e a insensibilidade de enfermo pareciam completas: era um estado de abandono de toda a energia, muito proximo da morte. Arquejar lento; uma linha branca de sclerotica via-se por entre as palpebras mal cerradas, como no começo do adormecimento ou da agonia. A pelle flacida do rosto, com longes da lividez dos cadaveres — a mesma molleza ao tacto e o achumbado na côr. O soffrimento ali passava-se no fundo do organismo, nos ultimos recessos onde a vida se refaz, para refluir á superficie, e patentear-se em risos, ou em coleras. A mavilhosa coordenação de forças complexas, vindas de muitas origens, para dar a mocidade, a formosura, a expressão denunciativa da nobreza humana, parecia querer abandonar a misera creança, cedendo ao poder das causas desagregadoras d'essa harmonia. Julião Esteves contemplou-o serenamente, attento e reflexivo, perante o grave problema, que á intelligencia se lhe propunha. No seu potente cerebro combinavam-se os elementos de raciocinio, d'onde derivaria o plano de ataque contra o terrivel morbo. Adquiria-lhe a physionomia serenidade superior; os olhos viam para dentro do proprio cerebro,

depois de terem colhido os elementos de observação indispensaveis. A sciencia, de quem era devotado apostolo e servidor, patenteava-lhe differentes estradas pelas quaes poderia conduzir-se, e escolhia mentalmente qual o levaria a melhor fim. Além dos meios necessarios a sustentar as poucas forças do pobre organismo depauperado, para dar tempo a que se triumphasse na batalha contra a fraqueza e asphyxia, combinava a therapeutica com que podesse atacar a molestia na sua natureza. E como os agentes de cura, então conhecidos, fossem deficientes, o semblante exprimia-lhe grande contrariedade. Foi ao seu gabinete de trabalho, trouxe um arame levemente recurvo na ponta, uma bolita de algodão e papel esterilisados. Com a extremidade do arame envolta no algodão, foi ao fundo da garganta do doente e de lá colheu alguma coisa... uma substancia de apparencia de queijo fresco, misturada de mucco, e cuja pastosidade servia para o fixar no papel. O Barbas e Josefina acompanhavam esta technica com rostos doloridos e cheios de mysterio. O medico disse-lhes:

— Dá-se a palavra ao microscopio e ás culturas, para nos dizerem as probabilidades que teremos de o salvar.

— A morte é o menos. Livra-o do soffrimento, que é o principal — disse João da Terra, com ar compungido.

Acompanhou o seu amigo até ao gabinete, com a mente fixa no julgamento que ali se ia organisar. Julião, em quanto coordenava os elementos da prepara-

ção microscopica, para se encontrar frente a frente como gerador de tão grave molestia, ia dizendo:

— Este microbio, que eu aqui tenho (mostrava o papel pascento, com o boccado de membrana branca adherente) é dos mais virulentos e dos de menores dimensões de todos os infinitamente pequenos. Para te dar uma idéa da sua força envenenadora, basta dizer que, addiccionando á cultura em que elle vive, certa substancia que dá um innocente precipitado de phosphato de cal, e onde o nosso Manuel de Sá, com todos os seus reagentes, não encontrará mais do que inoffensivo phosphato de cal, se d'esta substancia eu inoculo n'um misero porquinho da India a insignificantissima doze de 4 decimos de miligramma, o animal morrerá em muito pouco tempo. Vês tu o que é a vida e no que consiste a morte? A chimica mais subtil não encontrará nos 4 decimos de miligramma (tanto em volume como a cabeça d'um alfinete!) da substancia precipitada, mais do que semsabor phosphato de cal e comtudo um ser vivo, um cobayo, se eu lh'o introduzo n'uma veia acaba envenenado. A esta potencia se chama virus, substancia ou força inapreciavel pelos sentidos, ajudados que sejam de instrumentos e meios de investigação os mais perfeitos; força que tem em si um enorme poder de destruição, d'esta coisa ridente e cubiçada, que se chama a vida e em prol da qual trabalha, desde o inicio das eras, a intelligencia do homem. Ainda mais: o temivel microbio que aqui tenho na substancia collada a este papel e que posso multiplicar quantos milhões de vezes eu quizer, dentro

d'esta especie de garrafa, que em technica de laboratorio se chama *matras* de Ferbach, tem habitos singulares, como o dos rapazes estroinas, que andam por esses restaurantes em ceias copiosas. Parece filho de homem rico, pois é immensamente glutão, corrupto e má companhia como a do cavalleiro Falstaff. O ar atmospherico é a sua melhor guloseima, naturalmente por causa do oxigenio. Prefere viver ao ar livre, banquetes ao ar livre, sempre em companhia d'outros, como usam os estroinas. Não imaginas como taes microbios engordam e se reproduzem, se se lhes dá um bom caldo de vitella, atravessado por uma corrente de ar puro! Quando os bacillos são longos, os mais endiabrados tem a forma elegante de pequenos pepinos, grossos n'uma extremidade, talvez a da cabeça. Não lhes encontras por tudo isto semelhança com alguns janotas, d'esses todos embonecados, que se encontram a nomorar nos theatros, se é que a tua austeridade de philosopho algum dia te consentiu que entrasses em casas taes? São como elles viciosos. A sua maldade cresce quando se associam a outros inoffensivos e muito vulgares no organismo humano, no nosso proprio intestino em estado de saude, os falados *bacterium coli*. Pois basta que o bacillo longo da diphteria, que eu terei colhido, segundo todas as probabilidades, na garganta d'aquelle innocente, se approxime do tal inoffensivo microbio com quem vivemos na melhor harmonia, para este que era bom, morigerado, amigo do nosso corpo, se transforme em preverso assassino dos mais perigosos. Vês, meu caro philosopho, como

a moral resulta dos factos scientificos? As más companhias, as más companhias! são bem perigosas. O colibacillo, morigerado e de costumes simples, vive tranquillo e sem fazer mal emquanto está só. Apparece-lhe um dia o da diphteria, o de Klebs (assim o denominam em homenagem ao seu descobridor) e logo se transforma n'outro da peior especie. N'este mundo extraordinario dos infinitamente pequenos, deparamos com os mesmos vicios e a mesma moral da sociedade humana. E andam vocês, ha tantos seculos, inventando philosophias e leis, que julgam novas e absolutas, e não são, nem uma nem outra coisa, pois existem desde que existe a vida e nem mesmo abrangem, todos os phenomenos existentes! Aos microbios, consegue com as tuas leis e com a tua policia punil-os se pódes... Castigo-os eu com os meus agentes therapeuticos, visto serem más firmas, o que se pode concluir do modo especial que tem de se apresentar. Se o teu olho de philosopho estivesse habituado ás observações microscopicas, mostrar-t'os-hia em assembléas geraes, n'uma disposição de tojo eriçado de espinhos. Vê, que denuncia, n'este modo de se reunirem! Na fatalidade da natureza apparecem phenomenos que tu, meu idealista, capitularás de symbolicos; mas que eu entrego ao determinismo organico. Não ando mais racionalmente?!

João da Terra, grave e respeitoso para com a sciencia, desadorava o tom faceto do seu amigo, quando discorresse em coisas assim elevadas. Não tratava elle agora do grave problema da vida, d'onde derivam as leis do soffrimento e do goso?... Para que chalacear?!...

Resmungou palavras reprehensivas, apesar de se sentir colhido pelo raciocinio claro de Julião, que, mesmo a brincar, ia desembaraçando do papel pascento, a substancia venenosa colhida da garganta do innocente, para a collocar na lamina de vidro, que levaria ao microscopio. A sua bocca conservou-se silenciosa, o rosto grave, o cerebro absorvido no pensamento de libertação do pobre ente, que tivera nos seus braços. Mas quando o medico se callou, já em começo de applicar a vista á observação, perguntou interessado :

— Mas tu salval-o ? afastas-lhe o soffrimento ?

— O soffrimento está diminuido. Espero tambem evitar-lhe a morte. Mas só ámanhã se poderá conhecer melhor a virulencia dos bichinhos que geraram a molestia. Não ha de ser fraca, decerto. Deixa-os, porém, multiplicarem-se primeiro n'este bom caldo de vitella pepetonisado e interroga-me depois. Leva tempo, amigo. Não é um philosophar só com a cachimonia, como tu fazes.

*

* *

O Barbas teve um gesto desolado de impaciencia. O genio do homem devia ter meios mais rapidos e potentes, para chegar ao conhecimento e explicação dos phenomenos. Reconhecia que para encontrar a verdade, ter a certeza, necessario era trilhar veredas asperas, onde a carne e o sangue ficassem assignalando

a dolorosa passagem. Porque é que a luz só mostraria a formosa cidade do Bem em altos cumes, difficeis de attingir? Qual a privilegiada intelligencia que, d'um só lance, poderá abraçar essa magnifica região, onde se verifica a lei de harmonia universal, ligando n'um conjuncto todos os phenomenos?! Nenhuma. A contingencia existe desde os movimentos primarios e elementares dos atomos, para se associarem. O acaso parecia-lhe a norma ordinaria da natureza em relação ao homem, que comprehende a verdade relativa, n'um esforço de suprema independencia. Só a vontade é omnipotente! O mundo exterior d'onde podem vir os casos felizes e infelizes, o goso e a dôr, deve ser indifferente para a alma do philosopho e impotente para a perturbar. Eis a unica defeza! N'este sonho de acordado, o Barbas comprehendeu quanto eram vãs as palavras de Metrodoro: «Acaso! Sou inaccessivel a teus ataques. Fechei-te as portas por onde me podias acommetter.»

E os seus olhos claros, estavam agora sombrios e humidos de lagrimas, lembrando-se do innocente que soffria.

IV

AMALGAMA DE RECORDAÇÕES

Barbas deixando Julião Esteves entregue aos seus trabalhos microbianos com que pretendia melhor accurar o prognostico do caso de diphteria, voltou para junto do leito do pequenino enfermo. Elle e Josefina tinham nos semblantes a mesma expressão de amargura e tristeza, mostrando assim quanto eram gemeas aquellas duas almas, no horror que lhes causava o soffrimento. Partindo de crenças bem diversas, elle de sua liberdade philosophica, ella da sua fé religiosa, vieram encontrar-se, por caminhos concorrentes, junto d'esta modesta cama, onde jazia a dôr. Ambos n'um esforço commum e cadenciado de piedade, serviam a causa eterna da ventura do mundo; ambos obscuros e sem ambições exerciam o bem incondiccional, operando

n'uma região elevada, onde não ouviriam ignaros applausos. Exemplo não pensavam em o receber, nem em o dar; porque tinham em si, na propria constituição, a potencial energia, que só faz heroes, memorados depois da morte. A alma de Josefina fôra sempre suave corrente de agua limpida e murmura, sob a folhagem de ribeira ensombrada. Conservava a mesma conformidade ingenua, a doçura de caracter, o carinho na expressão, aquella suavidade de maneiras, que de tamanho lenitivo e conforto servira a D. Brites no leito da morte, e a D. Agostinho no ultimo periodo de doença. A idéa religiosa que a paciente senhora lhe dera como guia na vida terrena, para conquistar a celestial, illuminava-lhe a alma, modesta e sensivel, de uma luz de crepusculo, que lhe diminuia exaltações. Sempre com a mira do dever e da virtude nos olhos, ajudada da sua indole inclinada ao bem, quando aquelles dois apegos de ternura, de que lhe medrava o coração desappareceram, encontrou em si forças e energia para se recolher no *Bom Successo*, depois do cruel desengano que teve a sua juventude. (1) Os primeiros tempos passou-os ali admiravelmente, porque a tranquillidade morta d'essa clausura, condizia com o estado da sua alma, n'essa epocha. Por motivos imperiosos de saude, é que abandonou uma existencia, em que a mente lhe fluctuava n'uma deleitosa preguiça intellectual. Foi o caso que, indo um dia D. Genoveva, mulher do cirurgião

(1) Morte de D. Agostinho.

Oliveirinha, visital-a a encontrou transtornada no parecer, emmagrecida e pallida. Inquiriu, a boa senhora, da causa de tal mudança e como lhe fosse dito que o medico do convento capitulava aquillo de simples estado nervoso, pediu logo que lhe consentissem mandar ali seu marido, para melhor a esclarecer. Impressionara-a grandemente ver aquella physionomia, sempre doçura angelica, e onde repousavam com encanto todos os olhos, assim alterada! O marido de D. Genoveva, appareceu no convento, logo no dia seguinte e e a sua opinião foi, que devia abandonar de urgencia a clausura, ainda que fosse por pouco tempo. Reconhecera que aquelle organismo sensivel precisava de ar secco e livre, novos aspectos de paisagens, passeios e convivencia com interesses na vida commum; ouvir linguagem e ter idéas cá de fóra, e pouco referentes á conquista do céu. N'um momento em que o deixaram só com Josefina disse-lhe:

— Resas não são para todos. Podem-te fazer santa; mas levem-te á sepultura. Em nossas casas tambem ha Deus e religião.

Inteirada D. Genoveva do estado de Josefina, pela opinião do sapiente marido, foi ter com o senhor patriarcha, de quem exhorou carta, para o diminicano affecto ao *Bom Successo*. O prelado expunha summariamente o caso, a opinião do medico, e pedia para escutarem D. Genoveva, que no Corpo Santo, foi recebida e attendida de prompto. Josefina sahiu, pois, do convento, para uma ausencia de mezes apenas, durante a qual pensavam que podesse reconstituir a sua

saude Porém, no cerebro da mulher do facultativo, é que de novo germinou a idéa de ficar com ella, como sua companheira e ajudanta nos cuidados domesticos.

Trouxe-a e recebeu-a como se fôra da familia. Deu-lhe um quarto bem arejado, com janella para uma horta, onde havia roseiras. Sentou-a a seu lado á mesa, vestiu-a e infeitou-a para a acompanhar nas sahidas, como uma sobrinha. Todas estas considerações e affectos, não foram bastantes, para enfeitar de risos aquelle semblante triste. A vida conventual, preenchida pelas resas e pelo ensino, haviam-lhe de começo amortecido a sensibilidade, como fogo sob rescaldo. Julgara-se feliz e socegada, mas consumia o proprio sangue, para sustentar a vida da imaginação. Este novo arejamento, com livres ventanias a soprar, fizera do rescaldo levantar labaredas, a mente povoara-se-lhe de memorias do passado... Tinha em si essa divina força de dedicação, que precisava empregar... As occupações em casa do Oliveirinha, não eram bastantes para a entreter. Trazia sempre uma sombra crepuscular no sorriso e D. Genoveva surprehendera-lhe lagrimas, que Josefina explicou por saudades das discipulas e das freiras:

— Que quer, minha senhora, não se póde estar assim durante annos n'uma casa, e ser bem tratada como eu fui, sem que a gente d'isso se lembre.

Porém a mulher do cirurgião não deu inteiro credito a taes palavras. Aquelle estado nervoso, a persistir, apesar do tratamento iniciado, denunciava molestia grave. Que molestia? Se a interrogavam mais a preceito, não sabia responder a muitas perguntas,

como não sabia responder ás mudas interrogações, que a si mesma propunha, quando em silencio se examinava. Pensaram em a mandar para qualquer nova paisagem de culturas variadas, outra atmosphera livre e desamparada de casarias. Em Santarem tinham parentes, n'uma quinta longe do povoado. No dia em que D. Genoveva, assentara occupar o serão em escrever para ali, o marido disse á mesa durante o jantar:

— Ainda ha gente de bom coração e que faz bem sem estardalhaço. Fui hontem, por caridade, ver uma creancinha, filha d'um pobre viuvo operario d'uma fabrica. Caso grave de pneumonia infecciosa e em pessimas condições para o tratamento. Tudo faltava; remedios, caldos, roupa de cama... uma miseria. Porem, existe em Lisboa, uma instituição hospitalar que eu não conhecia e que nem nome tem, onde recolheram o pobresinho, que está como em casa de pessoas mais do que remediadas. Vi-o lá hoje e sahi satisfeitissimo; porque o podem salvar. E' realmente bello, fazer assim a caridade sem annuncio!...

Josefina escutou attenta, com o seu olhar piedoso, que ia até ao fundo d'essa desgraça. O coração pular-lhe-hia de contente, se podesse ser prestimosa n'um caso assim. D. Genoveva não apreciou este irradiar dos olhos, denunciativo d'aquella alma, pois no momento perguntava a seu marido:

— Mas quem é que recolheu o doentinho?

— Não deves perguntar quem é ou quem foi; mas onde é ou onde foi que o recolheram. Bem vês que não é uma pessoa, mas um hospital. Idéa de grande

alcance e sympathica: só se admittem creanças pobres, e com molestias que requeiram cuidados immediatos e excepcionaes. Na calçada de Santo André, predio sem taboleta, pintado de amarello, pelas alturas do meio da calçada. O medico, um rapaz que não conhecia. Que admira, estou velho e elles são novos! Chegou ha pouco de Paris, estudou essas coisas modernas, que já não são para mim. Homem de grande saber, gostei de o ouvir. Palavra!

D. Genoveva, tenaz e presumpçosa nas suas opiniões, insistiu:

— Mas lá, hade haver alguem ou alguma pessoa que dirija a casa e receba os doentes. Esse alguem é que eu pergunto quem é.

— Sabes — disse o cirurgião com rosto expressivo, pousando a vista em Josefina — quem o conhece melhor que nós? Aquella . .

Josefina ficou com o olhar suspenso e interrogativo. E perguntou:

— Eu?! . .

— Sim, tu — insistiu o facultativo. Não te lembras d'um individuo alto, mal escavacado e mal vestido, barba longa e cabello por cortar, que andava muito com D. Agostinho, e t'o foi levar morto a casa?!...

— Lembro perfeitamente!...— affirmou com o semblante interessado. O unico amigo que o acompanhou ao cemiterio! Se me não hei de lembrar!...

Brilhavam-lhe no rebordo das palpebras, aljofares de lagrimas. As maçãs do rosto purpureadas, a bocca ligeiramente aberta n'um sorriso triste de violeta. E'

que lhe tinham vindo á mente, com as amoraveis saudades d'outro tempo, a lembrança d'essas duas noites, em que no seu coração, a melancolia tomara para sempre raizes. Representava-se-lhe, com uma realidade intensa, a entrada de João da Terra, trazendo nos braços o cadaver de D. Agostinho, a escorrer baba sanguinea pelos cantos da bocca. A casa em desordem, por ser o primeiro dia de mudança do velho palacio dos Cunhas, entre cujas paredes, solemnes e derruidas, se lhe tinha educado o coração. Via D. Agostinho morto, estendido sobre um colchão; a velha Bonifacia que lhe servira de companheira na orfandade, paralytica, cahida na cadeira de braços; a infeliz Ermelinda, seduzida pelo lavrante Daniel, em quem ella mesma depositara esperanças, a referir-lhe as suas desgraças. (1) Essas duas noites estenderam-lhe sobre toda a existencia funerea sombra. Nem no trabalho, nem na pratica da oração, na clausura, encontrara completa tranquillidade. Sempre o vacuo na alma, a ardencia na imaginação, a vontade sem objecto. Deus e a bemaventurança, eram demasiadamente grandes para os materialisar nas suas aspirações; o ensino de costura, o buliçoso convivio com as discipulas não lhe socegaram o cerebro. Sentia-se capaz de muito mais, aspirava a interesse mais forte; os sentimentos altruistas, que espontaneamente lhe brotavam no peito, queriam outra applicação, tornarem-se mais uteis. Não fôra esta a historia de toda a

(1) Morte de D. Agostinho.

sua existencia, desde tenros annos? Preferia dedicar-se aos outros, trabalhar tangivelmente para allivio das penas alheias. Talvez porque no convento não podera realisar completamente esta aspiração, e, durante largos espaços, a mente lhe ficava vagabundeando livre, é que lhe vinham inquietações e sobresaltos indefinidos e inexplicados. Ella que tinha de si caracter doce e paciente, muitas vezes era irascivel com as discipulas; ella em quem a conformidade para vida obscura era dom natural, sonhava com orgulhos e vanglorias. Não podia deixar de ser doença; porque concorrentemente com um tal estado nervoso, vieram o emmagrecimento, a pallidez, as olheiras e as tristezas. Falta de appetite, somnos curtos, interrompidos com visões. Por isso, a lembrança de D. Genoveva para a tirar do convento temporariamente, não encontrara opposição no seu querer, ainda que algumas poucas lagrimas lhe molharam as palpebras na despedida. Assentiu com um sorriso triste. Quando atravessou a cidade, de Belem a S. Vicente, de dentro do *coupé*, prendia-se á labuta da gente, que andava moirejando na sua vida. Conhecia que respirava com mais desafogo; o interesse que descobria nos outros, tornava-lhe o seu proprio existir mais captivante. Talvez tivesse andado com leviandade, obedecendo ao imperio d'um desgosto transitorio, quando trocara o governo da casa, que em tempo lhe offerecera D. Genoveva, pela tranquillidade contemplativa que presumira encontrar no convento. Assim parecia, visto os primeiros dias d'esta vida livre, com cuidados e obrigações diversas, tanto a interessarem

e lhe trazerem côres novas ao rosto. Mas foram apenas duas semanas, porque após ellas o coração padecia-lhe da sua delicadeza congenita. Josefina não podia servir só para isto, que era trivial; dentro d'ella moravam melindres de sensibilidade, que mereciam emprego condigno. Porque o não tinham, é que lhe voltaram as ancias de que soffrera no convento: as insomnias, as tristezas, que não conhecera, quando passara noites junto do leito de D. Brites, e a trabalhar para o sustento de D. Agostinho. Coincidiu a nova crise, com a idéa de a mandarem para Santarem e, portanto, com a referencia do Oliveirinha ao hospital do Barbas. A revelação da existencia d'este instituto de caridade obscura e evangelica alagou-lhe de sympathia o peito affectuoso. Quem lhe dera ver com os olhos do corpo, essa obra, que os da imaginativa lhe mostravam como representando uma idéa santa! Logo procurou influir D. Genoveva para visitarem a casa designada, de côr amarella e sem nenhuma taboleta, na calçada de Santo André, ao meio da subida...

*

* *

Foram sob o pretexto de ver a creança por quem o Oliveirinha se interessava, e abonaram-se, á porta, com o nome do popular facultativo. Installação recente. Apesar do acrisolado amor pela casa, os serviços e

a limpesa eram manifestamente imperfeitos. Que admira, se a direcção estava sob a vigilancia do Barbas — um homem! — e entregue á sua velha Joanna com duas ajudantas, mulheres communs, que uma agencia de creadas fornecera! A dedicação e empenho de João da Terra não podiam fazer tudo, apesar de pensar n'aquillo de dia e de noite. Tão embebido andava o philosopho, n'este supremo interesse da sua alma, que até faltara ao ultimo jantar epicuriano que dava a Julião, Claudio e Manuel, no vigesimo dia de cada lua, para celebrar a memoria do Mestre, que assim o prescrevera em testamento, aos herdeiros da sua doutrina. Tambem rareava nas palestras philosophicas em que discreteava, com o enthusiasmo proprio das suas convicções, acerca de assumptos de alto interesse moral. Bem sabia, que a sua creada, apesar de toda a dedicação, boa vontade e geito para doentes, não bastava para tomar o supremo regimento d'um instituto, cujo fim levantado era aniquilar a Dôr e restituir saude e felicidade aos desemparados, que ali se recolhessem. Tinha elle, pois, de se conservar álerta, para dirigir e mandar; mas sentia que o seu hospital estaria incompleto, emquanto não apparecesse a mão divina d'uma mulher amoravel, emquanto estivesse ermo da solicitude delicada e adivinhadora d'um ente, que possuisse o condão affectivo das mães. Os innocentes doentinhos olhavam-lhe com desconfiança as longas barbas; nas primeiras horas, pelo menos, soffriam d'aquelle seu rude aspecto de athleta! Onde se encontraria a creatura sonhada, como descobrir essa personagem que só tinha

realidade na imaginação? Esta idéa brocava-lhe constantemente o cerebro, atormentando-o. De enfermeiras, já com pratica de hospitaes, ouvia dizer mal; de religiosas afastava-se elle, por causa do espirito de seita, que lhes dirigia o querer. A caridade d'estas mulheres arregimentadas para a exercerem, não era a caridade como elle a entendia: vinha do entendimento e não do affecto, e Epicuro mandava-lhe que subordinasse tudo á sensibilidade. Era acto de vontade, que não brotava expontaneamente do coração, tal a bonina nascida em valado inculto. A interesseira mão do homem é que depositava a semente d'onde provinha essa flôr. Na sua philosophia, os actos bons deviam morar proximos dos sentimentos que os geram, a sensação sempre ligada intimamente á acção, a vontade só devia operar como elemento impulsivo. Ensinava-lhe isto o Mestre, dando á intelligencia papel secundario de consultora na escolha dos meios, para se conseguir o *bem elementar* que é o prazer, e o *supremo bem* que é a ausencia da dôr, a formosa e sublime tranquillidade da alma.

No momento em que D. Genoveva, acompanhada de Josefina, bateu á porta do hospital do Barbas, ajudava este a sua velha creada, a dar um banho aromatico a um doentinho. Como a mulher do Oliveirinha dissesse quem era e o fim que ali a trazia, João da Terra veio recebel-a, com o intuito de a levar junto do leito do pequeno pneumonico, por quem se interessava. Emquanto iam no corredor explicava:

— Estamos muito no começo... Immensas faltas... Queria-se uma pessoa de geito para creanças e que en-

caminhasse as curas com bondade e amor. Faz-nos mingua uma enfermeira, que seja mãe dos nossos doentinhos. Meios materiaes temos. Precisamos dos outros...

Escondeu delicadamente o nome do bemfeitor d'aquella casa... Os actos bons falam por si e, como diz o evangelista, a mão direita deve ignorar o que faz a esquerda. Visto não se pedirem adhesões, nem obulos, corria tudo na maior expontaneidade e independencia.

Josefina conservava-se silenciosa, sempre na sombra de D. Genoveva, que falava expedita. Soffrera grande commoção ao encontrar-se de novo com o Barbas, pelo tropel de idéas associadas, que a presença d'elle lhe trouxera ao cerebro. Era o mesmo homem, que pela primeira vez vira, no dia em que D. Agostinho, Bonifacia e ella abandonavam o velho palacio dos Cunhas! Ao lusco-fusco, dentro das melancolicas ruinas, já se não via; e o Barbas caminhava adiante, alumiando com um coto de vela na mão. Era de tal modo especial e caracteristico o seu aspecto que se, em vez de ser ali, o reencontrasse n'um ponto qualquer do mundo, onde o não pudesse presumir, havia de reconhecer este homem alto, espaduado e forte, coberto pelo comprido casaco, a barba longa e mal tratada, o olhar doce e compassivo de epicurista, esse olhar de quem anda com a mente povoada de sentimentos agradaveis. E aquelle geito de andar aos solavancos? o bater forte dos tacões no soalho, quem o tinha senão elle?!... Era o mesmo, não mudam creaturas d'esta sorte e, quando uma vez vistas, deixam na memoria imagem indelevel. Impressões como Josefina recebera n'esse dia assigna-

lado da sua vida, tambem não desapparecem facilmente. São instantes em fogo, riscam no cerebro traços que se conservam até ao ultimo vislumbre da memoria. Não fôra o Barbas quem, na mesma noite d'este triste dia, lhe entrara em casa com D. Agostinho morto nos braços?!... Quadro unico, que Josefina muitas vezes relembrava, sem a intervenção de vontade, nos seus momentos de solidão.

Ia ella rememorando tudo isto, ao tempo que o Barbas se lamentava das faltas do seu hospital. Intelligencia preventiva, tambem descobria muitas negligencias, provenientes da ausencia d'um querer solicito: eram roupas mal cuidadas, frascos de remedios sem rolha, o soalho com nodoas, as camas pouco esmeradas... Como a encantasse o discretear do philosopho, acerca do seu grande pensamento de guerrear a Dôr, de implantar, nos pontos onde ella brotasse, a paz, a felicidade e o goso, interessou-a, para ella, tão nova e tão formosa doutrina. Do fundo do seu coração erguia-se uma voz evocativa, unisona com esta. O seu natural carinhoso reclamava tambem protecção para os desamparados. João da Terra dirigia-se-lhe com a simplicidade natural do seu caracter, no seu pregar apostolico, quando D. Genoveva, sorrindo disse:

— Não a conhece?

O Barbas carregou o sobr'olho e respondeu:

— Creio que não...

Porem, como no sorriso e na entoação da mulher do facultativo houvera qualquer coisa de picante, o Barbas affirmou-se melhor, puchando pela reminiscencia.

Não podia recordar-se; e como fosse delicado e sensivel, temia estar faltando a qualquer dever de delicadeza. Porpureou-se-lhe o rosto, procurava meio de obter benevolencia para a sua desmemoriação... Por isso tornou confuso:

— Por mais que faça... não me posso lembrar... Perdoe...

— De casa de D. Agostinho...— auxiliou-o D. Genoveva.

O philosopho bateu na testa uma grande palmada! Brilharam-lhe os olhos, illuminou-se-lhe o cerebro exclamando:

— Ah!... Ah!... a afilhada de quem elle era tão amigo! Lembra-se d'aquella ultima e dolorosa noite?

Os olhos de Josefina, os formosos e vivos olhos de Josefina, que tanto avultavam agora na sua pallidez, encheram-se subitamente de lagrimas. Via os rostos de D. Genoveva e do Barbas n'um denso nevoeiro... Do passado chegavam-lhe lamentos de saudade. Procurou esconder a sua legitima dôr, voltando-lhes a face. O Barbas concluiu:

— Mas como está mudada!... Ainda que fizesse os maiores esforços não podia reconhecel-a. Tem algum padecimento? Tem estado doente?...

No carinho com que pronunciou estas palavras, mostrou toda a sua alma, compassiva e boa. Em presença d'um presumido soffrimento, logo o coração se lhe fundia em piedade... Para não ter pranto, como Josefina, parece que lhe valeu a voz trivial de D. Genoveva affirmando:

— Agora está melhor. Está mesmo boa para o que esteve. Trouxe-a do convento do *Bom Successo*, onde ensinava costura. Pouco tempo ha; mas já parece outra. Meu marido receita-lhe ar puro, e convivencia cá de fóra. Lá dentro é muito soturno e resa-se, talvez de mais...

Josefina interveio para defender a casa, onde fôra carinhosamente tratada:

— E' o que se diz. As freiras são muito boas. Se me não dei bem, foi infelicidade...

O Barbas exclamou expontaneo:

— Conventos! vida presa de clausura! o diabo para o corpo e para a alma. Tira robustez e destroe a alegria. São casas onde se gera a superstição e se apregoa a dôr, como meio de conquistar o céu. Quem quizer ver Deus na sua grandeza e na sua gloria, não deve metter-se n'um quarto ás escuras, que isso é irracional. Olhe para o sol, para as estrellas, para as nuvens, para as arvóres, para as montanhas soberbas, para os campos floridos, para o immenso mar!... Ahi é que elle está, ahi é que se encontra! O mais é fanatismo, espirito lugubre de seita!...

Sentia no amplo peito uma onda de revolta contra a sequestração da creatura á natureza. Vida tranquilla, vida no campo, afastada do bulicio das cidades, como a aconselham e praticaram muitos dos antigos philosophos athenienses, comprehendia-a e louvava-a. Gera bom sangue, estabelece equilibrio nas forças organicas, dá á mente comtemplação e variedade. No descriptivo dos aspectos da natureza e das phases das

estações, encontrara Lucrecio, o poeta do epicurismo, as melhores tintas, para divertir a imaginação. E concluiu em tom bondoso e de conselho:

— Abandone o convento! Não volte a metter-se entre essas quatro paredes sombrias, que lhe tiram a vista do sol e das flôres. A ventura, a felicidade é uma planta multicor, que nasce expontaneamente por essas varzeas. O seu Deus, minha menina, não póde dar-se bem em masmorras; ahi só crescem tortulhos. Não volte para o convento. Occupe-se em diminuir a dôr no mundo e n'isso encontrará o que lhe falta: paz, tranquilidade, alegria e saude.

— E' o que tambem lhe prego, cá a meu modo — disse com satisfação D. Genoveva. Em minha casa, é tratada como filha. Nada lhe faz mingua.

Josefina sorria aos dois que por ella se interessavam, com uma expressão de assentimento.

V

A ENFERMEIRA

Dona Genoveva, já não pensava em mandar Josefina para Santarem; esta, por seu lado, ia perdendo a tenção de voltar para o *Bom Successo*. O desafogo dado ao corpo e ao espirito pelos novos interesses creados na vida, tornaram-lhe melhor côr ao rosto, alegria á expressão, a conversa mais desanuviada. A obra beneficente do Barbas, tocando-lhe o bonissimo coração, decerto concorrera para tal mudança, visto que mais d'uma vez pediu á mulher do Oliveirinha, para ali voltarem. Como fossem sempre recebidas de boa cara, a bondosa senhora promptificava-se, sem comprehender que taes desejos representavam uma idéa a trabalhar no cerebro de Josefina, e só por si explicavam a mudança n'aquella saude. Quem a observasse junto dos pequeninos en-

fermos notaria que ali o caracter se lhe modificava e reapparecia a antiga rapariga dedicada e amoravel. Não era necessario solicital-a para compôr os leitos que via mal arranjados, para inventar carinhos com que vencesse a opposição dos doentes aos remedios, para, com as suas mãos geitosas de fada, proceder a curativo de causticos e de ulceras, sem provocar choros. A velha Joanna, admirada com tal maravilha exclamou:

— Ah! menina! Se estes desgraçadinhos a tivessem por sua, como seriam felizes! Isso não são dedos, são beijos...

D. Genoveva e o Barbas não ouviram; porque estavam um tanto afastados. Josefina sorriu sem dizer palavra. Tal silencio era quasi um assentimento. Seria esta formosa idéa de apagar o soffrimento no corpo d'estes miseros, que lhe andava na cabeça a trabalhar? Talvez: e ninguem dirá que não fosse mais levantada do que ensinar costura no convento do *Bom Successo.* As pulsações d'aquelle coração batiam isochronas com as do excellente Barbas. Ella que vivia apegada á fé religiosa e á devoção de Nossa Senhora, irmanava-se, pela sensibilidade, com o philosopho que pregava, como supremo bem e supremo fim da existencia terrena, o prazer e o goso. O seu animo tambem lhe dizia que tinha força para cumprir tal missão, se a ella se votasse. Que fôra ella, na edade ainda impubere, senão uma enfermeira?! Aos doze annos já passava noites junto do leito de sua madrinha D. Brites e nos seguintes amparara a velhice de D. Agostinho, que consumira annos para morrer do que morreu. N'aquelle

arruinado palacio dos Cunhas, onde, nas asperas invernias, o vento uivava furiosamente como n'um pinheiral deserto, andara muitas noites a pé, á luz bruxuleante d'uma lamparina, para soccorrer, nas crises de soffrimento, esses dois entes, que eram a sua familia e de quem recebera agasalho na completa infancia. Pelo goso que já então sentia em gerar allivios com a sua solicitude, presentia em si, superior a qualquer outra, a vocação de aniquilar as dôres alheias. Por isso, desde a primeira vez que fôra ao hospital do Barbas, no seu coração principiou a germinar o desejo de vir soccorrer aquelles pobresinhos, orfãos de santas meiguices; apesar da extrema doçura e bondade do Barbas e da sua creada lhes darem tudo que podiam. Não era isto reatar o seu passado, rehaver a tradição da sua natureza, continuar a propria historia interrompida?!...

Quando o Barbas e D. Genoveva voltaram a acercar-se do leito, junto do qual estava a velha Joanna e Josefina, o philosopho apreciando o esmero com que esta accomodava na travesseira, a cabeça loira d'um enfesadito, exclamou sem proposito definido:

— Eis! do que elles precisavam! uma enfermeira assim geitosa e dedicada. A minha Joanna foi boa, mas agora não póde...

Josefina considerou com um sorriso modesto:

— A senhora D. Genoveva que me dê licença e eu virei todos os dias de manhã, ajudar alguma coisa.

No semblante do Barbas appareceu de subito uma animação radiosa! Os seus olhos illuminaram-se e d'el-

les sahiram lampejos triumphaes! Voltado para D. Genoveva supplicou:

— Que enorme fortuna! Consinta minha senhora! Em nome d'estes desgraçadinhos... lhe peço.

O caso era inesperado. A mulher do cirurgião sentiu-se embaraçada. E disse:

— Eu por mim!... Mas como é que tu, uma doente, has de tomar conta de doentes? Olha, falaremos lá em casa.

Consultado o Oliveirinha não se mostrou contrario. Se os nervos de Josefina apeteciam tal occupação, para se apasiguarem, que experimentasse. Podia-se fazer uma tentativa: iria na parte do dia em que Julião Esteves fizesse a sua visita, ajudava aos curativos, visto fazer n'isso gosto, demorava-se algum tempo para deixar as coisas determinadas, e voltava para casa. Em boa paz, o facultativo, aconselhou sua mulher:

— Deixa-a. Isto de raparigas ninguem as entende, quando se trata do nervoso: faz-lhes bem aquillo que, o simples bom senso, nos diz que devia fazer mal. Rasão tens tu: um doente tratar de doentes, para ter saude, parece-me grossa tolice. Mas não será, o mundo anda ás avessas. Deixa-a, talvez isto a cure. Que experimente, que experimente...

Começou por ir todos os dias ás dez horas da manhã, retirando-se ás duas da tarde. E tão rapidamente se lhe transformou o parecer de contente, tal placidez lhe adquiriram os olhos com este novo e delicado interesse, que a sua expressão perdeu a vivacidade doentia, denunciativa de frenesi d'alma. Os somnos corriam-

lhe agora socegados — compensação d'uma vida occupada em estimado trabalho. Ao fim de quinze dias, já se demorava no hospital até á noite, com assentimento e por conselho do Oliveirinha que disse:

— Bem, bem... Se ahi está o remedio facil é obtel-o. A maioria dos medicos mandar-te-hiam applicar duches d'agua fria, tu melhoras com duches de paciencia. Está dito: o que nós queremos, Josefina, é a tua saude. Antes tratar doentes em liberdade e por querer, do que presa no convento a ensinar meninas por birra. Prendeste agora a imaginação á arvore de fazer bem, imitando o tal excentrico do Barbas!... Está dito: melhor é do que rosarios e missas n'uma atmosphera nervosa. Comprehendo, que tendo-se esse geito que tu tens, se esteja á vontade n'um hospital, comprehendo. A mim, se me tirassem agora os doentes, era capaz de emmaluquecer. Olha que era — disse para D. Genoveva — faziam-me falta. Que continue, deixa-a continuar, que fique até de noite se isso lhe dá gosto.

— Isso de ficar lá de noite, tó rola! — exclamou a esposa defendendo a virtude de Josefina. N'uma casa onde entram e sahem homens á vontade, tó rola... E' uma rapariga nova e bonita, não tem familia; mas tomei-a ao meu cuidado. Que havia de dizer o mundo?! Irá de manhã, virá ao fim da tarde, visto ser casa séria e estar lá aquella velhota, com quem tenho conversado e é das minhas. P'ra de noite que arranjem outra.

— Tolice — observou pacificamente o facultativo — se a casa é séria e honesta para estar todo o dia, tambem o é para dormir de noite. De noite é quando

os doentes precisam mais de cuidados, especialmente se se trata de creanças.

—E isso não dará então cabo d'ella? — argumentou D. Genoveva. Deitar, levantar... torna a deitar, torna a levantar... sempre n'uma roda viva. Isso arrasa um gigante, quanto mais uma rapariga fraca.

Josefina, que ouvindo consolada, como estes dois bons amigos lhe deffendiam a virtude e a saude, observou:

— Mas era o que eu fazia, quando só tinha doze annos e acompanhei minha madrinha na sua doença de tanto tempo. Se a senhora visse... E nunca me achei mal por isso. Até parece que andava mais rija.

D. Genoveva exaltou-se; por ver que a contradiziam n'este ponto. Parecia-lhe descobrir nas palavras de Josefina, certa ingratidão, para o affecto que lhe mostrava. Pois não era singular, que quizesse trocar uma casa socegada, de pouca lida, com abundancia em tudo, por um hospital onde não ha noite, nem dia, visto as doenças se agravarem repentinamente, quando Deus quer? E pronunciou com vehemencia:

— Pois vae! pois vae se lá estás melhor do que aqui. Tenho eu alguma coisa com isso? Tu não és minha filha, nem minha parenta, tens a vontade livre.

— Oh! minha senhora! Não me supponha tão má, nem desagradecida; porque o não sou — disse Josefina abraçando-a e beijando-a com todo o carinho. Como a senhora mostrou tanta sympathia por aquelle hospitalsinho, é que me offereci para ajudar nos curativos, visto ter alguma pratica e até inclinação para este serviço. Se m'o consente continuarei como até

aqui; se a senhora se oppõe, não voltarei. Seja minha amiga e minha mãe, que já não posso ter outra na terra.

D. Genoveva tinha lagrimas nos olhos, ao ouvir tão sentidas palavras. Seu marido, um coração molle, levantou-se com o chapeu e a bengala, dizendo em caminho da porta:

— Bem, decidam como quizerem e não se zanguem. Eu cá vou-me á vida, ver esses doentes, que ainda tenho muitos para visitar. Uma grande lide, esta minha! Em todo caso — concluiu voltando-se — não vejo mal em continuarem as coisas como vão.

* * *

Um dos sonhos queridos do Barbas realisara-se com a entrada de Josefina ao serviço do seu hospital. Apesar de ser no começo só de dia, mesmo assim se demonstrou logo, a acção benefica d'esta vontade intelligente e ordenadora, na disposição geral dos trabalhos e nas minucias e cuidados do que dizia respeito a limpeza e dietas, medicamentos e curativos, pois tudo corria estrictamente segundo os conselhos e ordens de Julião Esteves. O Barbas vivia na adoração muda de Josefina! Quantas vezes os olhos se lhe humedeceram de enthusiasmo, ao contemplal-a, com o carinho natural da sua expressão, acercada dos pequeninos leitos,

ageitando a roupa com as suas mãos brancas de princesa, suspendendo as cabecinhas aneladas, com a delicadeza com que se suspende uma pluma ou uma flôr, para lhes approximar dos labios o leite, os caldos e os remedios?! Se elle, um philosopho, pudesse acreditar em anjos do céu, era um d'esses anjos, que lhe tinham enviado para seu lado, a batalhar com denodo e exaltada fé, contra a Dôr, o pavoroso mal, que pelo mundo anda espalhado como um virus, a contaminar a Vida e destruir a Felicidade. Admirava-a silencioso, recolhido no seu applauso interior, cheio de commoção, por reconhecer que a semente lançada á terra lhe rendia cento por um. E quando Josefina lhe annunciou, que tinha licença dos seus protectores para ahi se demorar até á noite, o bom epicurista agarrou-lhe os dedos, como se pegasse em joias, e com ternura de pae e lagrimas, que lhe escorriam diretamente do coração disse:

— E se vem adoecer n'este trabalho? Querendo produzir o bem, teremos de gerar o mal?! Não deve ser. Procuremos o goso, mas sem esforço. E' necessario que elle venha natural, como a luz em manhã limpida.

— Nunca me tornará doente este trabalho — respondeu Josefina. Não sabe que, ainda muito creança, já tratava de enfermos? Minha madrinha... meu padrinho, o senhor D. Agostinho...

O Barbas interrompeu com exaltação:

— Falava sempre da menina com enthusiasmo! Pobre amigo! Tinha-lhe amor de pae. Agora compre-

hendo esse sentimento. Ha tanta dôr pelo mundo! E' indispensavel afogal-a em goso. Basta que ella desappareça, logo chega o bem-estar. Porfiemos em lhe dar fim, em a substituir pela tranquilidade, pela alegria e pelo prazer...

Josefina sorriu d'um modo triste. Tinha os seus formosos olhos mergulhados n'uma treva...

— Que pena! — disse — morrerem tantos! Quando aqui entram, é quasi sem esperança.

— Morrer não é o peior; soffrer é o principal!— pronunciou com o rosto de illuminado. A morte é o final da dôr... e de tudo! Em quanto a gente vive, sente; quando se não vive, tudo é indifferente.

— Mas a vida eterna, as penas da vida eterna?!...

João da Terra teve um gesto vago e amplo, em que abrangeu todo o universo n'uma nuvem. Com a delicadeza natural da sua alma, respeitou a crença de Josefina. Para não denunciar desharmonia de idéas com ella, significou, no seu gesto, referencia a um objecto distante e innaccessivel. Apesar d'esta moderação, na alma crente da enfermeira passou uma sombra, que elle reconheceu na magua d'aquelles bellos olhos, ora tristes. Porem logo remediou o mal dizendo:

— Mas devemos, certamente, fazer todos os esforços para conservar a vida a estas creancinhas. Nem aqui estamos senão para isso. O preceito do nosso pensar, em cuja realisação empregaremos toda a alma, deve ser este: «se depositar-mos n'um prato de balança as dôres d'uma existencia, e no outro os prazeres, é este que deve descer e o outro subir.» As creanças tem mais

direito á vida do que os velhos ; pois ellas são a aurora, que principia, trazendo-nos a esperança de vir repleta de bens, para espalhar no mundo.

Josefina ouvia-lhe o psalmear vago, como se fossem sons de vento, gemendo nas quebradas de montes longinquos. Era o philosophar do Barbas; era o Barbas a exteriorisar os seus pensamentos constantes, sem lhes impôr consistencia de argumentação. Para dar uma boa nova a Josefina, e ao mesmo tempo encontrar-se com ella no terreno commum dos sentimentos altruistas, disse-lhe de repente :

— Como acaba de chegar, ainda não viu o novo doentinho. Entrou esta noite. Trazia um braço partido e parecia soffrer ; porque dava muitos gemidos. Julião pôz-lhe logo uma ligadura. Dormiu socegado. Venha vel-o ; é lindo como os amores.

Levou-a á enfermaria grande. As dez camas, que ali cabiam, estavam todas occupadas. Perto da janella, illuminado o rosto pela claridade vinda atravez d'uma cortina branca de panno lavado, estava um innocente de seis annos, que sorriu a João da Terra, quando este lhe perguntou :

— Estás melhor ?

— Sim.

— Doe-te o braço ?

— Sim.

— Queres uma bolacha ?

— Sim.

— Gostas d'aquelle senhor de hontem á noite ?

— E' mau !

— Ficou com uma quisilia a Julião que não imagina! — esclareceu. Até sonhou com elle de noite. Fracturou o braço, cahindo na borda do passeio, quando fugia d'uma carruagem, que ia para um baile...

Josefina, depois de beijar a creança, perguntou-lhe:

— Sempre queres a bolacha?

— Quero a mãe.

— E umas sopinhas de leite?

— Quero a mãe.

— Pois ella vem logo e vamos ao leite e á bolacha.

As creadas de serviço, ao presentirem Josefina, logo lhe vieram falar. Depois que ella tomara a direcção do hospital, trabalhavam com melhor methodo e gosto, pois n'ella reconheciam qualidades de mando, que se tornaram evidentes, desde o primeiro dia, que áquella casa se votou a sua intelligencia solicita e clara. Em virtude d'isso é que Julião Esteves opinou, deante do Barbas:

— Agora digo-te que sim. Esta enfermeira satisfaz-me. Faço mais gosto em vir cá.

E fazia. Interessava-o a clinica hospitalar, que está mais proxima da sciencia, que do ganho. Pouco fazia para o trabalho lucrativo lhe augmentar. A pequena fortuna deixada por seu tio, garantia-lhe existencia modesta, sobrando-lhe tempo para se embrenhar na complicada selva da microbiologia, e seguir interessado o modo de existencia e os habitos dos infinitamente pequenos. Esse mundo quasi phantastico e impresumivel, em que os seres que o formam se reduzem a tamanhos tão modestos, que a mente desajudada de

instrumentos adequados, mal os pôde conceber, preoccupava-o grandemente, pois ali encontrava uma vida rudimentar, talvez origem de toda a Vida, e d'onde, por lufadas de creações successivas e superiormente hierarchicas, terá sahido o melhor de tudo que interessa a nossa alma. Quantas vezes Julião se perdera em conjecturas, acêrca da potencia inicial d'um ser, que engrandecido pelo microscopio centenas de vezes, fica da grossura d'um cabello, do tamanho da cabeça d'um alfinete, do feitio d'um pequenissimo oito, d'uma virgula perdida na superficie opaca do vasto mar d'uma gota liquida! Será d'elle que surgiu, no infinito dos tempos e no espaço do globo, a flor, o leão, o homem levantado no seu pedestal de genio, a mulher com a realesa dos seus encantos? !... Para alem d'aquillo que a nossa vista desarmada contempla, existe uma vida fecunda, variada, omnimoda, e até interessante para aquelles que a conhecem. Os microbios tem os seus habitos, modos de associação, preferencias, luctas de morte como os grandes animaes, como o homem. Fecundam-se para se multiplicarem, destroem-se questionando o alimento de que se nutrem, o ar que respiram. Armam-se em batalha uns contra outros, conluiam-se os mais vulgares contra os mais nobres. Uns certos sustentam os organismos superiores, alongam a existencia da planta, do animal e do homem; outros, os pathogenios, guerream-na implacavelmente, aniquillam-na com furia, quando podem. Com o seu infinito poder de procreação, crescem em numero, organisam-se em exercitos de milhões e milhões, corrompem o san-

gue, atacam os orgãos essenciaes á nossa existencia. Estabelecendo-se cavilosamente dentro da fortaleza que pretendem derruir, nos viveres ahi armazenados se repastam, depois de a terem tomado. N'esse infinitamente pequeno está o veneno mais subtil e mais energico; veneno que, em quantidade inapreciavel que uma imaginação potentissima não poderá materialisar, dá morte cruel e dolorosa, queimando-nos o corpo n'uma fornalha de febre. Apodrece, com uma rapidez prodigiosa o mais bem fabricado musculo de athleta valente, o cerebro mais poderoso, a mais encantadora formosura! Insensivel e desconhecedor dos sentimentos nobres, nem a bondade lhe merece compaixão, nem a belleza amor, nem a innocencia carinho — é cruel, violento e sem generosidade. Será, pois, ahi, na parte boa, não pathogenica, d'esse mundo incommensuravel de vida elementar, mas abundante de seiva, que terá começado o mysterio da nossa existencia; o apparecimento da serie humana, que tem caprichos e vaidades, rasgos de genio artistico e scientifico, os odios e sympathias que dão logar á destruição e ao heroismo?!...

Julião Esteves, com a sua eloquencia attractiva, se falava de sciencia, levara acaudilhada á sua, a imaginação do Barbas, atravez da senda maravilhosa da vida, da immensa epopeia da creação. E rematou dizendo-lhe com ironia:

— Que sabe d'isto a tua philosophia, meu philosopho. Ou que philosophia é essa, que desconhece o facto capital da nossa existencia?!

— Desconhece o que?!... Sempre o investigou. Tu ignoras a nossa vasta e antiquissima litteratura. N'esse ponto somos da mais illustre e antiga linhagem. Tu, reles materialista, é que nunca leste Democrito o mais celebre physico da antiguidade grega, da divina antiguidade grega, e o mestre do grande Epicuro. Nunca leste Lucrecio, o supremo poeta da sciencia, que no *De rerum natura,* já nos diz em soberbos versos, quanto depois se tem confirmado, acerca da vida e do progresso da natureza. Aristoteles era tão revolucionario que suppunha as enguias nascidas do lodo, e nunca assignalou origem sobrenatural ao mundo que contemplamos. Seguramente o vosso microscopio é um bello instrumento e a vossa chimica tem poderosos meios, para nos approximar da verdade. Porém, haver adivinhado a mesma verdade, só com o poder da imaginativa, com a suprema intuição de poetas, que tiveram, tanto os epicuristas gregos como os romanos, é supinamente grandioso. Apesar de mais adiantados agora (porque o progresso é lei da intelligencia e do universo) voces não chegam, como ninguem chegará, a penetrar a essencia das coisas. A essencia de tudo, ser-nos-ha eternamente desconhecida. Necessario é que assim seja, para que na nossa alma exista a semente da poesia que é o mysterio e haja sempre na mente do homem alguma coisa a que tenha de aspirar...

O medico interrompeu-o n'uma voz pausada:

— No dia em que o homem tiver a certeza de tudo, viverá tranquillo. Esse dia hade chegar indubitavel-

mente e será o verdadeiro da ataraxia, que tu apregoas como o supremo bem.

— Certamente: isso quanto aos effeitos e ás leis; mas a causa absoluta, a primeira, será sempre ignorada.

— Que me importa a mim a causa absoluta, a *primeira?* Dos effeitos é que nós vivemos, e com o seu conhecimento é que nos consolamos.

— Pois sim; mas não desdenhes a philosophia, que te dá a idéa poetica do universo, nem a *canonica* de Epicuro, que te ensina a raciocinar. Se o fizeres, serás como o cego encostado ao bordão, trilhando um caminho para elle desconhecido. Encosta-te á philosophia, se queres ir seguro e direito.

*
* *

Com um desdenhoso movimento de hombros, Julião entrou no seu laboratorio do microbiologia. Era onde passava as melhores horas do dia, no meio dos seus coelhos, porcos da India, ratos brancos e pardos, galinhas, pombos e outros animaes. Com o seu ajudante, o Sousa, um intelligente rapaz, simples e dedicado, é que manuseava o instrumental, ambos cobertos de casacos de linho. Na bem illuminada sala, viam-se por toda a parte, em cima de mesas, em estantes, em armarios: campanulas, balões, tubos, frascos, cristalisadores, oeses e pipetes... brilhando. Em vidros cobertos,

com mangas de cautchu, ou de papel esterilisado, havia liquidos de côres varias. Aqui seguia elle as agitações da força, que anima ou destroe o nosso organismo. Familiarisado com este trabalho, quando no microscopio encontrava o bacillo, cujo apparecimento tinha previsto, soltava exclamações de ingenua creança: «Cá está elle! Foste pilhado, meu amigo! Olhe: quer ver Sousa? Aqui o tem, nedeo e gordo.» Eram encantos como os do astronomo, que no infinito espaço descobriu o corpo celeste, que o seu calculo previra. Porém os enthusiasmos de Julião, apesar de mais intimos, talvez lhe fizessem vibrar com maior intensidade o cerebro do que ao astronomo, pois tinha ali, a pequena distancia, a potencia, o divino sopro que destroe e vivifica o universo, acompanhando-o no seu movimento ininterrupto e immortal. Era isto trazer o céu para a terra, como fez Epicuro, quando aniquillou a soberba omnipotencia dos deuses, negando-lhes o caracter de indispensabilidade, que outros lhes attribuiam para a existencia das almas.

VI

VISITA AO HOSPITAL

STAVA Manoel de Sá absorvido na leitura d'uma revista scientifica da sua especialidade, seguindo com verdadeiro enlevo, as minucias experimentaes da descoberta d'um potente explosivo, de que uma só pitada poderia levantar montanhas. N'essa situação lhe entrou no gabinete sua irmã Kate, seriam cerca de onze horas da noite. Chegava de casa da tia Ermello, que a mandara na carruagem, acompanhada pela sua creada ingleza. No rosto divino de Kate havia ainda traços de gloria e magua, signaes da commoção recebida, n'esse dia, na barraca lamacenta, onde Julião operara a pobre creança, com o humanitario fim de a salvar da morte. Manoel ergueu os olhos, sabendo que os ia repousar no rosto, todo innocencia e candura, de sua irmã.

Aquelle cerebro sentiu-se subitamente interrogado, por Catherina:

— O que hoje vi, nunca o esquecerei! Vaes-me dizer melhor, quem é esse teu amigo Barbas.

Manuel, ao ouvir o nome do philosopho, respondeu na sua voz lenta:

— Um ratão, que se occupa na propaganda do bem; um philosopho epicurista, que, na procura de vida tranquilla, passa tormentos. Sendo o seu fim semear o prazer por entre os homens, encontra-se constantemente a braços com a desventura. Mas como te impressionou elle d'esse modo?! Alguma das suas abnegações! De certo que não foi, em casa da tia Ermello, que o encontraste!...

— N'um sitio muito exquisito e longe! Annica e eu fomos acompanhar a tia, na tal disiribuição de esmolas pelas casas pobres. N'uma especie d'arribana com o chão de terra, uma creança estava a morrer de molestia muito má, um garrotilho. Nunca sonhei coisa assim horrenda e triste! O pobresito soffria immenso, a cara roxa, os olhos esbugalhados, faltava-lhe o ar! N'aquella casa não havia nada; a miseria é coisa do inferno, Manuel! Lembraram-me as tuas heresias, que tanto affligem nossa mãe, quando dizes que era melhor não haver mundo. Santo Deus! Mas o Barbas, o Barbas! Que homem! que santo! Trouxe um cirurgião, que ali mesmo operou a creança livrando-a da morte...

— Julião Esteves, de quem tenho falado...

— Ah!... lembrei-me que fosse! Não houve apre-

sentações, não disseram o nome. Que rapaz sympathico! Ficamos encantadas com elle. A tia Ermello tambem. Como fez aquillo rapido! Coisa de affligir... Abriu a garganta aqui; (designou um ponto no proprio pescoço) porque a creança ia acabar abafada. Não sei como não cahi... sentia-me tão oprimida... Mas fui corajosa, acredita. Ajudei, vi cortar a carne e não chorei, não tivemos desmaios, nem a tia, nem Annica, nem eu. O cirurgião tambem inspirava força e confiança a todas nós. Não imaginas Manuel, foi coisa maravilhosa. Ao mesmo tempo que o sangue rebentava pelo golpe do pescoço, o rosto do innocentinho ia-se tornando natural. Parecia sorrir: foi assim, como uma nuvem que se rompesse deante do sol. Comprehendia-se que ia de novo viver. E viveu e vive e viverá, espero em Nossa Senhora.

— Deixa a tua Nossa Senhora e fia-te em Julião. Se elle o disse, viverá para mal do infeliz. Se agora morresse, evitava todos os tormentos que hade soffrer depois.

— Não digas essas coisas, que me apertas o coração...

— O mundo está cheio de maldades e injustiças, Kate — pronunciou em tom maguado.

— Não está tal. Se tu visses o que nós vimos, pensavas de maneira differente. O cirurgião operando com um desinteresse de verdadeiro christão; o Barbas levando a creancinha ao collo, para uma maca que tinha á porta... — referiu sonhando.

— Um e outro tem idéas religiosas bem diversas, das que lhes attribues. O primeiro é confesso materialista

e atheu, não acredita na alma, nem em Deus; o segundo é partidario d'uma philosophia que só de prazeres e gosos quer viver e d'elles povoar o mundo. Leva-te pelas apparencias, minha boa Kate...

— Não ha apparencias, nem meias apparencias. O que elles fizeram é sublime! Alliviaram a creança do soffrimento, livraram-na dos horrores da morte. Foi um grande acto de caridade. O mais não me importa. Que sei eu, que tenho eu com as philósophias de cada um?! Não tenho nada, Manuel; como nada tenho tambem, com as tuas idéas, que não comprehendo... Se fosse a acreditar em metade do que tu pregas, poderia amar-te tanto como te amo? Acabar com o mundo... era melhor não existir o mundo!... São tolices que se digam?

— E' a minha doutrina, a do *Nada* absoluto!...— pronunciou n'uma voz cava...

— Qual nada absoluto, qual historia! Pois tambem eu tenho a minha philosophia, a do muito amor por ti, meu querido irmão — disse Kate atirando-se-lhe aos beijos. E adoro tambem a nossa querida mãe, que é uma santa e já deve ter estranhado, que eu entrasse sem ir logo ter com ella, ficando-me aqui de palestra comtigo. Mas vae já conhecer o motivo, que é o muito interesse que tinha em saber coisas do tal operador e do Barbas, que levou o doentinho. Para onde é que o levariam? Para o tal hospital, em que me falaste?

— Nem tinham outra casa, onde o recolhessem.

— E isso onde é? A tia Ermello quer lá ir. Annica e eu acompanharemos.

— Na calçada de Santo André. Numero não me lembro; mas no sitio devem saber indicar. (E sorrindo.) Lá se vão chocar as duas caridades! Deve ser divertido...

— Não gracejes com estas coisas, que são muito mais sérias do que todas as tuas chimicas, que te fazem genio tão bronco... Bronco para os outros, que não para mim, a tua irmãsinha, muito e muito amiga e que se vae deitar, para não ouvir mais heresias d'essa tua bocca, que não diz sempre o que lhe vae no coração...

Despediu-se, dando-lhe muitos beijos e sahindo ligeira, como uma levandisca.

*

* *

Foi assim que a velha marqueza soube, onde poderia visitar o pobresito, que tanto interesse lhe inspirara. As informações de Kate, mais viva lhe tornaram a curiosidade, pois que na existencia obscura do hospital do Barbas reconhecia coisa bem diversa da grande associação, a *Esmola,* de que era presidenta. Aquella representava uma parcella da bondade immanente, que no mundo anda espalhada á procura de occasião de ser proficua e que é divino sopro das almas singelas; a sua, um mixto de nervosismo, interesse, orgulho e vaidade. De vespera mandou saber o numero da casa

e pedir licença para ver a creança. Sendo-lhe esta concedida, no dia seguinte, a sua pesada carruagem subia a calçada de Santo André, parando junto da soleira d'uma entrada vulgar.

O trintanario abrindo respeitosamente a portinhola informou:

— E' aqui, senhora marqueza.

— Tem alguma taboleta?

— Não, minha senhora.

— Podes estar enganado, Vicente. Pergunta por ahi primeiro. Escusamos de descer, se não fôr.

Um homem d'uma carvoaria, que viera á porta attrahido pela exhibição de grandeza, que a carruagem designava, confirmou a opinião do creado. Annica de Sousa e Kate sahiram primeiro, para darem a mão a sua tia.

A entrada, logo lhes deu idéa agradavel pela limpesa e modestia da habitação: os degraus velhos, um tanto roidos do caruncho, mas escrupulosamente lavados, tinham o alvacento da tabua muito usada; o corrimão, côr de chocolate, marcava uma barra escura na parede, pintada a óca, como o exterior. No patamar esperava as visitantes a figura graciosa de Josefina, com avental branco sobre vestido escuro, penteado liso enquadrando a testa ampla, os olhos cordeaes animando-lhe a expressão. A velha marqueza, que subira muito de vagar por causa do seu cançasso cardiaco, ao receber a suave luz d'aquelle rosto, que lhe apparecera sobre a parede amarellenta, tranquillo e socegado, como o da Virgem nos quadros gothicos, não reprimiu o agrado que sentira.

— Bom dia menina. E' sympathica a sua physionomia. Faz bem olhar para si.

— Muito bons dias minhas senhoras — disse simplesmente, sem modestia nem orgulho, um tanto ruborisada nas faces.

A fidalga, com o desembaraço proprio da sua edade e alta posição, accrescentou:

— Digo-lh'o já. Se tudo o mais fôr como o seu parecer, isto não será hospital, mas coisa muito melhor. E' a enfermeira?

— Confiaram-me esses cuidados...

Precedendo as visitantes, encaminhou-as para a sala maior, cheia de camas alinhadas aos dois lados e onde Julião Esteves, se occupava no cuidadoso exame dos seus doentes. O medico, envolto no amplo casaco de linho pardo, que o cobria do pescoço aos pés, suspendeu o trabalho para vir receber as senhoras. Mesmo de longe, a velha marqueza lhe falou com a sua voz de auctoridade:

— Olha o nosso doutor!... Magnifico encontro, vae-nos dar noticias do nosso doentinho...

— Livre de perigo, por agora, minha senhora. A molestia segue o seu curso. Tenho esperanças de o salvar.

— Salvo já elle foi uma vez. Se não chega n'aquelle momento...

— A asphyxia era extrema, era... Mas nem só a mim se atribua o exito. Com taes ajudantas, a operação devir correr forçosamente bem — concluiu sorrindo.

— Ah! nós servimos-lhe para muito... Talvez para

o embaraçar... (E designando Kate). Esta é irmã de meu sobrinho, Manuel de Sá, de quem julgo ser grande amigo.

— E grande admirador da sua vastissima intelligengia, uma das mais poderosas e complexas que tenho encontrado. Relacionamo-nos em Paris, onde o seu talento deixou rasto. Cabeça absolutamente independente, que só sabe viver nas regiões da sciencia pura...

— Sim, sim doutor... Independente o julgo eu de mais. Não lhe parece um tanto exaltado?...

— Dá-lhe essa apparencia o amor e culto da justiça. Alma inflexivel no julgamento da sociedade; coração de diamante, transparente e claro, para aquelles que estima. Mas ninguem possue mais bondade nativa, qualidades d'affecto superiores ás de Manoel, posto que, as suas palavras pareçam denunciar o contrario, pela intensa accentuação que lhes dá. Soffrendo, como poucos, com a existencia do mal, que pelo mundo se encontra facilmente, julgando improficuos todos os meios para o extinguir, prega o aniquilamento geral, como remedio unico. Esta furia em atacar a cubiça, a crueldade, o despotismo dos grandes contra os pequenos, mostra a excellencia e limpidez do seu caracter. Elle podia viver regalada e commodamente como os egoistas... mas a cabeça não lh'o consente.

A velha marqueza teve um sorriso amargo de não assentimento; Kate as palpebras humidas de lagrimas agradecidas. O seu rosto excitado, parecia o d'um pneumonico no auge da febre. Estas palavras de gran-

de nobreza e verdade, pronunciadas com accentuação clara e sem tibiezas, entravam-lhe no peito e sahiam-lhe em ondas de applausos pela imaginação. Nunca ella soubera exprimir, com aquelle vigor, o que sentia; mas Julião dizia a verdade pura, acêrca de seu irmão. Alma inflexivel, mas cheia de candura; coração duro como o diamante, mas luminoso e sensivel... Não o vira ella, em noites de primavera inundadas de luar, quando ambos vagueavam pelos terrenos adjacentes á casa das Monjas, enthusiasmar-se como qualquer poeta, com as bellezas do céu e da terra, admirando e explicando a disposição da aboboda azul, a fecundação gigante e permanente do solo, a potencia da vida revelada no apparecimento dos animaes e plantas?!.. E a piedade do seu coração, piedade consoladora e humana, que se lhe desentranhava em accentos doloridos, se na saudosa charneca encontrava, ao sol ardente, uma ovelha moribunda, abandonada e esquecida, junto do mattagal espesso, que tantas vezes lhe dera sombra e a defendera de chuvas e ventos?! Cresciam-lhe nos labios vehementes apostrophes contra os homens impiedosos, que assim abandonavam os fracos! D'aqui passava para as iniquidades das classes triumphantes, que do mesmo modo tratam, sem justiça, o trabalhador vencido na lucta social. Estas palavras ditas na solidão do ermo, com aspecto torvo e vingador, antes denunciavam peito compassivo para com o soffrer universal, do que alma intratavel, como o julgavam aquelles a quem Manuel despresava, no seu orgulho de intellectual. Por isso, em quanto a

velha marqueza escutava com sorriso contradictor o applauso de Julião, acerca de Manuel, Kate agredecia-lh'o, com toda a força emocionante do seu peito. E, assim, as duas almas se juntavam, n'uma região illuminada por sympathia reciproca e jucunda!

Não desejando a fidalga continuar no assumpto, e como já tivessem chegado á cama do pequenito, que o facultativo antes examinava, perguntou:

— De que soffre este?

— Profunda anemia, em fundo escrofuloso. Fome, má hygiene, má herança dos paes... a historia da classe a que pertence.

— Mas encontrou aqui magnifico tratamento... Enfermaria ampla, bem arejada, muita luz...—considerou a marqueza, passando os olhos no conjunto.

O sol entrava magestosamente pelas janellas de sacada, que ao fundo davam sobre um quintal, onde viviam, n'um barracão, os animaes de laboratorio. Atravez das cortinas, a luz apparecia n'uma brancura leitosa, distribuida por egual no aposento. N'aquella habitação de soffrimento physico, da miseria corporal, reinava tranquillidade de templo. A sombra benefica de Josefina passava imperceptivel e util, por entre as camas dos pequenos enfermos, ministrando-lhes sorrisos, palavras maternaes, aconchego que nunca tinham sentido, esmeros que nunca haviam gosado. O aceio, a limpeza, a ventilação abundante, tinham d'ali expulsado o cheiro pastoso dos medicamentos e dos caldos, o ar inquietador das febres e das exsudações. Havia doentes, mas não havia nem gemidos, nem signal

de dôr ; havia o mal que deriva da propria imperfeição da natureza, mas não a queixa da falta de carinhos e da ausencia de soccorros. O silencio, o methodo, a ordem eram normas reguladoras aqui dentro, na disposição dos objectos, no proceder das pessoas. Julião ia de cama a cama, acompanhado de Josefina, que tomava nota das suas prescripções e recommendações. Inquiria e examinava; em breves e sobrias palavras, expunha á marqueza e a suas sobrinhas, o caso de molestia de que se tratava. Quando, porém, os seus olhos pequeninos e penetrantes encontravam os grandes olhos scismadores de Kate, em que a virgindade d'alma se reconhecia na candidez angelica, no effluvio emanado da pupilla, tal o aroma da flôr balsamica do jasmineiro, ambos os olhares se perturbavam e o sabio tinha que repetir, o que dissera, com mais nitidez e felicidade. Catharina de Sá escutava-o e ouvia-o n'um mundo distante, como se fôra a voz magica do sonho, que viesse trazida como um echo, nas azas da brisa leve, atravez das regiões infinitas do azul, immutavel e eterno! A' sua inexperiencia não passara despercebida a falta de promptidão na palavra do medico. O seu coração alcançara, ou melhor, adivinhara, que o anteparo da exposição profissional escondia idéas bem differentes, sentimentos que, pyrilampos em noite calmosa, lhe vagueavam na mente, sem poderem entrar na conversação. Annica de Sousa, espirito ironico e penetrante, comprehendera tambem, que estava sendo objecto de differente exame. Muitas das explicações, que o facultativo dava, eram-lhe dedicadas. Isto talvez

derivasse de que ella havia averiguado que, no momento da operação, dias antes, os dedos do operador se haviam resentido do contacto da pelle setinosa de Kate, quando lhe entregara as pequeninas mãos do doente, para as guardar entre as suas mãos finas e aristocraticas.

Uma como faisca electrica o tinha mordido a elle. A sensibilidade de Kate alarmara-se, purpureando-se-lhe o rosto com uma onda sanguinea, que affluira. Em quanto ministrava ao operador os instrumentos, Annica de Sousa passara com o seu olhar, entre os dois olhares, a ver se encontrava fio magnetico a ligar-lhes os corações ingenuos no amar; sinceros, mas inexperientes e timidos na percepção d'esse sentimento traiçoeiro e complicado. Não chegava para tanto o seu engenho e destresa de pensamento; ficara-lhe apenas, no cerebro, uma opinião perplexa e confusa, mas nada inquiriu de sua prima. Com a differença de alguns annos na edade e mais trato da vida mundana, tinha-a na conta de pupilla. Entendia do seu dever conservar intacta aquella flôr da candura, a ephemera flor da innocencia e da illusão! Agora, porém, comprehendera tudo melhor. Confirmava o que fôra apenas vaga suspeita, perfume leve ou onda luminosa que durara momentos. Havia qualquer accordo tacito e instinctivo entre estes corações, que só uma vez se haviam encontrado proximos. Nascidos em mundos sociaes differentes, separados pela educação e pelo espaço; um entregue, nas salas d'estudo, ao cuidado dos altos problemas scientificos; outro sujeito, durante a mais recatada ju-

ventude, aos pensamentos religiosos, aos affectos de familia, aos arroubos de imaginação amortecida no aspecto calmo dos arvoredos alemtejanos, que tem a belleza de selvas meditativas. Como é que tão facilmente se teriam entendido, como é que tão promptamente se teriam adivinhado? Que esforço potente para n'um instante destruirem as altissimas muralhas que os separavam?! De que linguagem usaram, de que meios se serviram?! O rosto sempre expansivo e ironico de Annica de Sousa, apesar de se tornar grave, não encontrou a solução d'este problema, que a si mesma propozera!...

A fronte vasta, de largos pensamentos, do medico, desanuviou-se das pregas que n'ella designavam preoccupação. Melhor habituado ao mysterio das pupillas de Kate, desembaraçou-se-lhe a lingua, correndo a palavra com a justeza e afluencia habituaes. Visitado o ultimo doente d'esta enfermaria principal, disse-lhe a velha marqueza:

— E o outro; o que vimos operar?...

— Temol-o separado. Molestia excessivamente contagiosa.

E como percebesse nos semblantes das tres senhoras, certa expressão de interesse accrescentou:

— Querem-no vêr?...

— Ao menos da porta, não nos chegaremos ao pé— disse Annica de Sousa.

A velha marqueza rebateu com a sua auctoridade:

— Menina... se n'isso pode haver qualquer perigo...

— Que perigo minha tia? Este senhor tambem lá vae e não tem mêdo — observou Kate com denodo.

— Para mim o caso é differente. Estou no cumprimento do dever. De mais julgo-me invulneravel... como todos os medicos se devem julgar — rematou sorrindo.

Julião tranquillisou-as com o seu falar claro e franco. O maior risco já o tinham corrido, no momento da operação. Então, sim; então era de temer e por isso lhes recommendara a vigilancia e conselhos dos seus medicos privativos, para as guiarem nas precauções necessarias. Agora, já as circumstancias do doente eram muito outras. Estava sob a acção energica de todos os meios defensivos do contagio, para proteger as pessoas que o cercavam. Tinham-se annulado, quasi por completo, as probabilidades de transmissão da molestia; e nas condições em que collocara o enfermo, não julgava haver inconveniente em que o vissem e lhe fallassem.

Em virtude de tão animadoras informações seguiram pelo corredor, Julião adeante para as guiar. As senhoras ficaram fóra da porta. Como o quarto fosse pequeno, apesar de excellentemente ventilado e illuminado, viam perfeitamente o pequenito. Já tinha expressão natural e sorriso de agradecimento, para as pessoas. O medico defendido pelo casaco de linhagem apertado no pescoço e nos punhos, pôde acercar-se da cama; deu mais luz ao aposento e afastou-lhe ligeiramente a roupa do rosto, para que lh'o vissem bem. N'aquelle logar, o busto cortado no peito pela altura

do colchão, a palavra intelligente illuminando-lhe o semblante, tinha o ar d'um apostolo espalhando a sua doutrina e enchendo os animos de coragem e persuação. A ferida aberta no pescoço ia em progresso cicatricial. Afastado o perigo da asphixia, já tinham dispensado o aparelho, pelo qual respirava. Comparado este quadro risonho de cama bem lavada, quarto limpo, assistencia medica efficaz, com o que tinham visto no acto da operação, as tres senhoras sentiram-se consoladas, o animo cheio de enternecimento. Era uma visão do inferno transmudada n'outra celestial. A respiração lenta e facil, a serenidade do todo mostrava não soffrer muito. Que differença da physionomia convulsiva e vultuosa, n'um desespero supremo de vida, de quando entraram na loja lamacenta e fetida !. . .

— Tu conheces-nos ? — perguntou Kate.

— De certo que não — observou o medico. Quando o viram elle não as via, ou pelo menos não tinha o cerebro em estado de perceber.

— E' quasi um milagre — disse a velha marqueza. Até parece que está bom. . .

— Ainda não, mas é coisa de dias. Posso-me hoje responsabilisar pela cura. As minhas ultimas experiencias dão o microbio muito attenuado na sua virulencia.

— A mãe tem-no procurado ? — perguntou Annica.

— Tem, mas só hoje conseguiu licença para o ver — informou Josefina. Parece que lhe quer muito. Chorou de prazer ao encontral-o melhor.

— São muito pobres — considerou a velha fidalga. Já os mandei soccorrer. Hei de pedir á mãe que me

ceda esta creança, para fazer d'elle um *groomesito.* E' lindo, hade ficar-lhe bem a farda.

— Quem sabe se ella quererá...—observou Josefina.

— Como não hade querer, menina ! ? São tão pobres! Eu dou-lhe uma situação, a este filho !...—disse n'uma voz doce, mas imperiosa.

— Questão de affectos, minha senhora — entendeu a enfermeira. Parece ter-lhe grande amor...

— Por isso mesmo — insistiu a marqueza, olhando fixamente a enfermeira.

VII

NO LABORATORIO

ESTAVAM reunidos de novo na enfermaria, já se despediam, quando entrou João da Terra, offegante, em desalinho de philosopho, o casacão aberto, a longa barba cobrindo-lhe o peito. Trazia nos olhos um incendio de inspirado, os labios tremulos, a palavra balbuciante de commoção. Antes de cumprimentos para as pessoas estranhas, principiou, já de longe, annunciando a Julião:

—Imagina um pobre homem quasi moribundo, com febre e delirio, n'uma cocheira, deitado n'uma mangedoura! Por toda a parte a desventura! A dôr inimiga alastra e vence!... E' necessario abrir a cada instante cem combates, se a quizermos aniquilar!... Levanta-se subtilmente como os miasmas nos pantanos. E' indispensavel permanente vigilancia e não lhe dar quartel, nem repouso. Ah! quanto o mestre divino se enga-

nou! — disse com funda magua. A dôr só se mata com a dôr; destruir um soffrimento, só á custa d'outro soffrimento!... O prazer não poderá realmente ser *meio* e *fim*, como me ensinaram?!...

Julião sorriu ás tres senhoras, para explicar esta originalidade do Barbas e serenal-as; pois tinham transmudado os seus delicados sorrisos de convivencia social, n'uma expressão de surpresa interrogativa. O medico, para melhor lhes dar a chave do enigma, pediu explicações a João da Terra:

— Mas diz-nos ao que te referes. Nem eu, nem estas senhoras sabemos do que se trata.

— De que hade ser?! Vinha ali á Guia e com pressa; porque te queria ainda encontrar. Demorei-me minutos com Claudio. Claudio! (para as visitantes) formoso coração! Não ha melhor no mundo! Sem mancha, transparente como a luz!... Em quanto conversava, por duas vezes um garotito me puchou pelo casaco. Não fiz caso e tambem não percebi. Interessado no que ouvia e com a idéa fixa de saber, o que me dirias hoje do doentinho do garrotilho... (Voltou-se de novo para as tres senhoras). Viram-no? Soffre menos, pois não soffre? Creio que sim... Bemaventurado seja Julião! Mas o demonio do garotito puxou-me mais de rijo pelo casaco e eu então zanguei-me. Olha que tive vontade de lhe bater, estava attento ao que me dizia Claudio e com pressa de te vir falar... Os primeiros impulsos, ás vezes, não são bons! Este meu genio arrebatado!... Ainda fiz um arremesso de homem estupido; mas a cara do pequeno conquistou-me logo. Um

sorriso assim triste, com expressão tão piedosa... Perguntei-lhe: «Que queres tu? Esmola?!» «Não senhor, — respondeu — é para vir ver ali um home...» — «Um home! Que quer o home?!...» «E' meu pae, está doente» — esclareceu. Vê tu, Julião, como os maus instinctos surgem mais depressa do que os bons! Havia ali perto uma dôr, uma afflicção, aquelle ignorantinho avisava-me do caso, e eu a negar-me e a repellir o aviso! Mas entrei logo em mim, retomei a direcção absoluta do meu ser intelligente, arrependi-me do que dissera, deixei Claudio sem despedida, segui o rapasinho, que me levou a uma loja terrea e sem luz, onde morava uma familia, em promiscuidade com um burro! Uma pobre mulher chorava em grande afflicção. Um delirante bracejava deitado na mangedoura, onde comia o magrissimo jumento, que, segundo me disseram, lhes serve para puxar uma carroça de quinquilherias, que é o ganha-pão de todos elles. Negocio de nada, que dá apenas para morrerem lentamente de fome. A mulher ao ver-me exclamou: «Ah! trazes o çurgião?» «Eu não sou cirurgião creatura» — expliquei. «Se nós o conhecemos, e até trata creanças lá em casa!» — insistiu. Vê tu, que suprema honra! Eu, um medico!...

Todos sorriram. Julião observou:

— Já sei o que desejas: que eu vá ver o doente. Logo será...

— Não é isso. Foi realmente a minha primeira lembrança. Mas o caso urgia. Pareceu-me necessario resolução prompta. Por fortuna encontrei na rua um

policia de bom coração, que me attendeu. Fui com elle á loja terrea, mostrei-lhe o caso desesperado, consegui convencel-o que era urgente levar aquelle homem para S. José. Foi-se buscar uma maca e deu entrada ha instantes. Estou que tratarão bem o desgraçado. Causou-me isto tremenda dôr. Mas a dôr passou e agora sinto prazer. O que me viam no rosto, quando entrei, era contentamento. Necessita-se de muita coragem e vigilancia para vencer o inimigo. A grande norma da vida, a maravilhosa philosophia, consiste em transformar afflicções em alegrias. Por isso me sinto agora consolado.

N'esta calma e n'esta aberta do falar do Barbas, a velha marqueza ia fazer-lhe o elogio do instituto de caridade, que o philosopho creara. Porem elle, pouco habituado á pratica e observancia de delicadezas, interrompeu-a:

— Mas não viram o nosso operado? Creio que vae muito bem. Parece que desappareceu o grande soffrimento. Victoria! Victoria! — pronunciou n'um tom guerreiro.

A velha marqueza louvou-o, então:

— Vimos: a esta santa casa deve essa creança a vida, e muitas outras a deverão. Sinto o maior enthusiasmo pela sua caridade.

— Caridade! Fazer bem, gerar a felicidade, é dever. Dever é que é! — affirmou com intimativa e convicção. Haviamos de deixar á solta o inimigo, a Dôr, quando a podemos supprimir?!... Seria um crime! um grande crime!...

— Dever ou caridade — pronunciou a fidalga, com certa ironia nos delgados labios — é um bello acto de alma sensivel e coração generoso. Isto que aqui se vê enternece...

O Barbas, com um gesto largo, que lhe sahiu como um sôpro do amplo peito, designou Julião e Josefina, apregoando em voz clamorosa:

— A elles e a Claudio se deve tudo! Que poderia eu fazer só?! O meu papel é bemdizel-os e andar por ahi á procura de materiaes, para lançar n'esta grande fornalha do Bem. Toda a vida do homem, a mira de todos os nossos esforços, deve ser a conquista do *Supremo Bem* pela diffusão do prazer, do goso, da felicidade. Desterrar do mundo o soffrimento, é fazer da terra o decantado céu!

Aquella voz reboava na sala da enfermaria n'um tom glorioso. A velha marqueza e as sobrinhas nunca tinham ouvido outra egual. Este homem grosseiro na apparencia, mal vestido, pouco cuidadoso em si, encontrava, ao falar, os accentos selvagens e viris de S. Paulo, prégando a *sua* caridade (1). E como o olhar da fidalga cahisse naturalmente no rosto, de expressão suave e composta, de Josefina, que ouvia o Barbas com admiração, disse fitando-a:

— Sim, esta menina, tem no semblante todo o coração. Os innocentinhos que tiverem a dita de aqui se-

(1) A *caridade de S. Paulo* não é nem o saber, nem o dom da prophecia, nem a fé, nem a esmola, nem o martyrio; é a paciencia, a tolerancia, a justiça e a bondade. (I. Cor. cap. XIII).

rem recolhidos, encontrarão metade da cura no allivio, que lhe podem dar os seus cuidados e carinhos.

O rosto da enfermeira purpureou-se, os olhos sorriram-lhe com modestia. João da Terra, n'uma voz clara, propria para ser ouvida n'um largo campo, applaudiu a marqueza:

— Isso, não se faz idéa! Eu é que aprecio e sei; porque venho por cá frequentemente. Ainda que um doente traga muitas lembranças de fóra, logo que entre aqui, esquece-as. Nem pode ter deixado em casa melhor mãe do que esta, creiam-no as senhoras. E aquelle? — apontou Julião, que sorria das expontaneidades do Barbas. É um santo! Se eu acreditasse em santos, chamava-lhe santo, assim chamo-lhe homem admiravel! A sua bondade é tal e pratica-a com tanta energia e doçura, que se lhe pode chamar «um heroe disfarçado em mulher» como Seneca disse de Epicuro.

A fidalga sorriu do atheismo do philosopho e da phrase de Seneca, sublinhando aquelle com a sua pronuncia palaciana.

— Creio que o doutor se não escandalisará se lhe chamarem santo, visto que os santos são os bons e os justos. Bastou-me esta hora durante a qual os tenho importunado com a minha visita, e o que vi n'aquelle misero casebre onde todos cinco estivemos, para lhe dar absoluta razão! Não querendo chamar-lhe santo chame-lhe, por exemplo, um Bom e terá dito tudo.

João da Terra, não se conteve e publicou:

— E um sabio, um grande sabio! É isso que as senhoras ignoram. Homem de sciencia no mais alto sen-

tido. Vive só d'isto e para isto, o saber, o descobrimento da verdade!...

— É tambem o que me disse Manuel — observou Kate, n'uma intensa commoção, para sua tia.

O medico carregou reprehensivo o sobr'olho para o Barbas:

— Não sejas pateta. Estás-te tornando e estás-me tornando ridiculo...

— Pois deixa tornar ridiculo... É necessario que estas coisas se saibam! Já viram o laboratorio, onde elle passa o maior numero de horas de cada dia, estudando os mais subtis e intrincados problemas das molestias?

Julião readquiriu a serenidade profissional, sorrindo para as senhoras, que se conservaram silenciosas. O Barbas abrindo caminho pela enfermaria fóra, convidou-as a que o seguissem:

— Pois venham ver! É o novo doutor Fausto cercado de apparelhos, carregado de saber e meditando sobre os livros! Isto deve ser conhecido! O mundo ganha com a descoberta da verdade, que enriquece a alma do homem. Passaram os tempos obnoxios do fanatismo, vivemos na epocha da sciencia triumphante. Venham ver e admirar, onde se reproduzem phenomenos identicos aos que, por ventura, deram origem á vida do globo que habitamos. É admiravel! Intelligencia, virtude, heroismo, formosura tudo se encontra em germen dentro d'esses numerosos vidros, que vão encontrar em cima de mesas, nos armarios, prateleiras e estufas!... É admiravel! É admiravel! Venham ver!...

A velha marqueza sentia calafrios escutando tantas heresias; mas não podia deixar de acompanhar o Barbas, que a todos se impunha pela abundancia de convicção das suas palavras. Julião, mais sereno, declinou, com um sorriso, os epithetos elogiosos do seu amigo; mas acompanhou-as, como era seu dever, até ao gabinete de trabalho, onde passava horas d'um alto goso intellectual, na procura minuciosa da verdade, por um encadeamento de successivos factos, que o conduziam ao fim luminoso. E para afastar qualquer idéa de orgulho e reclame observou:

— Visto quererem massar-se um pouco mais... A visita d'estas casas é sempre fastidiosa. Só nos interessa a nós, que vivemos das illusões e desillusões, que trazem as experiencias e o estudo.

*
* *

A velha marqueza, com o mantelête simples de viuva sobre o dorso abahulado pelos annos, ia adeante das sobrinhas, seguindo o Barbas, que mostrava o rosto incendiado pela apotheose. Com o seu braço herculeo, o philosopho abriu largamente a porta do laboratorio, como a porta d'um templo, onde se fosse cantar a gloria de Deus! O sol d'essa manhã, succedendo á chuva inclemente de dias nevoentos e ventosos, era um sol outomnal, cheio de alegrias e risos. Parecia ter-se vol-

tado á primavera: sentiam-se besoiros no ar, a vida da terra simulava nova entrada em turbulencia fecundante. A grande illuminação, que vinha a jorros pelas janellas, brilhava nos vidros das experiencias, que repousavam sobre as mesas e prateleiras.

— É uma casa de trabalho... Encontra-se a desordem natural das urgencias de cada momento—desculpou-se Julião.

Porem não era essa a impressão recebida. Havia limpeza e ordem. O Sousa, ajudante do experimentador, coberto pela comprida blusa de linhagem do pescoço aos joelhos, procedia a arrumações e dava testemunho de aceio. As senhoras entraram mudas e concentradas, como se transpuzessem humbral de museu artistico ou archeologico de fama, onde o respeito pelas concepções do genio humano ou pelos objectos representativos do passado, da origem das civilisações, gerasse o sonho, a doce poesia do que se conhece imperfeitamente, a timidez perante o mysterio.

Na grande sala, a luz entrava caudalmente por largas janellas, adrede rasgadas. Tornavam-se logo salientes os apparelhos monumentaes de laboratorio, de côr escura e linhas sobrias: os aquecedores e esterilisadores — fornos, autoclaves e estufas. Tinham a apparencia de fogões de sala; de miniaturas de fabricas, com chaminés de tiragem e lume de gaz fornecido por tubos molles de cautchu, com interposição de torneiras regularisadoras. Julião patenteava os ventres escuros d'esses apparelhos onde, em disposições geometricas, estavam vidros luzentes, porcelanas leitosas, instru-

mentos de metal polido, pastas de algodão em rama, papel pascento de filtros. Era a esterilisação, a antiga e sagrada purificação pelo fogo; era a geração pelo calor, como, no primitivo cahos, aconteceu á terra submettida á chamma ardente do sol. As impurezas do ar originam a vida que mata; o lume anniquilla essa vida para deixar livre a outra, que gera a intelligencia e a acção. No primeiro relance, a methodica arrumação interior, quer das estufas, quer dos grandes armarios, (que pareciam proprios para guardar linhos caseiros) a regularidade nas côres e nos brilhos, o cuidado uniforme da collocação dos objectos, dava a apparencia de coisas estimadas de familia. Porém, depois, o conjuncto harmonico e severo das linhas, interna e externamente, a côr negra dos apparelhos, (tudo apropriado a facilitar o raciocinio e o calculo na procura da verdade) antes trazia á mente que estas escuras machinas fossem pesadas burras de banqueiros, onde se guardassem fortunas.

Espalhados pelas mezas, bancadas e prateleiras, na disposição casual da febre do trabalho, viam-se frascos, garrafas e balões bojudos, repousando com liquidos dentro, na attitude de mandarins: uns de bocaes largos e curtos, outros de gargallos longos e delgados, como bicos de cegonha. Das barrigas espelhentas sahiam-lhes tubos rectos afilados na ponta, como laminas de florete. Sob rodomas de apparencia de mitras, estavam culturas microbianas, resguardadas das poeiras nocivas e das casualidades inconvenientes.

Os crystalisadores, as caixas de Petri, de feitio de

duplos peneiros, continham laminas de vidro, cobertas por finas lamellas: eram as preparações que no microscopio revelariam a existencia dos microbios. Baguettes de vidro, proprias para agitar liquidos, estavam levantadas como lanças, dentro de boiões. Em pequenos taboleiros de vidro repousavam as pipettes de Pasteur; os oeses de platina, que parecem agulhas; os colchetes, os alfinetes e as pinças. Em tabuas brancas e lisas, constelladas de buracos da largura d'aneis, erguiam-se tubos de ensaio, em filas como tubos de orgão, todos do mesmo tamanho, de feitio de dedos, contendo substancias de densidades differentes, liquidos gelatinosos de côres varias, encarnados, amarellentos e azues. Eram as faladas culturas, as sementeiras de bacillos que segregam as toxinas, esses subtis venenos que dão a morte com horrido cortejo de soffrimentos. Ali se estavam passando os phenomenos mais interessantes e os problemas mais subtis dos que tem sido propostos á intelligencia humana—a geração d'uma vida que destroe toda a vida normal; força minadora, potente e capaz de anniquilar a obra bella e graciosa do globo, no multiplice aspecto de animaes e plantas. A virtude, o genio, a formosura, o riso das donzellas, a innocencia das creanças, a graça das aves, a fortaleza das feras, o iris das flores, tudo que é grande e bello está, pela vida, na sugeição d'esses infinitamente pequenos. As substancias que lhes servem d'alimento, os chamados meios de cultura nos quaes vivem e se reproduzem os vibriões, e onde a sagacidade humana lhes estuda os habitos e as particulari-

dades que os differençam, guardavam-se, já esterilisados, em frascos — eram os caldos, as soluções, os soros naturaes, as gelatinas, infusões, decoctos, ovos cosidos e batatas em quadrilongos... O apparelho de Pasteur, especial para a reproducção dos microbios que detestam o ar atmospherico, os grandes balões de vidro de longo gargallo para identico fim, o primeiro com apparencia de gaita de folles, os outros semelhantes a grandes cabeças de frade, e tambem a caixa do japonez Kitasato, parecida com uma fregideira, tendo como pegadouro um bico longo, fizeram rir Annica de Sousa e Kate pelas suas formas estranhas. Riram-se as duas e sorriu-se Julião, que lhes explicava a utilidade de taes utensilios: não foram acompanhados pela velha marqueza nem pelo Barbas, que se conservaram attentos e respeitosos. Porém logo, as duas, se interessavam pelas bellas e limpidas côres de substancias chimicas contidas nas garrafinhas de Erlenmayer, que tinham toda a apparencia de formidaveis blocos de pedras preciosas...

— Olha para pulseiras e collares! — disse Kate.

— Que enorme exagero! Não havia senhora que podesse com isso nos pulsos, nem ao pescoço — observou Annica.

E o medico explicou passando-lh'as para a mão:

— São os nossos *mordentes*, e servem para differençar os bacillos. A fuchsina de Ziehl, vermelha; kristal de Roux e de Nicolle, violeta; este bello azul, é o preparado de Kunhe.

— Que nomes tão exquisitos — observaram as duas.

O microscopio com a sua estructura complicada e elegante, movimentos rapidos ou levissimos, chamou-lhes muito a attenção. N'uma pequena forma, tem apparencia monumental de torre; pelo conjuncto de suas linhas graciosas, semelha objecto de sala. Com peso para a força d'um homem, podia-se acreditar que o deslocaria uma creança de cinco annos. Era, este, o maravilhoso instrumento, tão falado, e auxiliar, como nenhum outro, da intelligencia humana, para descer aos fundos abysmos onde se cria e anniquilla a extraordinaria força que se chama vida, e ahi fazer-nos assistir aos formidaveis combates da genese! Simples e solido, sobre o patim, o oculo movediço, o brilho diamantino das objectivas, o polido impeccavel do illuminador, em partes escuro como o ferro, n'outras com amarellos d'oiro, a historia conhecida d'este instrumento que dá penetrabilidade de visão para sondar os mysterios da vida organica, chamou a attenção, especialmente da velha marqueza, que observou:

— E', então, com isto que os senhores descobrem os taes bichinhos?

— Com isto mesmo — respondeu Julião. Querem ver uma preparação?

— Uma preparação!... — repetiu Kate, como um echo.

— Sim, esses temiveis microbios que matam a gente.

— E não faz mal? — perguntou Annica.

— Qual!... — disse Julião sorrindo.

— Mass e lhe dá muito encommodo... — considerou a marqueza.

Já o medico escolhia, de entre muitas que tinha na pequena estufa aquecida a maçarico, uma lamina de vidro. Collocou-a no porta-objecto do microscopio, que ajustou para uma vista normal. Kate levantou o veu para a testa, e applicando a vista como lhe ensinara o medico, exclamou desanimada:

— Ora!... não vejo nada!...

— Demorando-se mais alguns instantes ha de ver, estou certo — affirmou Julião tocando levemente no parafuso.

Na realidade, pouco depois, o que era confuso foi-se aclarando, como se o sol viesse gradualmente desfazer um nevoeiro deante dos olhos. Kate com a expontaneidade da sua natureza virgem applaudiu:

— Olhem que bello! E' um lindo *foulard* para vestido de baile! Côr de rosa, tantas mosquinhas... Queres ver?

Annica de Sousa applicou-se á observação como sua prima e, já instruida, facil lhe foi reconhecer o mesmo que ella. Muito mais desembaraçada perguntou em voz nitida:

— E o que são estes risquinhos no côr de rosa?

— Os terriveis microbios da diphteria, os mesmos que tiveram em perigo a vida da creança que operei.

— Pode lá ser! Então estas coisas assim pequeninas são bichos, que matam gente?!... Pode lá ser!...

— Essas coisas assim pequeninas — instruiu Julião sorrindo — estão ainda augmentadas centenas de vezes no seu tamanho, para poderem ser apreciadas pela nossa vista. São bichos e matam.

— Nome de Jesus! — exclamou Annica. Eu tremo! Quer ver tia?

— Não menina. A minha vista não é para isso...

A velha marqueza sentia-se fatigada. A visita á enfermaria, a representação proxima da molestia e da dôr, o cheiro activo da atmosphera febril, mais ou menos impregnada de essencias medicamentosas, (como não podia deixar de se sentir á cabeceira de doentes) tinham-lhe perturbado os sentidos. Esta visita ao laboratorio, mesmo assim de relance, agitara-lhe o cerebro com idéas complicadas, tirando-a da normalidade do seu pensar tranquilo. Esgotara-se, pois, toda a sua força de attenção e desejava o repouso do seu palacio silencioso, com a historia da familia no mobiliario antigo e nos retratos das paredes. Por isso é que disse, em tom de voz, que suas sobrinhas reconheceram ser de immediata obediencia.

— Vamos, meninas. Temos aqui tomado tempo, que melhor aproveitado seria, n'esses estudos que não percebemos.

Com excessiva polidez, em que se condensava o esmero do seu trato social, fez o elogio de tudo quanto vira, humilhando-se até á veneração, perante tanta caridade obscura, praticada em nome da sciencia e das tendencias puras do coração humano.

E como João da Terra, com o seu casacão desabotoado, os cabellos revoltos, a barba cahindo solemne, fôra quem reunira os elementos d'este curioso instituto, a elle se dirigiu:

— A nossa *Esmola*, não teria melhor ensejo de ap-

plicar alguns dos seus meios. Se m'o consente proporei ás minhas collegas, que se arbitre um subsidio a este hospital.

O Barbas respondeu serenamente, forcejando para não ser rude:

— Desnecessario, minha senhora. Nada nos falta. O nosso Claudio é generoso e rico.

A fidalga mordeu ligeiramente o labio inferior, ressentida d'esta resposta, que parecia conter altivez e orgulho.

— Emfim, não os quero, nem posso, obrigar — rematou, sahindo com uma reverencia ceremoniosa.

E quando reentrava na carruagem observou:

— Mas quem será este Claudio, que faz despezas tão importantes!...

— Manoel conhece-o. E' um dos seus amigos.

— De admirar seria que teu irmão não fosse amigo d'um extravagante d'esses! Mas é bem singular tudo isto, é...— considerou recostando o magro tronco na fofa carruagem e abatendo as palpebras para se recolher no seu cerebro...

E como o trintanario, á portinhola, esperasse ordens, a velha fidalga sem reabrir as palpebras ordenou:

— Para casa.

VIII

PRODROMOS

Passados oito dias, João da Terra, o Barbas, sentiu-se preso d'um mal estar indefinido. O seu grande corpo de mastodonte, mostrava tendencia para ir a terra, para se estender no chão, como coisa abandonada. Vivia uma vida pouco pessoal, dentro d'uma pelle que lhe não parecia a sua e da qual irradiavam, alternadamente, sensações fulgurantes de frio e calor.

O seu instincto e o philosophico horror ao soffrimento, procuravam affastar-lhe da mente a hypothese d'uma doença!... Passou assim alguns dias sem se queixar, n'um sentir vago, como se caminhasse na treva absoluta! A enfermidade era para elle um estado inconfessavel de fraqueza e impotencia, e para a repellir encarava-a com sobranceria e arreganho. Todo este despendio de vontade não dominava o mal: quasi hora a hora se sentia mais cançado, menos senhor do seu

pensar e perdia o sentimento de independencia e individualidade, n'elle tão caracteristicos! Já admittia que no universo inteiro houvesse uma depressão geral como a d'elle, tal era a confiança que este homem simples e recto tinha em si e no desejo sublime, que o animava para tornar o mundo venturoso. E' que faltando elle, faltava uma grande dedicação: como poderiam, depois, ser procurados e socorridos os miseros, que, por esse mundo, soffressem dôres?!...

A velha Joanna seguia-o constantemente com os seus olhos de enthusiasmo. Vendo-o passear mais tempo do que o costumado, no dormitorio dos mendigos, taciturno, afferrado a qualquer idéa lugubre... veio ter com elle. Trazia na mão o abano, e ficou á porta deixando ir até ao fundo aquelle grande corpo, embrulhado no casacão, coberto pela farta cabelleira, que lhe augmentava o volume da cabeça. Quando o viu voltar, fixou-o com os seus grandes oculos de ferro, interrogando-o jovialmente:

— Então que é isso?! Nas scismas do costume, já se sabe. Deixe o mundo que vae rebolando como póde. Como não falte nada aos pequenitos, pois está com elles santa Josefina, o resto não vale um caracol. Olhe que aquella rapariga, dá-me que scismar. Haver uma creatura assim, tão boa, tão linda, com tanto prestimo... (Os olhos do Barbas sorriam no meio do seu soffrimento.) Mas Deus é grande; outros desgraçados, que por ahi se encontrem, alguem os soccorrerá. Os bons corações ainda se não acabaram. Deixe. Regalorio, scismas ao vento. Venha para o almoço, que está prompto.

— Hoje não almoço — pronunciou o Barbas n'uma voz de immenso abandono.

— Não almoça! — exclamou abrindo os olhos de espanto! Essa é *chic,* como diz o tendeiro ali da esquina, quando lhe não querem o assucar com farinha. Sem comer não se vive, e a rica açorda alemtejana, está como o senhor gosta d'ella.

— Não me apetece, não sei que tenho — confessou o seu desanimo.

— Ora que hade ter? Uma constipação, é dos livros. O tempo está para ellas... Mal afeito, é o que é. Ha tantos annos que o sirvo, ainda o não vi na cama doente. Extranha, está sabido. Almoce, faça força. A' noite escalda-pés e chá de borragem, para chamar os humores a baixo e pôr tudo na pelle. Se ficar um dia todo entre cobertores, pode depois sahir á vontade que vae curado. Precisa cozêr a constipação.

— Almoçar não posso. Queria fazer-te a vontade, mas só a lembrança da comida me dá vomitos. Estou esquisito. Parece que a minha cabeça, não está onde deve, mas que anda a voar pelas nuvens...

E mesmo de pé, embrulhado no comprido casaco teve um forte e estrondoso calefrio. Tamanho estremecimento n'aquelle corpo tão grande, pareceu que se communicara a toda a sala e seu vigamento!...

— Vê?!...— exclamou triumphante a velha Joanna. O que eu disse, uma forte constipação. Para a cama, que vou chamar o senhor doutor Julião.

O Barbas atterrou-se com esta idéa da vinda d'um medico, ainda que fosse o seu amigo.

— Não vás, mulher, não vás, peço-t'o! Não quero estar doente. Bem sabes que não posso estar doente! Que seria de todos esses que de mim precisam? Hei de abandonal-os?

— Essa agora é *chic*, como diz o tendeiro. E se não puder? se vier realmente a molestia? Deus é que as dá. Olhe: no hospital está santa Josefina e tomaram principes ter uma enfermeira assim. Os outros recommende-os a essas senhoras da *caridade*.

O Barbas fez o seu gesto largo de superioridade, abandono e desdem.

— Dão-lhe a esmola — disse — mas quem os animará e os acompanhará nos momentos difficeis com palavras de consolação e coragem, palavras sentidas e sinceras que elles comprehendam, e lhes dêem força e animo!...

— Não sei d'isso: primeiro nós, depois vós. Vá para a cama, vou chamar o medico, e á noite não me fica aqui um só d'esses malandros, que fazem barulho por dez varas de porcos.

O Barbas pronunciou com a exaltação, propria da sua fraqueza actual:

— Vês? ainda hasde dizer que posso estar doente! Que desarranjo para tantos! Tu não admittes os desgraçados, que, se não ficarem aqui, terão de dormir nas soleiras das portas, talvez á chuva. Aquelle que encontrei doente na mangedoura e fui levar ao hospital, se não fôr eu, ninguem lhe levará cigarros, pois a mulher e o filho tambem lá estão. O misero burro, que puchava a carroça de vendilhão de cujos ganhos se

sustentava a pobre familia e elle, encontrei-o cahido por terra, morto de fome. Disseram-me que ninguem lhe chegara nada de comer nem de beber, depois que os donos tinham despparecido. Imagina, bôa Joanna, o animal durante dois dias morto de fome e de sêde!... Fui comprar um kilo de fava, que lhe dei na minha propria mão. Não podes fazer idéa da gana com que a comeu! Qual mastigar! Foi tudo d'uma vez. Uma pouca d'agua, que lhe approximei n'um balde, sorveu-a d'um trago. Estava por terra, quasi no abandono d'um cadaver. Que olhar piedoso e supplicante era o seu! Se visses tinhas pena!... Ha gente muito sem coração, velha Joanna. Os visinhos podiam ter feito o que eu fiz. Um disse-me a rir, que era melhor deixal-o morrer! De certo, a morte nada importa; mas a dôr, o soffrimento?!... Quem morre não sente e sentir é tudo; mas se elle penava?!... O que se não deve é consentir que a dôr se aposse do corpo. Homens e animaes, para o soffrimento, são a mesma coisa, entendes? Ainda que os pobres brutos não tenham alma tão raciocinadora como a nossa, cogitam o seu pouco, e tem nervos e cerebro para sentir como nós. Depois de tudo isto posso eu adoecer, velha Joanna? Diz lá: posso?!... Quem irá visitar o velho ao hospital, quem lhe velará pelo burro, que é o melhor da sua fortuna?! Alem d'estes, outros que por ahi tenho e todos os dias esperam por mim. Quem os consolará, quem lhes diminuirá as dores?!... Bem vês que não devo estar doente; não devo e não hei-de — concluiu resoluto, n'uma voz alta e com um gesto duro, para espantar o mal.

Movia-se, bracejando no ar, com desalento. Parava, tornava a andar ao longo do dormitorio dos mendigos, lançando para o tecto as suas lastimas, o pregão das desventuras, que via triumphantes pelo mundo. A creada ouvia-o serena, contraditava-o, por vezes, com acenos negativos de cabeça e quando elle terminou insistiu:

— Tudo assim será; mas se a doença vier, quer o senhor doutor queira, quer não queira?!...

— Mas é que não vem; porque eu me opponho! Então deve-se consentir que o inimigo entre na fortaleza e prenda a guarnição?! Não quero, não ha de entrar, não hade prender!...

A velha, então, exclamou riscando no limiar da porta da cosinha, com o abano que tinha na mão uma curva energica.

— Ah! isso é da minha ou da sua vontade que depende? Lá está em cima quem as dá, as doenças. Provavelmente não é de carne e osso como os outros? Ande, metta-se na cama, que vou chamar o medico.

E foi.

O Barbas deu um forte solavanco aos hombros, com esforço para aguentar uma torre. Silencioso e amargurado andou, duas vezes, no comprimento do salão dos mendigos. Reconhecia, porém, que de instante a instante, o mal se lhe apoderava com mais tenacidade dos musculos, enfraquecendo-o, tirando-lhes vigor. Como estivesse só, atirou-se brutalmente sobre a cama, envolto no amplo casacão. O cahir do seu grande corpo pareceu que produzira um confuso estremecimento

no universo, que as aguas do globo e as estrellas do céu se haviam ressentido de formidavel abalo. E assim ficou para ali, deitado sobre a esquerda, as pernas sobrepostas, as botas grosseiras colocadas ao fundo. Via-se inerte aquelle que significava o movimento, sentia-se impotente aquelle que representava a acção! . . .

*
* *

Josefina mostrara-se sensivel, até á palidez, com a noticia que lhe levara a velha Joanna. Parecia-lhe que já na vespera notara no rosto do Barbas, signaes de desfallecimento. Sendo costume d'elle, quando ali entrava, sentir-se alegre e expansivo, n'este dia pronunciara apenas algumas palavras e retirara-se depressa. Não tivera o seu habitual riso generoso e claro, que lhe costumava brotar da indole sincera e franca. Estranhara-o; mas attribuira o facto a qualquer somnolencia de philosopho. Nos seus continuos passeios de sectario da ventura atravez da cidade, quem sabe o novo infortunio que se lhe deparara?! . . . Josefina, alma carinhosa de mulher, ficara a pensar n'isto; pois a interessava tudo que se passasse n'esse vasto coração, cheio de bondade e altruismo, refugio para os innumeros friorentos da desgraça, que n'elle sempre encontravam agasalho e conforto. Este homem, grosseiro na apparencia, mal escavacado no corpo,

inculto na barba e no cabello, desageitado no andar, vivia muito na mente da bondosa Josefina, formosura delicada, bondade serena e simples, o alinho e o esmero no vestuario e na alma. Pareciam tão differentes nas correntes do seu pensar e eram tão irmãos e symetricos no sentir! Tinham semelhança nos olhos, na claridade e doçura da sua expressão, quando prolongavam a vista pelo imo das dôres alheias. Dissonantes mostravam-se, se lhes apparecia e ambos apreciavam a Dôr gerada na injustiça social: então João da Terra, esbravejava e arremettia como um toiro em liberta campina, e Josefina escutava com femenil e paciente serenidade. Ella seguia no plano de *escrava* catholica sujeita á vontade de Deus, em quanto que elle se lançava indomito na estrada direita de pensador livre. No fundo, porém, a mesma harmonia no sentir, o mesmo parallelismo de instinctos, posto que Josefina não comprehendesse que o philosopho podesse ser tão bom, não sendo religioso; emquanto que elle lamentava n'ella, aquelle acanhamento de raciocinio oriundo d'uma educação defeituosa. Por toda esta consonancia d'almas se comprehende, que não podia deixar de ser grande a commoção da enfermeira, no momento em que a velha Joanna a poz ao corrente do succedido. Com interesse vivo e palavra assustada interrogou-a:

— Mas o que é que elle tem?

— Não lh'o sei dizer, meu anjo, mas deve ser caso sério. Ha tantos annos que o sirvo nunca o vi doente assim! Para um d'aquelles cahir, é necessario não ter já um bocadinho d'animo no corpo. Está lá a fazer

das fraquezas forças; mas vejo-lhe a cara muito transtornada.

— Que mingua vae fazer a todos, e a estas creancinhas em particular! — exclamou sensibilisada. Nossa Senhora não permittirá que lhes falte esse amparo; elle ha de melhorar. Mando já ao senhor doutor.

Logo que a velha retirou, expediu recado a Julião. Recolheu-se em seguida ao quarto (pois já ali vivia de todo) e sentada na borda da cama de virgem, a cabeça pendida para o seio, deixou que se expandisse a sua alma dolorida. O olhar maguado perdia-se-lhe na selva escura da tristeza. Anciava-lhe o coração pelo espaço azul. O mundo inteiro viria a sentir a ausencia de João da Terra, se elle morresse; pois alguma coisa da harmonia universal se ligava a este homem de aspecto estranho, que alagava todas as existencias de bondade. A illuminada vereda da ventura, festiva, engrinaldada, cheia de hymnos e cantares, havia de tornar-se sombria, despida de galas e silenciosa como o caminho da desdita. Populações mendigas e famintas entoariam, pelas ruas, psalmos lugubres. A morte do Barbas seria um infortunio geral; o bem-estar dos humildes desertaria do mundo!... Assim se escurecia aquella mente clara, se turvava aquelle coração sereno, a dôr tomava o logar da obscura e feliz tranquillidade.

Julião não fôra encontrado em casa; mas appareceu no hospital pela volta das onze horas. Junctamente com as saudações, Josefina, n'uma voz alterada, referiu-lhe a visita da velha Joanna, e pediu-lhe com in-

sistencia que fosse vêr o doente. O medico notou, para si, aquelle excessivo empenho. Achou-o, porém, natural, pois ninguem melhor do que elle apreciava o irmanado d'estes dois corações na pratica do bem. E serenou-a:

— Pouco ou nada será. Andam por ahi muitos rheumatismos e outras molestias proprias da quadra.

— Não é por pouco que elle se queixaria e deixava que viessem dar parte... — considerou Josefina.

— Certamente — concordou Julião — aquelle selvagem, só com valente e excepcional pancada poderá ir a terra!...

Foi curta a visita á enfermaria. Não havendo coisa de novo a assignalar, Josefina facilitou-a. Quando o medico ia a sahir ouviu-lhe dizer:

— Se é doença grave quem o tratará?! Aquella pobre mulher (Joanna) nem sabe, nem póde...

Julião olhou-a com olhos de verificação. Ella procurara esconder-lhe os pensamentos, desviando a vista n'um aproposito de averiguar, qualquer coisa, na enfermaria.

Quando já ia no corredor, voltou-se o facultativo para lembrar:

— Se houver doença grave, o melhor é recolhel-o n'esta casa, que elle instituiu. Temos o quarto junto do meu gabinete.

*

* *

Julião Esteves entrou em casa do Barbas, no bêco do Imaginario, chamando alto da escada, para espantar maguas. Chegou acima no meio d'um absoluto silencio! O philosopho não batia o soalho do seu quarto, com as botas grosseiras; a cara da Joanna appareceu lamurienta, com os grandes oculos de ferro a cavallo do nariz, o abano na mão...

— Que novidade temos?! Algum rheumatismo?... — perguntou elle.

A velha respondeu apprehensiva:

— Para ahi o vejo deitado! Estará vivo; mas palavra é que lhe não arranco.

A' vista do doente, Julião conservou-se momentos calado. João da Terra estava realmente sobre a cama, deitado de lado, envolto no casacão, com as pernas alinhadas, uma sobre a outra. Parecia que um somno profundo anniquilara a força d'aquelle corpo, sempre activo, sempre em movimento. Soprava, no quarto, o seu respirar alto e forte. No rosto uma serenidade de dormente. Teve um estremecimento da cabeça aos pés, emquanto o medico lhe tomava o pulso, que já ia n'um galope febril.

— Então que diabo é isso? — perguntou Julião.

O Barbas abriu os olhos, os seus grandes olhos claros e bondosos, agora boiando n'um mal-estar indefinido. Era como se emergisse de funda treva, e falasse de dentro d'uma prisão.

— Não pude hoje ir vêr os nossos doentinhos. Ha alguma novidade?

— Nenhuma. Agora tratamos de ti e não d'elles. Que sentes?...

— Eu?!.. Anda-me tudo á roda se abro os olhos. Se os fecho, vou pelo ar, não sei para onde...

— Doe-te alguma parte do corpo?

— A cabeça... muito.

— E o que foi esse estremeção, que tiveste ainda agora?

— Um vento frio da nuca aos pés. Tenho tido outros...

— Porque te deitaste?

— Boa tolice!... Porque me não podia conservar em pé, com tonturas.

— Comeste, hontem, coisa indigesta?

— Não fales em comida, que me lembram vomitos.

— Então custa-te muito a mecher o corpo, ein?...

— A besta prefere que a deixem estar quieta, prefere...

— Bem. Mette-te na cama. Se não pódes, ajudo-te eu.

A velha sahiu do quarto. Julião acompanhou o Barbas, emquanto se despia. Tomou-lhe a temperatura e á despedida prometteu:

— Voltarei de tarde.

— Então nem sinapismos, nem chá de borragem, nem uma sangria!?—perguntou Joanna, em tom desolado.

— Nada. Voltarei de tarde—respondeu o facultativo.

Horas depois, já os calafrios eram mais prolonga-

dos e repetidos; as dôres de cabeça violentas a ponto de lhe despertarem queixumes. N'esta segunda visita de Julião, havia maior apparato symptomatico: notava-se alguma coisa de desvairamento na physionomia, accentuavam-se dôres nos joelhos, entupimento do nariz, e, ao assoar-se, appareceu um raio de sangue no lenço. O semblante do facultativo era de homem preoccupado. Examinou com attenção as articulações das pernas e dos braços, que encontrou intumecidas com ligeiro rubor espelhento na pelle; affastou as azas do nariz exteriormente engrossado . . . Sentia-se que formulava raciocinios, reunindo os elementos á vista, para os comparar com os que tinha da memoria dos seus estudos. A sua expressão facial, no entanto, era de incerteza e duvida. Para se orientar perguntou ao doente:

— Ouve lá, João. Esse homem que ajudaste a conduzir ao hospital, suspeitaram a molestia que tinha? Disseram-te alguma coisa a esse respeito?

— Não disseram, nem perguntei. Que tinha eu com isso! Soffria; era o bastante, para lhe acudir.

— E na tal loja onde o encontraste doente, havia animaes?

— Havia, e gente. A mulher e o filho, que recolheram tambem ao hospital. Um pobre burro cheio de fome, a quem depois comprei um kilo de fava, que comeu na minha mão. Julguei que já te tivesse contado tudo isso...

— Talvez contasses; mas não me lembro. Não dei attenção... E em que rua foi?

Por entre gemidos, provocados pelas dôres lancinantes dos joelhos e cotovellos, mencionou o bêco immundo da Mouraria, a situação da casa, que tinha um marceneiro ao lado. Numero não sabia.

— Bem. Isto ha-de passar. Agasalho. Se quizer tomar algum alimento, leite — disse para a velha. Voltarei logo.

D'ali foi direito ao hospital das creanças prevenir Josefina de que era necessario preparar, para uma eventualidade, o quarto juncto do seu gabinete bacteriologico. O coração d'ella sobresaltou-se, como se se tractasse de pessoa excepcionalmente querida . . . seu pae, sua mãe, o seu noivo... Lançou sobre o medico um montão de interrogações pressivas e anciosas, ácerca da gravidade da molestia. Tractava-se d'um homem magnanimo, alma generosa e altruista até ao excesso, do incondicional bemfeitor de tantos desventurados!...

— Nada lhe posso affirmar — disse Julião. Tenho suspeitas, apenas suspeitas; mas de positivo nada. Mande preparar estes desinfectantes e nas quantidades que peço. Prevenir não faz mal.

Deixou-lhe receituario para solucções de sublimado e phenica. Ao retirar-se acrescentou:

— Ámanhã tudo deve estar esclarecido...

Josefina achou inutil insistir; mas o coração tornou-se-lhe da negrura do breu. Com uma das creadas, deu-se pressa em arranjar o quarto, com tudo quanto imaginou necessario, para doença de importancia. Em quanto procedia aos preparativos ia dizendo mental-

mente: «É melhor assim. Aqui nada lhe faltará. A velha não era capaz...»

Quando, na noite d'esse dia, fez as suas orações, ergueu o pensamento ao céu, pedindo allivios e vida para aquelle, que, tão nobremente, a gastava na terra em proveito dos infelizes. Orava pelo homem desageitado de corpo, grosseiro de modos, o qual tinha no aspecto e no olhar tanta ternura e bondade, que com ellas enchia o espaço do mundo. Se elle faltasse, se morresse, como o grande inimigo, a Dôr, campearia infrene e atrevido, atravez das ruas escuras da cidade!...

— Ah!— exclamou. Não pode faltar, não pode morrer! Deus não o permittirá!..

IX

VERIFICAM-SE AS SUSPEITAS

UANDO á noite, Julião, voltou ao beco do Imaginario, a molestia conservava a mesma physionomia alarmante, sem que houvesse ainda base para um diagnostico definitivo. Com elle vinha Manuel de Sá, a quem encontrara casualmente e communicara as suas graves preoccupações. O duro revolucionario trazia a alma firme como um rochedo, para amparar este monte, que ameaçava ruina. Na presença da velha Joanna, que chorava, disse:

— Fico hoje aqui. Não o posso abandonar n'este estado. Vou mandar recado a casa...

— Pois fica. Eu voltarei se puder. Perigo immediato não ha. Certeza só ámanhã, depois de ver o doente, que elle acompanhou ao hospital. Sabes as precauções a tomar. Para ahi mandei desinfectantes.

Os mendigos não dormiram ali n'essa noite. A velha Joanna explicou-lhes, com boas palavras, o motivo, e todos se retiraram tristes, mas sem queixas. A presença de Manuel de Sá dava animo á creada, para velar toda a noite. Nas palavras trocadas entre elle e Julião presentira alguma coisa de grave, que escondiam á sua ignorancia e solicitude; mas vingou-se do segredo resmungando:

— São muito sabios, mas não sabem tudo. É uma forte catarrheira e nada mais. Escalda-pés, chá de borragem e uma duzia de bichas. Leite é bom para as creanças de mama.

Manoel sorriu d'este psalmear; porém o seu sorriso era triste e eivado de amarguras, como todos os d'aquelle rosto, espelho d'alma insaciavel de justiça. Justiça! justiça! quer a que vem do julgamento e da vontade livre, quer a que resulta da influencia irresistivel dos motivos, ou do determinismo providencial, existe ella sobre a terra iniqua?!... Não. Tinha ahi o exemplo no Barbas, com o seu grande corpo entregue a dôres afflictivas, que o faziam gemer. N'aquelle cerebro caridoso batalhavam idéas cahoticas, sonhos apavorantes, que o atormentavam. E era este o homem, que sempre estivera na brecha, pelo goso, pela tranquillidade e pelo Bem... O Bem! E' falso existir um phenomeno complexo, ou reunião de phenomenos elementares, que tal nome mereça. Tudo relatividades, erros e enganos do Homem, para ameigar a sua natureza de bruto. Mesmo para essas relatividades não havia premio; pois se o houvera, esses a quem o Barbas levava diariamente o coração em talhadas, para lhes

minorar o soffrer, deviam andar ululando de sentimento em volta d'aquella casa e ninguem os sentia. Na pobre e silenciosa morada, empestada de cheiros de vagabundos, apenas se percebia o respirar forte e anciado do doente, semelhante a sopro de vento no interior d'uma caverna. Elle, Manoel de Sá, o philosopho da negação, que não acreditava na subtil essencia chamada Alma, nem no phenomeno prodigioso denominado Bem, nem mesmo no recto instincto da humanidade que appelidam Justiça... é que se encontrava de sentinella áquelle corpo para o soccorrer... Procedia assim, quem fazia residir a felicidade suprema, no absoluto anniquilamento, na paz completa que resulta do *não-existir*. Que sentimento! que idéa! que instincto!... era o que ali o prendia com força tal, que as proprias pernas se recusariam a leval-o, se a mente lhe ordenasse o abandono!... Seria a pueril caridade que se lhe tivesse infiltrado com a educação religiosa dos primeiros annos? seria o dever fundado na solidariedade humana, que a sciencia na sua pratica dedutiva e logica lhe introduzira no cerebro? ou seria, então, qualquer pendor inconsciente residindo no fundo da cellula organica, e que a vontade do momento não podesse vencer?!... Na treva do dormitorio dos mendigos, Manuel, sentia a poderosa cabeça sobre o solido corpo; mas havia grande confusão no seu cerebro, quando procurava fazer taboa rasa de todos os sentimentos e idéas. Faltava-lhe o poder de abstracção de Descarte, na autopsia que estava fazendo á sua alma e á alma dos outros. Para elle, porém, a

victoria na procura da felicidade humana, não estava ao lado dos celestiaes apregoadores do Bem absoluto, nem ao dos negros apostolos do Mal eterno; mas na tremenda affirmação do Nada. Sendo assim; porque cercava elle, o corpo doente do seu amigo, de cuidados e affectos!? Porque accudira ao Barbas, quando o viu no pendor de cahir da cama, com um movimento de seu corpo, para melhor collocar as articulações doloridas?...

Foi n'esta circumstancia que o philosopho deu pela presença do amigo, e, ao encaral-o disse:

— Ó bom Manuel! Estás ahi?!... Que enorme sacrificio em ficares. A minha Joanna bastava.

— Tolices, bastava o que?! Chega-te para lá. A cama é estreita e cahes...

— Não encontro posição em que as dôres não sejam de cada vez maiores...

— Por isso todas as posições te servem, menos esta em que vaes ter ao chão. Eu te ajudo, vamos lá a ver se tenho geito.

Auxiliado pela velha creada, que segurou a roupa, para, com o movimento do corpo, a cama se não desfazer, Manuel de Sá mudou-lhe primeiro os pés para o centro do colchão; depois, collocando-se pòr detraz da cabeceira, suspendeu o pesado corpo pelos sovacos, com o fim de o auxiliar a adquirir geito de estar menos incommodado. O doente, n'este momento de desafogo, perguntou:

— O que terei eu, Manuel, que tanto me faz soffrer? Julião não t'o disse?

— Qualquer rheumatismo ou coisa parecida...

— Não são só as dôres: o meu corpo tem uma sensibilidade nova. Uma fornalha cá dentro, deito bafuradas de lume pela bocca... E este entupimento do nariz, que me não deixa respirar?...

Manuel de Sá sentia na garganta um novello de soluços; a velha Joanna desfazia-se em lagrimas lá para a cosinha A noite longa, a noite surda, a noite fria continuava impassivel em volta do mundo. O doente encostou a cabeça em modorra, entregando-se ao soffrimento, como quem se resigna. O chimico, para melhor alargar o peito n'um grande suspiro, reentrou no dormitorio dos mendigos. Este cerebro habituado á paz e rectidão das sciencias experimentaes, dava-se mal com os truculentos rugidos da dôr, que já lhe bramavam no peito. Por isso elle preferia o anniquilamento geral da vida, como expressão de suprema ventura, e que tudo se entregasse á fatalidade das forças sem intelligencia. Mas antes de se chegar a esse derruimento olympico, existindo á superficie do globo a cellula nervosa que sente, sujeitara-se á corrente de idéas do epicurista Barbas, procurando anniquilar, ao menos, o soffrimento, cuja existencia o amargurava. Punha-o em grande depressão cerebral o estado em que via o seu amigo, o homem de maior iniciativa e vontade, que ainda conhecera. Ser-se um forte, armado com todas as resistencias para a lucta pela felicidade, e poder-se cahir n'este depressivo estado de penas, era horrendo!...

— Mas póde... sem se ter força para o suicidio!...

— exclamou para a treva espessa, na sala desconfortavel e fetida, deixando ir o seu pensamento cheio de justiça pelos horrores da vida fóra!...

*

*

Na manhã seguinte, dia claro de sol victorioso, appareceu Julião Esteves, com o rosto sobresaltado e apprehensivo. Por sua propria mão abriu as portas da janella, para deixar entrar luz e melhor illuminar o rosto do doente, que examinou com a testa vincada e vista penetrante, em quanto perguntava:

— Como te sentes?

— Augmentaram-me as dôres, nas junctas e na cabeça. Soffro muito...

O facultativo attentou n'uma mancha luzidia e rosea, sobre a canna do nariz. Comprimiu-a sem que diminuisse a vermelhidão. O doente observou-lhe:

— Tenho as ventas entupidas, tenho. Mal posso respirar. Tira-me isto, Julião.

— Hei-de tirar, homem, hei-de tirar...

E ao mesmo tempo descobria-o para o exame dos joelhos, que viu tumefeitos e com o mesmo rubor brilhante da pelle do nariz. A pressão nas articulações tirou queixas ao pobre do Barbas... O medico disse n'uma voz rapida, a Manuel de Sá:

— Confirmo o que te disse. A prova bactereologica é desnecessaria para o diagnostico e só é util se se

quizer calcular a intensidade do mal. Pobre amigo, como foi infeliz! E' urgente leval-o d'aqui.

Manuel de Sá tinha uma expressão de grande amargura e colera, manifestando-o no arrepelar da sua barba fina. Ao ouvir, o que lhe dissera Julião, deu aos hombros um movimento de abandono e desespero, por tudo quanto existia, exclamando:

— E para isto se vive e se anda no mundo!...

A velha Joanna acercou-se dos dois, solicita a procurar comprehender o mysterio, que presumia n'estas conversas afastadas e cautelosas. Julião, antes que ella o interrogasse, disse-lhe:

— Está bem mal, está. Mande subir dois homens com uma maca, que ficou lá em baixo.

— Então leva-m'o! — exclamou a velha com a alma a despedaçar-se.

— Levo, sim. Esta molestia não se póde tractar aqui.

A pobre velha parecia desfazer-se em pranto. O seu coração mirrado, desejava verter sobre o corpo do enfermo, os seus ultimos e desinteressados affectos. Mas seria ella capaz de satisfazer a todo o necessario? Sentia-se realmente fraca, e pareceu-lhe que a sua immensa dedicação, não chegaria para tanto. Por isso se conformou. Sem dizer palavra, com o avental a enxugar os olhos, foi á rua chamar a maca.

O Barbas, apesar de estonteado pela febre e pelas dôres, apreciou o apparato funereo que entrava. Os dois carregadores, homens do hospital habituados a este serviço, collocaram a especie de esquife parallelo

á cama, descobrindo-o para deixarem patente e livre a lona, onde o corpo deveria ser deitado ao comprido. Havia calmo silencio. Julião seguia tudo com attenção; Manuel de Sá conservava-se afastado, mordendo os labios de amargura; a velha Joanna fugira para a cosinha, não podendo supportar, sem alarido, este começo de morte. O doente perguntou:

— Então tiram-me d'aqui?

— Tiramos — disse o medico. — Vaes para o nosso hospital. Aqui falta-te conforto.

— Quanto te agradeço a lembrança, Julião! Ao menos saberei dos pequenitos.

Na funda noite de angustia resumida n'aquelle rosto, a certeza de ir para o hospital, fez apparecer um subito e instantaneo raiar da aurora! Passar-lhe-hia na mente a imagem consoladora de Josefina, no sublime e heroico mister de vencer a dôr, inimiga do riso e do prazer innocente dos pequeninos, que só desejavam viver? Talvez; este grande coração, no primeiro abalo para a eternidade, pensava mais na licença em que no mundo deixava o mal, do que nas proprias angustias! Esta alegria transitoria, em semblante de tanto soffrer, significava quanto o Barbas queria ao seu instituto, e como o fiava da sublime vigilancia, carinho e piedade de Josefina. Uma força nova lhe entrara no corpo, pois até deu geito voluntario e manifestou poucos queixumes, na mudança para a maca. Fôra um refrigerio; o balanço cadenciado d'este meio de transporte, dava-lhe sensação de ir pelo espaço, no dorso d'aves que voassem serenamente a vôo egual. Mas

aquelle apparato pela calçada de Santo André acima, com o cortejo de dois amigos e d'uma creada chorosa, parecia sahimento funebre. Um transeunte disse parando:

— Que seria?...

Outro, tambem desconhecido, respondeu:

— Alguma grande desgraça!...

Josefina prevenida, como estava, por Julião, abriu amplamente as portas para a entrada da maca, e guiou-a para o quarto juncto do laboratorio. Quando descobriram o grande corpo do Barbas, agasalhado pelo casacão, transtornada a physionomia com o empolado e vermelho do nariz, as palpebras grossas cerradas sobre os olhos, n'uma apparencia de vontade anniquilada pelo soffrimento, ella sentiu uma das mais dolorosas impressões de toda a sua vida! Como é que, o grande Deus, podia permittir uma coisa assim?!...

— Nós é que o mettemos na cama — fez sentir Julião, para que todos se affastassem.

Ficou elle e Manuel de Sá, collocados juncto da cama, branca e fofa, já aberta para receber o corpo. O medico disse ao doente:

— Vamos a isto, João?

— Não me posso mexer, sem grandes soffrimentos... As juntas estão tomadas...

— Nós tudo faremos com geito — observou Manoel, com a voz de caricia, que só tinha para falar a sua mãe e a Kate.

Um suspendendo as pernas, outro o tronco, levantaram o grande corpo do Barbas, e pousaram-n'o so-

bre o lençol alvo e macio, como se fôra uma bola de sabão. Para o cobrir, poupando-lhe lastimas, desceram levemente a roupa sobre a pelle, aconchegando-lh'a com delicadeza, só propria de dedos d'uma donzella, que ageitasse flôres. Depois perguntaram-lhe:

— Estás bem assim?...

— O melhor que se pode, no meu estado. Obrigado, amigos.

Foi de novo admittida Josefina, a quem o assistente fez as recommendações, que o caso requeria. Assignalou a norma de tractamento, a ordem da medicação, e as precauções a tomar, por causa d'um possivel contagio.

— Mas eu mando-lhe já um enfermeiro. São homens habituados — rematou Julião.

Os formosos olhos de Josefina arrasaram-se de lagrimas, brilhando como dois rebentos d'agua. É que se reconhecia impotente para satisfazer todas as condições de força physica. Por isso concordou:

— Que venha. Sempre é um homem. Mas eu tambem quero prestar serviços, a quem tem sido a Providencia de tantos desgraçados, que, se vivem e não soffrem, a elle o devem.

O Barbas ouviu estas palavras de carinho e louvor. O seu rosto disforme pela inflammação, teve um sorriso de gloria e agradecimento. O medico applaudiu Josefina.

— E' isso mesmo, — disse affastando-se com ella. Considere-se uma ajudanta, o que será muito grato ao doente. Sabe quanta admiração, o nosso pobre amigo

tem, pela sua pericia. Os seus cuidados e disvelos devem ser-lhe de grande allivio...

Josefina, distrahiu o doce e triste olhar, voltando o rosto. N'este momento chegou Claudio, o generoso Claudio, que ella n'essa manhã mandara prevenir do occorrido. Trazia o semblante terrivelmente ancioso e interrogativo. Se fora seu pae, ou um irmão unico, que ali estivesse, não seria maior a sua afflicção. O quadro simples e triste, desenhado n'um fundo escuro de silencio e angustia, commovia-o a ponto de sentir uma onda de gemidos na garganta, e não poder fallar. Mas como de todos que ali estavam, cheios de magua e tristeza, não sahia palavra que o esclarecesse, ácerca da natureza da enfermidade, puxou Julião para o corredor e ahi o escutou.

— Uma terrivel doença, da maior gravidade, e de que rarissimos escapam. Tem o mormo, que apanhou tratando com uma familia mormosa e com um burro affectado d'esta molestia. Primeiro acompanhou ao hospital, ajudando-o a metter na maca, um doente, que encontrou delirante n'uma mangedoura; depois foi dar de comer ao jumento, que os tinha contagiado a todos. Imagina que temeridade! Approximar a propria mão, cheia de fava, da bocca d'um burro com uma pingadeira das ventas, de que devia desconfiar! Pessoas ignorantes, não o fariam, e elle, um homem illustrado, nem suspeitas teve! E' um obcecado de idéas altruistas, como sabes. N'estas coisas não é possivel contel-o; porque não attende a ninguem, nem a nada. Uma enorme desgraça, que podia muito bem ser evitada.

Toda a familia do homem, que elle soccorreu, bem como este, lá estão isolados n'uma barraca da cerca de S. José e o animal foi para o Instituto.

— Mas é coisa certa, que elle tenha o mormo?!... — indagou Claudio, ainda com um lume de duvida no olhar.

— Tudo quanto pode haver de mais certo. Colhi algum pus com destino a observações bacteriologicas, que me podem esclarecer acerca da maior ou menor virulencia do bacillo e portanto da gravidade do mal; mas para o diagnostico, basta-me o aspecto clinico da doença.

Claudio, com o seu brando e sensivel coração embebido em pranto, sentia-se sob o peso d'uma enorme catastrophe. A morte, a morte horrenda e barbara, com apparatoso cortejo de soffrimentos, como sempre ouvira prophetisar aos mormosos, era o que esperava o seu infeliz amigo, tão compassivo, tão isento de prevenções, que fazia o bem e minorava as dôres, guiado por um instincto a que elle chamava a sua philosophia, sem attender á especie social ou vivente, sobre que recahia esse affecto. A perda d'este homem raro, havia de ser um cataclismo tão sentido, como se dos astros viesse, uma força inclemente, assolar o mundo. Com ella soffreria incalculavel abalo a ordem dos sentimentos, das idéas e das coisas; a perturbação chegaria da terra ao céu, como na morte d'um redemptor. Os interesses, que o Barbas creara em volta de si, na atmosphera moral em que vivia, affectavam egualmente os dois mais sensiveis dos seus amigos,

Claudio e Josefina, que o tinham na conta d'um opulento repartidor de beneficios terrenos, sempre incansavel, sempre resoluto, atravez da cidade. Parecia-lhes que poderia fenecer esta bella obra do hospital, onde a dôr era guerreada, não por ostentação mundana, não por orgulho ou interesse individual; mas pela simples commoção que vinha do imo peito, da recondita e pungente sensibilidade de quem o instituira, e por uma funcção normal e directa da sciencia. Se tal facto viesse a dar-se, podia chamar-se cataclismo; pois que as penas e as maguas haviam de uivar victoriosamente pelos becos e viellas, sem remedio, nem allivio. Em tal caso deveria o sol velar a sua face d'oiro, e, no meio da noite serena e calma, rebentarem tempestades de lastimas!... Claudio, com o peito trespassado pelo infortunio que previa, entrou no quarto onde o Barbas supportava heroicamente o seu mal, agora sem um lamento, sem um queixume, tal com o seu mestre Epicuro, cuja resignação foi admirada no leito da morte, pelos stoicos, seus inimigos; e a quem Marco Aurelio, nos *Pensamentos*, dá como exemplo a imitar.

Sentia-se, ali dentro, a respiração alta e embaraçosa do forte entupimento nasal do Barbas. A bocca tinha-a meio aberta; o rosto, com a longa barba assente na dobra do lençol, era de completa serenidade... Mal podia abrir as palpebras de inchadas; mas, presentindo Claudio juntó do leito, disse:

— Estás ahi Claudio? Chegou-me a minha vez. Vigiem essas creanças...

— Nada lhes faltará. Pensa em ti...

— Nada lhes faltará, bem sei. Josefina... todos vocês são optimos corações.

— Tu é que soffres. . — disse Claudio.

— Não, conservo a minha independencia. A morte, não a temo. Pode vir. O mestre tambem a não temeu. Lembras-te do que elle diz? «A privação da vida é ausencia de sensibilidade.» Quem não sente, não soffre.

— Para que falar aqui de morte? Tu estás apenas doente. — disse Julião.

— Não lhe tenho mêdo. E' a libertação intellectual e moral — insistiu o Barbas.

Manuel de Sá, com o cerebro sempre em colera, contra todas as injustiças, viessem d'onde viessem, disse afastando-se, para não provocar discussões inconvenientes.

— Pois sim; mas o anniquillamento podia chegar sem este apparato. E ainda ha quem acredite que, uma supposta força providencial e beneficente, tenha ordenado tal encadeamento de coisas! E louvam essa hypothese, os imbecis!... Explosivos, venenos fulminantes!... é o que se quer!

X

NO QUARTO DO DOENTE

JULIÃO tratou primeiro de estabelecer, na zona da enfermidade, a indispensavel disciplina: marcou horas para medicamentos e prescreveu a dieta; ensinou a forma de desinfecções e os mil cuidados, que n'ellas se deviam observar; resolveu acerca das pessoas, que podiam ir junto do leito e da vigilancia e precauções a ter com ellas. Por fim, dirigiu-se á unica janella do quarto, cerrando-lhe, até ao meio, as portas, e disse:

— Vidraça sempre aberta; mas a luz moderada.

Manuel de Sá e Claudio, que estavam presentes escutaram-no attentos. O enfermeiro fazia signaes approvativos de cabeça. Josefina seguiu-o interessada, com o olhar sereno e rosto calmo, de quem vigiaria o exacto cumprimento d'estas ordens.

Crescia o soffrimento, agravavam-se os symptomas do começo e appareciam outros novos. Á obstrucção, seguiu-se o corrimento nasal d'um liquido esbranquiçado, como papas de leite raras. Primeiro trazia apenas laivos sanguineos; mas, logo após, transformando-se n'um creme espesso, o rubro do sangue tornara o amarello em arroxeado, côr de limão podre. No rebordo das azas do nariz, algumas empollas, espreitavam de dentro, e a breve trecho se tornaram em pustullas com negras crostas. O medico recommendara que o doente não estivesse de costas, por causa da soffucação. Como, lesões identicas ás do nariz, existissem na garganta, o leite só era deglutido com difficuldade; da bocca, que lhe desinfectavam antes de lh'o ministrar, refluia em vomitos com um liquido fétido, semelhante ao do corrimento nasal. O pigarro era insistente e por vezes chegava á tosse.

N'esta altura o semblante decompuzera-se em linhas de expressão anormal e cahotica: o empollado e a vermelhidão da face, alastrara-se para o pescoço; nas maçans do rosto, apparecia um embricado de pustulas com aspecto varioloso, que descascavam em escamas grossas, como as de corvina. Logo que identicas ulceras appareceram na cabeça, sobre os lados das maxillas e no queixo, tiveram de lhe cortar a comprida cabelleira e as longas barbas, isso que caracterisava o seu aspecto solemne e bondoso, como o dos patriarchas antigos, abençoadôres de povos e rebanhos. Lá desapparecia a rasão do nome adquirido na bohemia philosophica de Coimbra e pelo qual era conhecido em Lisboa,

quando o viam atravessar as ruas, com o seu grande corpo aos solavancos, e as abas do casacão ao vento. Não soltou um queixume, nem uma só palavra de averiguação, ao sentir o ranger barbaro da thesoura, que o enfermeiro guiava mansamente. Porém duas grossas lagrimas rolaram lentas, por entre os meandros da pelle mortificada e secca do rosto, que as bebeu amorosamente. Aquella alma valorosa, talvez sentisse prenuncios de noite eterna no facto de lhe despojarem o corpo dos seus adornos caracteristicos... Talvez; mas não manifestou desalento, nem censurou este começo de expoliação do seu ser, antes da morte chegar. Quem nos diz, que n'este instante angustioso não recordou e não soffreu, com o grave conceito do seu querido Lucrecio: «O homem não pode desprender-se completamente da vida, despir-se rapido de si mesmo, separar-se do corpo que fica estendido sobre a terra escura; imagina, que depois de morto é ainda elle que está de pé, junto do seu proprio espolio, que o anima e macula com a propria sensibilidade». Que o penalisasse a ausencia da vida, apesar das suas idéas philosophicas, quem o poderá contestar? Tinha-a unida á sua idéa de bem-fazer, e ninguem ignora que o individuo, com sentimento e alma, ligando-se ao destino terreno d'uma obra, filha do seu sangue, é por causa d'essa obra que pode temer a morte, e não pela destruição do proprio corpo. Por isso comprehensiveis são as duas grossas lagrimas, brilhantes e queridas como gottas de seiva, que desceram de vagar por entre as crostas ressequidas, que as bebe

ram avidas, n'um beijo d'amor fraterno. São comprehensiveis e são divinas estas lagrimas.

*

* *

A Julião, além do sentimento d'amisade, tambem o attrahia, para junto do Barbas, o interesse do caso medico e o cumprimento da nobre missão de, por meio da sciencia, exercer a caridade e traçar á vida humana caminho alegre e feliz. Fazia diariamente muitas visitas ao enfermo, dispensava-lhe todo o tempo, que lhe sobrasse d'outras obrigações. Porém a assistencia vigilante, amorosa e solicita era Josefina, que o não desamparava, nem de dia nem de noite, sem por isso faltar aos deveres do hospital, que o Barbas, do meio dos seus soffrimentos, lhe estava sempre a recommendar. Para tudo chegava a sua diligencia. Não passava uma vez de curativos ou de medicamento, que ella o não viesse lembrar ao enfermeiro. A repugnancia do doente para deglutir o leite era vencida pelos seus rogos, aos quaes elle cedia immediatamente. Claudio e Manuel de Sá, que por ahi permaneciam, á espera d'alguma palavra de esperança de Julião, já entravam na esphera de enthusiasmo por esta creatura, cuja serenidade, raciocinio e methodo, em frente de tamanha desventura, eram admiraveis. Toda a sua alma heroica e dedicada se prendia á idéa da utilidade e do bem. Como era soberba e esculptural aquella figura de linha erecta, cabeça levantada, olhar firme e enxuto n'um fundo de amarga me-

lancolia, ao cumprir a sagrada missão terrena de tornar risonhos e acceitaveis os soffrimentos! Quando, para se não conspurcar a cama, collocava, sob o rosto chagoso do enfermo, os pannos que deviam receber os liquidos nauseantes, que lhe escorriam do nariz, da bocca e das ulceras da face e cabeça, parecia que, aquelles dedos de fada, transformavam em rosas com aroma, essa podridão fetida. E o geito e a leveza com que, por meio de esponjas embebidas em liquidos desinfectantes, limpava o pus e humedecia as crostas, que se destacavam, como pedaços mortos d'uma arvore secca?!... O doente parecia ter allivio, quando Josefina levantava as mãos brancas e fidalgas, que, no sentir, lhe deixavam uma pelle nova e setinosa! Maravilha da acção moral e consoladora, no meio de tanta desgraça!

Julião, no gabinete de bactereologista, seguia interessado as phases das culturas mormosas dos microbios colhidos, quer no misero jumento, origem d'este padecer, quer em João da Terra. Para tirar horoscopos, pensava em comparar as respectivas virulencias. Com o seu longo casaco de laboratorio, afogado no pescoço, apertado nos punhos, abotoado até aos pés, seguia attento o interessante problema. Para multiplicar os meios de averiguação, serviu-se d'um porquinho da India, que das mãos do ajudante recebeu no braço esquerdo encostado ao peito, ameigando-lhe a fina cabeça, o que o animal agradecia com brilho no olhar. Depois, tomando-o pela pelle do dorso, collocou-o de costas sobre a larga mesa operatoria, recommendando ao Sousa que lh'o segurasse nas pernas e no focinho,

emquanto elle, no ventre redondo e felpudo, desnudava de pello uma pequena área, destinada á injecção, lavando-a primeiro com uma esponja embebida em liquido desinfectante. Apanhando, entre o indicador e o polegar da esquerda, uma prega de tecido, picou-o com a agulha curva, adstricta a uma pequena seringa, cheia de liquido virulento. Um ligeiro grito, seguido de estremecimento, foram os signaes de queixa do cobayo, que mettido depois na sua gaiola, logo principiou a comer um rico ramo de salsa, alimento de que parecia extremamente avido. Regalava-se com soffreguidão e gula, tendo já no seu sangue o mesmo terrivel veneno, que punha em desesperança a vida do Barbas.

Manuel de Sá, com olhar sombreado e attento, acompanhara silencioso a technica do bacteriologista. Estava cavalgado n'uma cadeira, os braços cruzados na parte superior do espaldar, o queixo assente nos braços. Quando viu guardar o porquinho na gaiola perguntou:

— Quanto tempo, para soffrer os mesmos horrores que o Barbas?!...

— Vinte e quatro horas — esclareceu Julião continuando o seu raciocinio experimental.

Manoel, levantando-se e indo pelo laboratorio adiante, foi clamando:

— Eu é que sou o nihilista, vocês os magnanimos corações!...

E voltando-se para Julião accrescentou ironico e acerbo:

— Não julgas uma barbaridade o que fizeste, bom homem?!...

— Era necessario — affirmou o medico continuando o seu trabalho.

— Necessario o quê? — exclamou parando no meio da sala, illuminada a physionomia de advogado dos que se não podem defender. Com esta crueldade curas aquelle que ali dentro padece? Era bem escusado...

— Escusado! — veio para elle Julião. Não temos a averiguação do problema scientifico de que podem resultar innumeras vantagens? *Que vale um cobayo!?* Não nos estamos nós, todos os dias e a todos os instantes, sacrificando uns pelos outros? O nosso pobre amigo, adquiriu uma molestia de que provavelmente morrerá no meio de horriveis soffrimentos, só porque quiz matar a fome a um burro, que a estas horas deve estar abatido...

— *Que vale um cobayo!?* Vale tanto como tu e como eu, perante a justiça immanente, que reside nas coisas e não fóra das coisas. Além d'isso é um inoffensivo e um indefeso. O mal que o jumento causou ao Barbas foi casual e inconsciente, o que tu fizeste ao misero que está dentro d'aquella gaiola, foi perfeitamente raciocinado. O Barbas, se soubera que o jumento era mormoso, não se chegaria a elle, ou chegar-se-hia com precauções para não ser contaminado; o cobayo entregou-se-te alegre, confiado e inerme e não podia evitar o que tu lhe fizeste. O pobresito, que ali come despreoccupadamente a sua salsa, e em breve morrerá com dôres atrozes, tinha tanto direito á vida e á felicidade como

qualquer de nós. Não ha differença nas duas situações!?

— Ha — disse Julião com voz serena. Simplesmente, eu inoculei-o com a mira no augmento da verdade e dos thesouros scientificos, ao passo que o Barbas, ao infectar-se, nada d'isto teve em vista. Creio que tambem faz differença. Depois, que celeuma e que grande colera, por um cobayo... coisa de nada!... Nem parece teu Manoel!...

— Já te disse que perante a fecunda natureza, um cobayo é tanto como qualquer homem, Newton que seja. *Coisa de nada!* Vale uma vida; uma vida tanto ou mais preciosa do que a de qualquer principe devasso ou argentario abominavel. A tua sciencia, conservadora do homem e inimiga do resto, é radicalmente injusta e portanto despresivel. Esse pequeno animal foi gerado como nós, creou-se, cresceu como nós, vive mais feliz do que nós, pois não tem o soffrer da intelligencia. E' claro que podia sobrevir um acontecimento inesperado, uma molestia, uma tempestade, um tremor de terra, que o privasse de todos esses beneficios; podia morrer rapida ou brandamente, com muitas ou poucas dôres. Era o *acaso-providencia*, que o privava de todos os beneficios, que lhe tinha dado. Nada temos com isso; porque é lei natural, a vida e a morte. Mas vires tu, apostolo do Bem, injectar-lhe no ventre um veneno, com a tua agulha curva, que já tem a forma horripilante d'um sophisma; um veneno, que lhe dará morte com grandes soffrimentos; é o que se não pode tolerar, nem defender. Esse teu progredir da

sciencia, com que só lucra o homem, o homem que sacrifica ao seu feroz egoismo o resto de todos os seres, considero-o fundamentalmente injusto.

O medico interrompeu o labutar experimental. Fixou primeiro Manoel de Sá, que no comprimento da sala, a largos passos, vibrando de sentida indignação, clamava como um apostolo. Claudio de Mendonça acompanhava silencioso e interessado o debate, do meio da fumarada odorifera do seu charuto havano. A Claudio primeiro, na forma accusadora de denuncia, é que Julião Esteves falou:

— Ouvel-o? E' elle que me vem accusar de cruel, egoista e insensivel! (Para o chimico). E's tu, alma sombria, inimigo implacavel de toda a existencia social, que desejas destruir tudo d'uma maneira violenta com explosivos e com venenos, que me levas, á conta de crime, a morte d'um cobayo, ou de todos os cobayos, se quizeres. O meu proceder é simples e rigorosamente scientifico, e só dirigido a augmentar na terra o peculio de felicidade, aniquilando a dôr, garantindo a saude. Quando affirmas que no mundo haveria mais ventura, se o transformassem n'um montão de ruinas, és um cerebro perigoso. Serias um grande perverso se podesses embrulhar n'esse cataclismo, que é apenas um mau sonho, innocentes e culpados, moços e velhos, toda a alegria, toda a força, os thesouros de toda a experiencia humana, em que mesmo desappareceria o fructo do teu trabalho. Quando assim falas considero-te um grande maluco! Apregoas, como coisa de justiça superior, a destruição da obra da omnipotente intelli-

gencia, da edificativa bondade, da luminosa esperança, que existe nos corações. E tudo a proposito de quê? A proposito de eu ter introduzido, no ventre d'um misero cobayo, algumas gottas d'um liquido, em que ia o bacillo mormoso. E porque é que eu o fiz, e com que fim o fiz?!.. Para melhor dirigir o meu ataque contra o terrivel inimigo, que ameaça a existencia d'um homem, que é a bondade, a abnegação, o altruismo na sua mais bella, mais sublime e completa expressão, e que tem, na existencia dos seres, introduzido felicidade de preço superior, ao que valem todos os cobayos. Repito: o que tu me pareces, quando assim falas, é doido...

Manoel de Sá veio para elle formidavel, com a barba eriçada de colera:

— E tu és um barbaro, Julião! Se aquelle, que ali está na cama, nos ouvisse, a quem dava razão, era a mim. Havia de applaudir-me, estou certo; e não consentiria o acto que praticaste, nem mesmo para lhe salvar a vida. E julgas-te, talvez, um campeão da felicidade á superficie da terra! Isso é-o elle, que nunca destruiu, nem uma cellula viva, para salvar o proprio corpo. Mas supponhamos que és o defensor da vida humana! Para que serve isso a que pomposamente chamam vida humana? Para que?!... Para frutificarem e se multiplicarem as injustiças, as crueldades, a odiosa malicia, o perverso mal, debaixo de todas as suas formas! Mais valia que tudo fosse destruido, que tudo desapparecesse no fumo d'um universal incendio, visto que (fazia a voz formidavel de grande accusador) em quanto no mundo

houver uma mulher, para gerar um homem, a iniquidade triumpharà. A iniquidade é prolifera e manhosa, como esses teus infinitamente pequenos, que levam a devastação até aos confins da vida, sem serem presentidos. Se não querem (apregoava n'uma transigencia) os meios violentos, os explosivos e os venenos, por serem barbaros e talvez ineficazes, empregue-se a doutrina da esterilisação da mulher e do homem, como maneira suave de acabar com a mentira e a injustiça. Este meio, reconheço-o, é impraticavel; porque o homem, que a si mesmo se chama divino ser, não é mais do que uma besta, inferior a todos os animaes, nos seus fingidos intentos de procreação, que apenas occultam luxuria. Por isso, os espiritos verdadeiramente amantes da justiça absoluta, se voltam para os processos de grande força. E' indispensavel amordaçar, esse intoleravel egoista, que fabricou um mundo e o dirige em seu unico proveito, repoltreando-se sybaritamente no goso material. Descubramos explosivos, fabriquemol-os aos milhões de toneladas (clamou em voz de estentor) e espalhemol-os por todos os meandros do globo. Cultiva, multiplica os teus microbios mais venenosos, os que mais facil e rapidamente possam corromper o sangue e injecta-os, não em cobayos inoffensivos, mas nas veias de todos os homens, que só assim poderá haver paz e verdade sobre a terra!

O aspecto de Manoel de Sá era grandioso, falando e gesticulando, com semblante incendiado e gesto largo. A sua palavra era um trovão, e dentro do craneo bramiam-lhe as idéas, contra a astucia, que no mundo

secca o verde campo da justiça. A pureza de linhas da sua nobre face, deixava-lhe transparecer o animo em revolta. Mostrava-se assim transfigurado em violento, aquelle que, na intimidade, tinha expressão meiga e carinhosa. Claudio, que assistira passivamente á discussão, sentia-se desagradavelmente impressionado, mais pela alteração de semblante, em que o via, do que pelo acre das suas idéas, a que andava habituado. Por isso se levantou cautelloso da cadeira, veio em passo lento até junto d'elle e, pousando-lhe a mão no hombro, aconselhou:

— Fala mais baixo, que podes encommodar o Barbas. Mas dize cá: n'essa morte de toda a gente, pelos explosivos, pelos venenos ou pelos microbios, querias comprehender tua mãe e tua irmã?

— Não se trata nem de mãe, nem de irmã, nem de amigos; trata-se do homem social, gerador de toda a injustiça do mundo.

Julião Esteves, que já tinha voltado aos seus vidros e campanulas, em quanto Manoel bradara, observou em voz natural:

— Deixa-o. O que elle tem na cabeça, é chimica de mais e juizo de menos. Cuida que na vida organica e na social, tudo se pode obter por combinações exactas. Pergunta-lhe em proveito de quem estuda e descobre os subtis venenos, os novos productos, que são os melhores auxiliares da medicina. Em proveito d'esta coisa risonha e sempre bella, que se chama vida, e do homem que é de todos os seres, quem melhor a sabe gosar. Pergunta-lhe em proveito de quem estuda e descobre os

explosivos, com que se propoem destruir o mundo. Em proveito da industria humana, que os utilisa em multiplicar as forças e diminuir as resistencias, que lhes são contrarias, accrescentando assim os commodos e os gosos do tal grande criminoso, que se chama o homem social. Prega uma coisa e pratica outra, como quasi toda a gente. Deixa-o falar, Claudio, que não são mais do que bafuradas de tolices, o que diz. Deixa-o falar...

*
* *

Manoel de Sá sahira para o corredor, abandonando a discussão, com mêdo de ser ouvido pelo Barbas e de augmentar-lhe os soffrimentos. A observação de Claudio, causara-lhe desgosto e arrependimento... Com as mãos enterradas nos bolsos, passeava sombrio, deante da porta do laboratorio, moderando o ranger das botas, em quanto Claudio, coração amoroso, inimigo de zangas entre camaradas de todos os dias, inventava razões, perante o bacteriologista, que desculpassem Manoel, pela sua exaltação. O medico, attento aos seus trabalhos, respondia-lhe calmo e sereno: «Estás doido!». «Importo-me lá!...» continuando a multiplicar as culturas mormosas em caldo, em gelose glycerinada, em batata bem amidoada, no intento de tirar horóscopo da muita ou pouca resistencia do bacillo. Se esta fosse fraca, ainda se podiam ter esperanças de salvar o doente; d'este modo apaziguaria a ancia do proprio espirito e a de todos que amavam o desditoso João da Terra.

Recolhia na estufa os tubos de vidro, rolhados com algodão esterilisado; collocava-os em ordem; estabelecia a temperatura conveniente á observação. Com o espirito acalmado no interesse scientifico e intellectual, examinou algumas garrafinhas de Erlenmayer, cheias de liquidos corantes de que teria de se servir, e desconfiando da pureza d'uma d'ellas, chamou Manoel de Sá, que passava em frente da porta do gabinete:

— Ó pedaço d'asno. Vê se este *mordente* estará capaz.

O chimico chegou-se, no seu passo descançado. Tomou a garrafinha, observou-a por transparencia á janella. Estava cheia de fuschina de Ziehl, parecia um rubi de enormes dimensões. Brilhava n'uma pureza impecavel, uma luz sanguinea, atravessando-a, vinha pôr uma mancha vermelha no rosto de Manoel de Sá, que depois do imperfeito exame, disse em voz natural:

— Parece-me pura. Mas, para tirar duvidas, experimenta-se com o reagente proprio.

— Será melhor. É indispensavel que esteja perfeitamente basica e concentrada para bem fixar o bacillo. Examina-me egualmente este azul de Kükne. Quero provas positivas, e bem sabes que o *Gram,* só m'as dá negativas.

E accrescentou depois d'um silencio:

— Isto de pouco serve para o diagnostico, que está feito clinicamente. Mas póde apparecer, alguma particularidade interessante para a sciencia, e favoravel ao nosso amigo.

Claudio, que o ouvira, exclamou n'uma exaltação de esperança...

— Ainda o poderás salvar?!...

O medico encolheu os hombros e levantou os braços, n'uma infinita desolação e incerteza! Quem o sabia?! Em quanto houvesse sopro de vida, era indispensavel combater. Que mais se não podesse conseguir, moderar-se-hiam os soffrimentos d'aquelle que sempre batalhara rudemente contra a Dôr, e pelo mundo andara espalhando alegrias, venturas e gosos. Julião respondeu:

—Nada te posso affirmar, por agora. Vou interrogar o proprio microbio, para ver o que elle me diz. O aspecto das culturas, o microscopio e principalmente a evolução da molestia no cobayo falarão. N'este momento o prognostico é máu. D'aqui a dias poder-se-ha, talvez, dizer mais do que ao presente...

E depois d'um silencio reflectivo acrescentou:

— Interessa-me o cobayo. O que lhe succeder, é provavel que succeda ao doente. No pequeno animal, o microbio evoluciona com mais rapidez; por isso d'elle colheremos mais cedo, qualquer prova indirecta. Diz este philosopho piegas, apesar de grande revolucionario, (Manuel conservou-se silencioso e de expressão immutavel) que lhe metti no corpo a morte. Isso veremos... E que mettesse?! Não comemos nós todos os dias a carne de animaes, que para nosso regalo são mortos? E' a galinha, é o boi, é a perdiz, é o porco, é o peixe. Não são estes dignos de tanta compaixão, como o cobayo? E, tambem, lhes acabam com a existencia em completa e perfeita floração de saude, quando a gosavam alegremente nas capoeiras, nos campos, nos bosques e

nos mares. E' uma lei geral: que a vida d'uns se sustente á custa da vida dos outros, para se fechar o circulo completo da circulação da materia e da força que n'ella está. Não veem como o cobayo mastiga alegremente a rica salsa e a alface, sem desconfiar que, uma simples picada da minha agulha curva, lhe introduzisse no ventre a morte ou pelo menos um soffrimento atroz? Tens rasão, Manuel, tens mesmo muita razão; mas que queres tu, se o destino d'este ser innoffensivo, a sua unica utilidade, é servir, melhor que qualquer outro, para as nossas necessidades experimentaes! Como elle amaldiçoaria a sciencia, se pudesse ter noção do que é este divertimento do espirito humano!

Conservaram-se todos tres, algum tempo, silenciosos e contemplativos, deante da gaiola, onde o porquinho se deliciava com a sua comida, mexendo lentamente o corpo, arqueado em bola. Os dentes brancos e finos, como agulhas, mastigavam as folhas verdes; os olhinhos redondos, como contas, percorriam as orbitas; o focinho ponteagudo e nervoso farejava... Havia qualquer coisa de femenil, dentro da sua pelle raiada de branco e amarello, em fundo negro, pelle setinosa e humida ao contacto. Uma creança procural-o-hia instinctivamente, com a mão papuda, para o afagar, tamanha era a sua mansidão! Os tres que o examinavam, perdiam-se, apenas, no calculo d'aquella felicidade, a que estavam promettidos grandes tormentos.

XI

O PORQUINHO DA INDIA

No grande corpo do Barbas, a doença avançava implacavel, como assoladora cavallaria em fertil e vasta campina. A corysa mormosa, purulenta e fetida, causava nojo; da bocca chagosa, com a lingua e mucosa tumefeitas, escorria liquido espesso e repugnante. A tosse era frequente, a respiração anciada, sentiam-se sibilos altos quando espectorava. A pelle do rosto, desnuda de barba e toda empollada, tinha a substituir-lhe, o roseo da primitiva erysipela, pustulas negras. O ichor, secco no rebordo do labio superior, parecia massa d'ambar, tal como nos orlas das ulceras saniosas da cabeça. Assim transformado, sem cabello e sem barba, era homem bem diverso do que fôra! Ninguem, ninguem, por experimentado que estivesse na sua physionomia, pode-

ria reconhecer n'este pustuloso, o apaixonado epicurista, que costumava atravessar, com o olhar illuminado de bondade, as ruas de Lisboa! Aquella singular expressão de meiguice, que o transfigurava, se tinha no pensamento o atenuar de dôres com a esperança, com a resignação e com a coragem, havia desapparecido por traz da mascara ascosa. Perdera o sorriso que sabia levantar os espiritos, reconfortar os corações, poeirar infortunios. Estava prostrado na alma, e desfazia-se-lhe o corpo. Nem as suas pupillas, agora occultas pelas grossas palpebras inflamadas, podiam inquirir com intelligencia; nem os labios, sujos de feridas, sabiam enunciar palavras de consolação! Era todo repellencia e dôr: do homem que sempre batalhara pela ventura universal, não irradiava um vislumbre de ventura. Todos os que d'elle se separavam, traziam no semblante o desgosto; unicamente Josefina, a incomparavel e heroica Josefina, acceitara o novo aspecto do Barbas, com rosto limpo e conformado. O seu sorriso caridoso bastava, para illudir o misero, acerca do seu estado de hediondez; não seria d'ella que lhe adviria esmorecimento... Solicita e methodica na observancia da sua devoção, as prescripções do medico eram executadas com admiravel pontualidade. Para o enfermeiro ficavam os serviços, que uma mulher não pudesse prestar; mas até da execução d'esses era ella a fiadora. Com esponjas embebidas em liquidos antisepticos, lavava-lhe as ulceras das narinas, dos labios, da face e da cabeça; e, com tal pericia, se havia, que as crostas se despegavam sem dôr. Aquellas mãos de santa, andavam tão leves,

quando substituiam os pannos sobre que escorriam os liquidos infectos, que, os somnos febris do doente, não eram de nenhum modo interrompidos. Apesar da difficuldade que o Barbas tinha na deglutição, Josefina, servindo-se d'um bule, fazia-lhe correr o leite iodado na garganta, em fio tão tenue, que o doente agradecia-lh'o, em vez de o regeitar. Com este proceder util, carinhoso e bonissimo, tornava aquelle semblante menos asqueroso do que estava; se ella, senhoril de porte e delicada, o tacteava sem repugnancia, é que a aversão dos outros era insensata. Assim, por um influxo meramente psychologico, o olhar limpido de Josefina, transformava em formoso, um rosto chaguento. O maior beneficio colhido d'este proceder era evitar, ao animo do doente, o desespero, a amargura e a revolta; consolal-o com todos os enganos do seu carinho. Josefina não era como os amigos de Job, que a todo o instante, para maior martyrio, memoravam ao seu amigo, a tremenda desgraça com que o Senhor o ferira. Bem ao contrario: procurava sempre ter no aspecto conforme e risonho, as provas de que existiam no Barbas todas as suas feições naturaes. Esta creatura fragil como o vidro, flexivel como o junco, alegrava tudo, com o sol do seu olhar; concentrava em si tal magestade e força, que o doente, julgando-se melhor do que estava, entretinha-se com ella na apreciação de interesses, que lhes eram communs:

— Como vae o nosso doentinho do garrotilho?

— Completamente curado.

— A ferida da operação no pescoço?...

— D'essa, já nem signaes. A mãe virá buscal-o um d'estes dias...

— Para o levar, de novo, para a miseria e para o soffrimento...

Estas simples palavras, ou pelo abalo moral que lhe causaram, ou pelo esforço de as pronunciar, produziram grande abatimento, cobrindo-se-lhe a testa de suores. Pareceu ancioso e exhausto, sob a piedosa attenção de Josefina, que lhe ageitou a cabeça no travesseiro, indo depois passar as mãos em liquido desinfectante, como recommendara Julião. Essas mãos brancas de princesa, dignas de constellações de pedras preciosas, eram grandemente bellas, mesmo assim, em contacto com a podridão humana. Em quanto as enchugava á toalha de fresco linho, disse para o enfermeiro, um gordo e atarracado, grisalho na suissa e de olhar indifferente:

— E' no que pensa, nos seus protegidos e doentes. A grande desgraça, que o afflige, não lhe fez esquecer a dos outros...

*

* *

Mais de vinte e quatro horas, após a inoculação do cobayo, Julião foi-o examinar. Encontrou-o amarroado, febril, escondido no fundo da sua gaiola, talvez para evitar a luz que o offendia. O fresco alimento de salsa e alface, que anteriormente era todo o seu goso

e cubiça, despresava-o agora. Os pequeninos olhos chorosos; das ventas e da bocca escorria-lhe um liquido esbranquiçado e gommoso com laivos de sangue; o corpo tremente, redondo como uma bola, augmentara de volume por causa do pello ouriçado. O bacteriologista tomou-o carinhosamente pelo dorso, afagou-o na cabeça, levou-o á larga mesa operatoria, pondo-o de ventre para o ar. Depois, apalpou-o na axilla, nas verilhas, entre os quartos posteriores, monologando:

— O rosario ganglionar... o sarcocele...

E acrescentou para Claudio e Manuel, que estavam presentes:

— Esta contraprova é importante, ainda que não infallivel. O augmento de volume testicular do cobayo injectado de puz mormoso, está hoje demonstrado que se deve attribuir, a outros elementos, e não ao bacillo propriamente. Porém, combinando este facto com o estado geral do animal, uma enorme probabilidade nos resta de que o individuo d'onde o puz foi tirado está mormoso, e o estudo das culturas do seu corrimento nasal, por exemplo, ajuda-nos a calcular a virulencia do bacillo e serve-nos para inoculações mais caracteristicas.

— E este animal morrerá? — perguntou Claudio.

— Não daria agora dez réis pela vida d'elle, attendendo á gravidade da molestia. Se fôr, porém, tão feliz que o seu organismo offereça resistencia a tão forte veneno, eu é que o não mattarei depois, nem o sujeitarei a novas inoculações, para não provocar outras coleras

d'este revolucionario, que desadora o homem, para se devotar ao amor dos brutos.

Manuel de Sá deixou passar a ironia, observando com a sua voz serena e raciocinadora:

— Instituiste, ao cobayo, o mesmo tratamento do Barbas, para se poder tirar conclusão de valor?...

— Marque dois tentos, senhor nihilista!—applaudiu Julião. Não o fiz e não se tem feito; mas acho acertado que se faça. Apreciaremos os effeitos da mesma medicação em organismos dissimilhantes e d'ahi pode resultar, qualquer novo dado para a sciencia. Terá leite iodado, talvez mercureado como aconselha Arella, e com enxofre, como manda o velho Tardieu.

E tornando a guardar o porquinho na gaiola, disse ao pousal-o:

— Ande, seu figurão, que vae ser tratado como a gente.

Foram, depois, todos três (como se todos três gosassem do mesmo interesse intellectual) apreciar o adeantado das sementeiras de microbios mormosos. Julião abriu amplamente a porta de vidro da estufa de Roux, collocada entre as duas janellas, e do interior tirou, para os repôr nos seus respectivos logares, tubos de vidro longos como dedos de luva, que examinava, por tranparencia, contra a luz exterior. Na cultura em caldo, via-se claramente uma nuvem branca, fluctuando no fundo da columna liquida; na superficie da gelose glycerinada, translucida e solida, uma fita de pelicula d'ovo, no sentido da estria de sementação. O bacteriologista levava successivamente esses vidros deante do

grande ar, para lhes definir todas as caracteristicas; mas, emquanto os não restituia ao ponto d'onde os tirara, ia formulando silenciosamente raciocinios. Depois de, observar com cuidado, a sementeira feita em batata, bem amidoada e alcalinisada, esclareceu:

— Esta cultura é a de maior valor e significação; porém, só mais tarde, apresentará os signaes caracteristicos. Espero que ámanhã esteja completa.

Claudio, a cujo espirito delicado, sensivel e um tanto supersticioso, causava mêdo a familiaridade de Julião, com o pavoroso mysterio da vida e da morte, encerrado dentro das frageis paredes de todos aquelles vidros, perguntou:

— E não ha perigo, em tratar com materias tão extraordinariamente venenosas?

— Immenso perigo! — certificou o bacteriologista, n'um tom desprendido e natural. Só este amigo, que aqui está encerrado, o bacillo mormoso, já tem, á sua conta, duas victimas notaveis. Os desgraçados Kalming e Protopopoff, adquiriram o mormo de laboratorio e d'elle morreram.

— E tu então, andas com elles na mão, sem nenhum receio!... — disse Claudio.

— Que queres?!... Se me succeder o mesmo, morro no meu quarto de sentinella. A sciencia é uma grande e insaciavel devoradora de vidas... Nada a farta, e quantas mais victimas tem, maior numero requer. Estamos habituados, tomamos todas as precauções; mas lá vem um momento em que nada d'isso vale. A todos os instantes se correm perigos. Não os tem passado este

(falava com a mão no hombro de Manuel de Sá) nas suas experiencias chimicas? Que o diga, se não. Qualquer ligeiro augmento de temperatura, além da necessaria; a approximação imprevista de duas substancias inimigas, ou amigas de mais; a impureza d'um reagente; o mal limpo d'um frasco; uma corrente electrica dependente do estado atmospherico... mil coisas que se podem dar, e que a intelligencia do experimentalista não pode prevenir, são causas de risco de vida. Quantas explosões, não tem demolido laboratorios e aniquillado os que estão dentro! Quantos envenenamentos, se não tem adquirido no manusear de substancias chimicas, e, de quantas molestias, apanhadas nos hospitaes, se não tem morrido com grande cortejo de soffrimentos! N'estes campos de batalha chamados laboratorios e hospitaes, a morte é nossa companheira; e anda tão perto dos combatentes, como nos outros famosos campos de batalha, onde se degladia a maldade e a cubiça de imperantes, roidos de más paixões. N'aquella arena, a tranquilidade é enganadora e apparente. A nosso lado fermenta a destruição no embate formidavel de forças antinomicas, que a todos os momentos estamos acordando do fundo da mysteriosa natureza, onde dormem! A *destruição*, disse eu! Não é assim! A vida só desapparece para logo se reconstruir; mas custa muito caro tudo quanto averiguamos d'esse formidavel segredo! O prazer, a saude, o pensamento, a formosura, a robustez do homem, os encantos da mulher... são sustentados á custa da propria vida e da propria felicidade, que ninguem póde dizer no que consiste.

Não digo a verdade impiedoso nihilista ? — concluiu, voltado para Manuel de Sá, que o ouvia absorvido no mundo sombrio das suas idéas.

— Dizes a verdade; mas não dizes toda a verdade, sabio cauteloso. Acrescenta a tudo isso, que uma minoria estupida de bipedes, vulgarmente chamados homens, é que disfructa e gosa, sem o menor risco e sem o menor pudôr, o fructo de tantos e tão formidaveis trabalhos, pagando-o com o prato de lentilhas. São esses os grandes parasitas, o escandalo da nossa especie. Para lhes garantir o goso material, a ventura egoista, é que no mundo se fazem leis e se fazem guerras, se passam fomes e se soffrem dôres. No espaço do globo, que conta tantos milhões d'homens, essa minoria de bestas e malandros, não forma muitos milhares! Coisa horrivel de se dizer! E' impossivel isto continuar assim! — prophetisou n'um gesto largo, que significava rasoura e aniquilamento.

— E poderemos nós acabar com essas desigualdades ? — ponderou o medico. Creio que não, porque ellas são naturaes e tu é que laboras em erro. Eu encontro-as, até, no fundo da natureza obscura dos infinitamente pequenos, que estudo. Dentro dos meus tubos, garrafas e cristalisadores, dão-se conflictos semelhantes aos que denuncias entre os homens. Microbios ha (e não deixam de ser os mais virulentos e perniciosos) que para viverem e se multiplicarem, se servem de outros mais humildes, que lhe preparam o alimento e o goso, quando não são elles o proprio e delicioso manjar do seu apetite! Creio que tu, ingenuo idealis-

ta, não quererás convencer-me, que a esta existencia de dentro dos meus frascos, presidirá qualquer idéa de injustiça, de ferocidade, ou de malvadez, como evidentemente se encontra no mundo dos seres pensantes, a que temos a honra de pertencer. E comtudo, os factos passam-se ali, talqualmente, como cá fóra. Logo a desigualdade, entre os seres vivos existentes, é facto natural. Encontra-se espalhado em todo o universo esse principio: para que uns vivam é necessario que outros morram; os fracos serão perpetuamente devorados pelos fortes, por aquelles que tem mais impeto no ataque e melhor defeza na resistencia.

Manuel de Sá ouviu o que o medico dissera, escutando-o com o seu olhar alheio a tudo, deixando ir o pensamento por veredas tristes. Quando Julião terminou, concluiu em voz pausada, como se falasse a sós comsigo:

— Se toda a natureza é assim defeituosa, se a idéa de justiça e de verdade lhe não são constitutivas, prefiro o aniquillamento geral, como formula unica de evitar o *Mal* no mundo!

— E pensas com isso haver tudo conseguido? Com esse aniquillamento não attingirás o infinitamente pequeno, o venenoso e voraz microbio, que vive da vida dos seus similhantes. Os teus meios, grosseiros e espectaculosos, de explosivos, venenos energicos e da não fecundação do ser humano, não colherão os animaes, e ainda menos os maus bacillos, os pathogeneos, esses reis do universo, que eu conheço de os ver no meu microscopio da grossura d'um cabello, quando está

augmentado, centenas de vezes, o seu tamanho. Continuariam a viver, a multiplicar-se, a gosar á sua maneira, mesmo que se podesse conseguir, o absurdo, de destruir o genio do homem, a formosura da mulher e a virtude das almas superiores. Para que servem, pois, os teus meios violentos e barbaros!? Para nada. Esta vida, inimiga da vida, continuará a impellir a magestosa circulação da materia, nos confins da sua existencia, ainda mal comprehendida.

Manuel de Sá accentuou n'uma expressão dura:

— Bem se me dá isso! Quando o homem não exista, nada mais existirá; porque falta a sua capciosa intelligencia para o conceber.

—Bonita razão—accentuou o medico amargamente. E's um acerbo de contradicções, como o Barbas, que sendo o philosopho do egoismo, só pensa no bem dos outros. Vamos Claudio (lançou um braço sobre o hombro do amigo, que seguira interessado e avido toda a discussão) vamos ver o nosso doente. Façamos alguma coisa pela saude e pela vida, pois são as condições terrenas da felicidade e da alegria. O mais, palavras, palavras, muitas palavras...

*

* *

Manuel de Sá seguiu após elles. Quando chegaram á porta do quarto de João da Terra, estava no corredor, com o rosto occulto no avental, que ensopa-

va em lagrimas, a velha Joanna. Queria permissão para ver o seu rico amo, cujo aspecto franco e sorriso lhano a não reconfortavam, desde que, no bêco do Imaginario, o tinham encerrado na maca. Abraçou o facultativo pelo tronco, humilhava-se supplicante, e só pedia um instantinho para estar perto do leito.

—Vá lá um *instantinho*. Mas não se approxime muito d'elle, que lhe faz mal — disse Julião.

Apesar do pavor que, o aspecto do Barbas, lhe devia causar, a velha sentiu grande jubilo, ao conhecer ainda vivo seu amo; e, ao vel-o, sorria de goso triste, como a noiva que fôsse admittida á presença do seu noivo, preso em barbara masmorra. Não lhe durou muito, porém, tal contentamento, que se transmudou em pungente dôr! As pernas dobravam-se-lhe, sem força para sustentarem o magro corpo; as idéas diluiam-se-lhe n'um pego escuro... Aquelle não era o mesmo semblante compassivo, alegre e bom, que ella conhecera: a ausencia da longa e caracteristica barba, a falta da comprida cabelleira de philosopho, bastavam para lhe tirar todo o encanto representativo! Tinha escondidos, por detraz das palpebras inflamadas, os seus olhos d'uma candura infinita; as linhas salientes do nariz e dos labios, perdiam-se na tumefacção do rosto. Das pustulas negras, semeadas pela face, testa e cabeça, escorria puz sanioso e fetido, que se seccava em nodoas amarellas, nos pannos que defendiam o travesseiro e o lençol. A velha Joanna parecia asphixiada, o sangue escaldava-lhe os pulmões. Já se recriminava, por ter querido ali entrar!

Que lucrara em vêr tamanha desgraça! Encostou-se a uma cadeira, que estava perto, para não cahir fulminada pela afflicção. Accudia-lhe aos olhos um mar de chôro; mas, a sua natureza plebeia e forte, reprimia-o, para não accrescentar com a sua amargura, a do enfermo. Estaria sob aquella mascara hedionda, o mesmo homem de aspecto singelo, convivencia amoravel, que lhe insufflara, com o exemplo, nobres sentimentos de affeição, por todos os infelizes? Porque é que, os castigos do céu, baixaram sobre quem só praticava virtudes?!... Genio de inalteravel placidez, nunca lhe dissera palavra de censura aspera; coração simples, nunca lhe fizera sentir a condição de creada. Se entrava de noite, a deshoras, era cauteloso para a não accordar. As frequentes precisões de dinheiro, supportava-as heroicamente de rosto alegre e conformado; se algumas penas d'aqui lhe vinham, era por não ter bastante para os necessitados. Por isso, Joanna, não podia comprehender, como penitencias tivessem chovido, sobre quem só merecia premios e galardão. Aquelle entendimento limitado, não abrangia a razão de tamanha injustiça! Para verter todas as lagrimas, que sentia represas nos olhos, ia-se a retirar, quando ouviu dizer:

— Estás ahi velha Joanna? Porque não tens vindo ver-me? Ingrata!

— Tenho sim senhor e até o encontro melhor.

— Estou melhor, estou... Os pobresitos tem lá dormido?

— Sim senhor. Deixe que não faltam...

— Recolhe-os, recolhe. As noites devem estar frias, lá por fóra.

A um gesto do medico Joanna sahiu. Levava o coração entupido de amarguras! Longe do quarto, é que se lhe fundiram os olhos em lagrimas, com grandes prantos. Nunca ella ali tivesse entrado; desejava antes ter morrido do que encontrado aquelle medonho semblante! Só os demonios do inferno, com o seu diabolico engenho, podiam inventar martyrio assim, para um santo! O bom Deus, de misericordia infinita, nem para os maiores peccadores admittiria penas d'estas! Aquelle que as soffria, d'ellas não era merecedor! Se não ia á Egreja, se não cumpria com as suas praticas (o que muitas vezes lhe censurara) exercia por tal modo a caridade, sempre occulto e despendido de gabos, que devia ser comparado a esses Bemaventurados, que o Senhor escolhe para espalhar o Bem na terra. Aquillo fôra certamente ramo de peçonha diabolica, que viera ao mundo e, na sua maldita passagem, o encontrara incauto. Houvera erro, e grande erro, n'este infelicissimo acaso! Com o fim de impetrar reparação, ia d'ali mesmo ao senhor dos Passos da Graça, pedir que, desfazendo a obra do *Inimigo*, mostrasse o seu grande poder. Com um ligeiro volver de olhos piedoso, o Senhor, mudaria tudo n'um instante; transformaria, o que era medonho, em coisa formosa de se ver, se Elle quizesse. Restituir, aquelle infeliz, ao que era d'antes, para continuar a proteger todos os desgraçados, era acto proprio da grandeza de Deus! Esse famoso milagre havia de fazer

cegar e afugentaria, todos os espiritos maus, para as medonhas covas, que são a sua morada. Ia d'ali direitinha á egreja da Graça, falar directamente Áquelle que, por amor dos homens, vergava sob o pesado madeiro da cruz. Tudo diria, o seu pranto havia de humedecer o sagrado pé do Redemptor. A immensidade da sua fé encher-lhe-ia a bocca!... Joanna alagaria toda a egreja, com o som dos seus gemidos e das suas palavras. O bom Jesus havia de ouvil-a e attendel-a!...

Josefina tinha-a conduzido ao seu quarto, logo que a vira em tamanha angustia. Com o coração cheio dos mesmos sentimentos, escutava serena aquelles prantos incoherentes, que definiam uma sincera dôr. Consolava-a, ella, que precisava de consolações; dava-lhe esperanças, ella, que tinha a alma desesperada! Concordou em que, ainda era tempo de pedir o grande milagre. Ao Deus omnipotente, nada era impossivel! Incitou-a a que fosse, já e já, á presença do Senhor da *cruz ás costas*. Promettia-lhe a sua collaboração, ficando de joelhos, perante a querida Imagem de Nossa Senhora e do crucifixo, que tinha no quarto, á cabeceira do seu casto leito de virgem.

— Que pena tenho de não a poder acompanhar! — dizia — Que pena tenho! Mas vá vocemecê, que ambas havemos de conseguir ser ouvidas, lá no céu. O medico ainda o não julga perdido...

Então, a velha, pregou em Josefina as suas pupillas fixas e energicas:

— Pode lá ser, menina! Se elle me não falasse, já o

teria por morto e apodrecido! Se escapa, se o Senhor dos Passos da Graça me ouve, digo-lhe que hei de ir, n'uma sexta feira, de rastos em penitencia, por essa calçada acima, beijar-lhe doze vezes o divino pé. Ainda que leve atraz de mim toda a garotada de Lisboa, escarnecendo-me, faço-o!

Uma tamanha devoção, consolava a alma dorida de Josefina. Se, d'aquelle rosto disforme do Barbas, podesse ainda resaltar a antiga expressão benevolente, era um milagre e uma maravilha de se contar! A crença rude da velha Joanna, sementara de novo no coração da enfermeira, a doce esperança, a branca cecem, symbolo de venturosa paz. Antes d'isto, já se dava com esta carinhosa rapariga, um phenomeno psychologico singular: quando estivesse distante do enfermo, mais se lhe apavorava e enegrecia a imaginação; se se encontrava á vista d'aquella mascara pustulosa, capaz de causar desgosto e pavor ao mais animoso, parecia-lhe descobrir por detraz d'ella o riso ingenuo, bondoso e quasi infantil do bom philosopho epicurista... A mente, por vezes, se lhe prendeu a este raio luminoso, que vinha d'uma região distante. Era a sua fé que revivia, em face do impossivel!...

XII

O QUE ?!...

Todos os elementos confirmavam o primitivo diagnostico da molestia. Era o mormo, o terrivel mormo, que se fazia acompanhar, na morte, d'um lugubre cortejo de soffrimentos. Dizia-o a bactereologia nas diversas culturas do microbio, especialmente nas dos parallelepipedos de batata, que ao longo da estria de sementação mostraram, primeiro uma substancia amarellada, espessa viscosa, que depois se ampliou e escureceu n'um tom achocolatado, tornando-se no final negra, como uma dedada de tinta. O liquido do sarcocele suppurante do porquinho da India dera, em todas as experiencias e no microscopio, identicos phenomenos e aspectos, aos do colhido nas chagas do Barbas. Este parallelismo corroborava a primeira diagnose. As

duas molestias, a do grande corpo do homem e a do pequeno corpo do animal, eram a mesma, pela diffusão e confluencia das pustulas, pelo rosario gangloniar das virilhas e do pescoço, pelo egual corrimento sanioso das narinas e da bocca. Semelhante o estado geral de modorra: no cobayo caracterisando-se pelo esconder-se ao fundo da gaiola, inconvivente e sem comer; e no Barbas pela absoluta indifferença para tudo que em volta do seu leito se passasse. O porquinho ardia em febre mais alta: para o fazerem deglutir o leite iodado e com enxofre, tinham de se servir d'um tubo de cautchu, que lh'o levava ao estomago. Recolhido ao cacifo, arrastava-se com difficuldade, indo com sumidos grunhidos de queixa, para sitio, onde o não ferisse a luz crua do sol. O seu pello eriçado de faminto, demonstrava a consumpção rapida. Tal depauperamento de forças explicava a inercia de toda aquella vida, que só era apreciavel no engano da febre. Provavelmente em breve o encontrariam morto na gaiola, cercado dos ramos de salsa verde e de folhas d'alface, que o seu fastio poupasse. Todos os que tinham acompanhado a evolução e progredimento do mal, no pequeno cobayo, sentiam, pelo misero, a mesma piedade, que Manoel de Sá, quando trovejara em palavras de revolta. Não fôra o irremediavel acaso, nem a insondavel vontade divina, que lhe inoculára o veneno, gerador da morte; mas sim o querer do homem, em proveito dos outros homens e dos outros animaes. Era justo? era legitimo? O Barbas, se estivesse em si e se o conhecesse, reprovaria um tal proceder com a

sua voz clamorosa, como o fizera o chimico, que applaudia a destruição, mas sem o soffrimento...

*
* *

Ao setimo dia de inoculação no cobayo, Julião Esteves, observou-o com minucioso cuidado. Tomou-lhe a temperatura, que tinha abaixado dois graus; examinou as ulceras espalhadas pelo corpo; attendeu ao corrimento das ventas e da bocca e ao estado do sarcocele. Na fronte pensativa e no olhar preoccupado, reuniam-se-lhe numerosas conjecturas, viam-se raciocinios. Das primeiras culturas e das recentes, que tinha feito com pus, agora colhido, levou ao microscopio preparações no intento de comparar os seus aspectos. E, como summula d'este trabalho, exclamou só para si:

— Será tão feliz, este animal, que não morra!?...

Com tal pensamento dentro do craneo, recolheu o porquinho á sua gaiola, e foi de novo examinar o estado do Barbas. Nunca aquelle rosto exprimira mais forte tensão cerebral, maior potencia e energia psychica: tinha a testa vincada, com as sobrancelhas bem unidas; os labios mordia-os entre os brancos dentes, como se quizesse represar as palavras. Caminhando, silencioso como um automato ou como um cego, com a sua propria mão abriu largamente a janella

fronteira ao leito do enfermo. Um victorioso caudal de luz inundou todo o ambiente; o sol appareceu alegre como um grupo de nymphas dansando. Julião assentou-se n'uma cadeira, junto do leito do Barbas, cujo rosto fixou ponderosamente. Tomou-lhe o pulso, continuando no seu silencio raciocinante... Josefina estranhara-lhe o olhar, o aspecto, e seguira-o desde o corredor... Com toda a sua alma interessada no que se passaria n'aquella mente, acompanhava as minimas transformações do semblante do medico, que lhe perguntou sem a fixar:

— Que temperatura tinha hontem á noite?

— Quarenta graus.

— E hoje de manhã?

— Trinta e oito.

— E' o mesmo que se dá no cobayo!...

Callou-se de novo, observando ponto por ponto a face do doente e recolhendo todas as minucias do estado chagoso. Não se lhe abria luz de esperança nos labios, nem nos olhos; o porquinho poderia salvar-se, João da Terra morrer!... Não encontrava signaes consoladores, a não ser a remissão da febre, que estava de novo alta, pois a molestia entrava na sua phase caracteristicamente typhosa. Um aspecto de insensibilidade e ausencia, em que a vida parecia phenómeno exterior ao corpo e o pensamento andasse erradio, por outros mundos, era o do enfermo. Mostrava-se indifferente ao goso e ao soffrer: nem sorrisos, nem queixumes; pelle de palidez funerea, maculada por crostas negras de ulceras. Expressão não-humana, faltando-

lhe essa viva harmonia e concordancia de linhas, que dão a colera e a alegria, o desdem e o carinho!... Estava, todo aquelle corpo, entregue á febre e ao empastamento organico, como uma porção de massa insensivel. A vontade e o querer annulados: não se esforçava por ser uma alma, que sentisse como uma alma! A presença dos amigos e de Josefina era-lhe estranha: não dizia palavras de agradecimento por tantos desvelos, nem de averiguação ácerca do que d'antes mais o interessava — os seus doentinhos, os seus protegidos. O pulso, sentia-o, Julião, irregular e accelerado, com tendencia para pequeno e molle; a respiração ouvia-se laboriosa e arquejante; a lingua secca; os dentes escuros com as gengivas negras. D'aquella bocca ulcerada e grossa, sahia halito quente e fetido, como vapor d'uma caldeira na qual refervessem podridões. Causava repellencia e dó este corpo, tanto pela sua fealdade, como pela depressão extrema das suas forças. Entregue ao abandono da molestia, estatelado na cama, sem mostras de qualquer energia, que lhe faltava para estar morto? A decomposição já começara no apodrecimento da pelle e, talvez no interior, como as lavaredas pestiferas do halito pareciam assignalar. Porém, se incomparavel era esta desgraça, heroica era a defeza de Julião por esta vida. Josefina mostrava-se admiravel, com o seu valor moral. Sem perturbações na fronte serena, seguia attenta o minucioso exame que o medico fazia, para haurir dos cambiantes physionomicos, qualquer horoscopo favoravel. A confiança d'esta alma estaria só no aspecto? Certamente, pois não

era necessario ser-se profissional como Julião, nem ter a sua aguda perspicacia, para se reconhecer que aquelle corpo, avultando como uma massa sob a coberta branca, de ha muito parecia um cadaver, e em breve se tornaria pasto dos bichos da terra! Porém essa tempestade soturna passava-se dentro do peito, como no imo do globo refervem as lavas, que á superficie se não sentem. Só com a indomita coragem de quem, deante de si vê unicamente a linha do dever, é que a enfermeira respondia ao medico...

— Elle disse de noite alguns disparates? Tem-lhe conhecido delirio? — perguntou ainda Julião.

— Ha dois dias que lhe não ouço palavra. Quando se lhe dão os remedios ou se lhe fazem os curativos, agradece apenas com um sorriso, com o seu bom sorriso, que mal agora se lhe percebe...

Parecia ao facultativo que, no final d'aquelle doloroso drama, o cerebro do Barbas se manifestaria perturbado. Havia de ser coisa tenebrosa e de espantar, que espirito tão calmo e raciocinador, cahisse na tormenta da loucura! Em toda a sua vida, João da Terra, só tivera revoltas contra as injustiças do mundo; agora pronunciaria, com violencia, palavras offensivas da verdade! Julião Esteves, ao contemplal-o com olhar maguado, pronunciou:

— Pobre amigo!...

Entendeu Josefina, que tal desalento era uma sentença de morte irrevogavel. A sua pallidez, n'este supremo e fugitivo instante, só é comparavel á das sombras, que se levantam dos sepulchros, envoltas no

branco sudario. Duas lagrimas furtivas lhe uniram as palpebras e, ella, esmagou-as rapidamente, com os dedos, para que Julião as não visse. N'uma voz triste, mas natural, perguntou, já no corredor, onde o doente a não poderia ouvir:

— Sempre morrerá?

— Não se póde, nem se deve esperar outro desfecho; porém apparece um phenomeno curioso...

— Qual? — indagou cheia de interesse.

— No cobayo encontro melhoras evidentes...

— Se o animalzinho escapasse... — disse Josefina, n'uma longinqua e anciosa esperança...

— Quem sabe!... quem sabe!... Mas não, não é possivel...

* * *

Que alleluia, que grande contentamento estas simples palavras, que em si nenhuma promessa traziam, deram a Josefina! Sentiu uma como aerificação em todo o seu ser; o corpo, leve como um flocco de nuvem, ia-lhe com a imaginação pelo espaço azul. O medico voltara para o laboratorio, a continuar os seus raciocinios experimentaes; ella fôra para o seu quarto, ajoelhar aos pés da Virgem. Unia, nas suas supplicas, por um fio de mysterio, as duas existencias — a do Barbas e a do cobayo. Sem attingir as razões que o sapiente bactereologista teria, para ligar a salvação

do homem á do pequeno animal, a mente esforçava-se para lhes encontrar o apoio. E encontrava-o na fé anciosa, no milagre que viria do céu, como ordem indiscutivel... Os seus rogos não podiam ficar infructiferos: com tamanho fervor os tinha erguido, que falta de misericordia seria não serem escutados. Como a sua mente gosaria, como o seu coração trabalharia alegre, se alcançasse a guarda e vigilancia do cobayo, para n'esse espelho vêr os reflexos da bondade divina!... Porém a porta do laboratorio era-lhe defeza, e só nas vagas informações do que fosse ouvindo, assentaria conjecturas e esperanças. No entanto, para a sua ignorancia, era maravilha que entrava na esphera das coisas incomprehensiveis, que o homem, o ser forte, estivesse na dependencia d'um brutinho, sem alma gloriosa. Talvez fosse acto da vontade absoluta de Deus, para no Barbas amesquinhar todas as creaturas, soberbas pela sua intelligencia! Havia, pois, um campo infinito de existir mysterioso, onde triumpham as forças, que nem são oriundas, nem residem na terra, e só nos é dado apreciar com surpreza e sugeição?! Das palavras do medico concluira-o... Já na infancia lh'o haviam ensinado: na primitiva creação de todos os seres, Deus, assignalara inferioridade aos animaes; mas para os contrapôr á nossa vaidade, emprestava-lhes em certos momentos, supremacia. Só d'este modo chegava a comprehender isto: a pouca coisa que era um cobayo, tinha na sua dependencia o muito representado pela vida do Barbas, um santo, que repartia o coração por todos os infelizes! Arreigava-

se-lhe na mente esta convicção: a vontade omnipotente de Deus, sendo uma extraordinaria força guardada no céu, por caminhos invisiveis é que impelle os actos mais rudimentares do homem. Sendo assim, escusamos luctar para nos tornarmos independentes; se o Altissimo não quizer favorecer-nos nos nossos planos, o melhor é entregarmo-nos manietados á sua misericordia! — pensava Josefina.

N'estas conjecturas nublosas se enleava aquelle pensamento, orando cheio de consoladora esperança. Longe da terra, nos celestiaes paramos, n'uma atmosphera doirada e luminosa, é que está toda a justiça e todo o querer. Sentia-se reconfortada com tal certeza; a sua natural coragem no meio das dôres, consolidou-se n'esta serenidade indomita. Voltando dos pés da Virgem, sua protectora, ao quarto do enfermo, trazia melhores olhos, olhos mais risonhos e satisfeitos. O rosto do Barbas não lhe parecia tão chagoso; por traz da mascara de crostas negras, já descobria, com mais evidencia, uns longes d'aquella expressão de bondade e carinho, um tanto infantil pelo que parecia de ingenua, caracteristica do semblante de João da Terra. O doente estava socegado, n'uma modorra, que tanto podia representar descanço, como abatimento. Era uma ausencia espiritual de tudo que fosse mundano; alguma viagem da imaginação de philosopho febricitante, pelos mundos da phantasia, e talvez de incoherencia. Como fossem horas de lhe ministrar leite iodado, ella e o enfermeiro ageitaram-lhe o rosto hediondo, para melhor receber na bocca o bico do bule.

O doente tudo recebeu com passividade, talvez com resignação; mas havia qualquer coisa de vontade, e por ventura, de consciencia, no modo como se entregara. Era — quem o sabe! — a coragem do stoico que apparecia no epicurista; o denodo para supportar as dôres, transformando-as, por um acto psychologico, em signaes de prazer. N'este doloroso transe, acaso elle teria na mente, o final heroico do divino Epicuro, que philosophava na ultima agonia, sorrindo para distanciar as maguas e a tristeza dos amigos?!... Não se póde negar, posto que se não possa affirmar. Certo parecia (apesar do mau aspecto do enfermo, apesar do corrimento da bocca, do nariz e das chagas) Josefina tudo melhorar com o seu olhar meigo. Por isso lhe perguntou cheia de esperança:

— Está melhor?...

Elle ao perceber aquella voz terna e angelical, teve um ligeiro e delicioso estremecimento em todo o corpo. Ao semblante afflorou-lhe um sorriso, como bruxulear de lampada, mas não disse palavra. O enfermeiro é que entendeu:

— Peior não está... nem podia estar...

— Ainda, Deus Nosso Senhor, nos fará um milagre — affirmou Josefina.

— Ah!... milagres!... — pronunciou com sumida ironia.

Ella fixou-o gravemente reprehensiva! Talvez lhe censurasse a irreligiosidade, se não ouvisse o doente pedir:

— Ajudem-me a voltar para o outro lado...

Alegrou-se-lhe de subito, o rosto, até ás lagrimas... Desde alguns dias que não falava, nem exprimia desejo ou vontade. Tão insensivel se mostrara durante esse tempo que, receios houve de lhe estarem assistindo á entrada na inconsciencia de moribundo. Apesar de ter sido, queixa, o que exprimira, dera signal de vida, e de vida raciocinada e não da tormentosa no delirio da agonia, como receara Julião Esteves. Foi recebido com alvoroço o querer do enfermo. Prolongar o existir, era tudo, para aquelle que já tinham supposto no limiar da morte. O enfermeiro e Josefina ajudaram-n'o a tomar a posição apetecida. Depois de voltado, disse:

— Respiro com mais facilidade...

Ella, então, perguntou-lhe:

— Sempre se sente melhor?...

— Melhor... — respondeu tornando a cahir na sua modorra, que parecia um profundo dormir, no fim de viagem longinqua e trabalhosa...

*

* *

Chegaram Claudio de Mendonça e Manoel de Sá, a quem Josefina contou, as boas novas, que suppunha contidas no que presenceara. A sua imaginação ia para mundos de engano. Tão pouco vira e já procurava fundar esperanças, levantar edificio sobre uma pouca de neve. Claudio que era expansivo, lavado de negru-

mes no coração, sempre desejoso de encontrar o bem e o riso, recebeu com enthusiasmo e alegria as palavras de Josefina. Porém o chimico, homem trabalhado na lucta da idéa, cerebro fechado a todas as causas de erro, desconfiando sempre da multidão de sophismas, que a muita sensibilidade traz ao pensamento, não admittiu logo as esperanças, que voavam desvairadas no ar, como pombas afugentadas por um tiro. Ambos foram ver o Barbas, cada um atravez do seu temperamento especial. Claudio levando nos olhos o sol, Manoel a sombra. Os dois, porém, tinham no imo do peito o mesmo querer ardente de verem retomar a vida commum, aos solavancos por essas ruas de Lisboa, batendo-as fortemente com as suas botas grosseiras, acolhendo todos com o seu olhar luminoso de santo, a cabelleira e as barbas outra vez crescidas, envolto no amplo casacão.. João da Terra, o apostolo, o evangelista, o portador da consolação e do goso aos amargurados e aos infelizes! Quando isto se desse, renovar-se-hiam as grandes pugnas philosophicas, entre o naturalismo epico do Barbas, o materialismo raciocinante de Julião, o nihilismo tôrvo e vehemente de Manoel de Sá, a que assistiria com prazer e apreço, o excellente Claudio, prompto sempre a applaudir o bom argumento, a sahida habil, o repente fulgido, que deixasse engasgado, ou titubeante o adversario!

XIII

MELHORAS

No outro dia, no gabinete bactereologico, sobre a ampla mesa operatoria onde estavam espalhados, ao acaso dos trabalhos correntes, o instrumental variado das preparações, Julião e o seu ajudante, examinavam o cobayo mormoso. Com uma curiosidade viva nos olhos, seguiam, esse exame, Josefina, Manoel de Sá, Claudio e o enfermeiro do Barbas. As vidraças abertas deixavam entrar luz a jorros, o sol brincava, com os seus reflexos, nas superficies brilhantes do material do laboratorio. O Sousa conservava o porquinho deitado sobre o dorso e os finos dedos de Julião tacteavam-no, seguindo o rosario ganglionar nas virilhas, o estado do ventre e do sarcocele, terminando por colher algumas gotas do liquido, que ainda lhe escorria do focinho.

Largaram-no em seguida sobre a mesa, para apreciar qual a actividade que podia ter, deixando-o assim livre. O misero, cheio de mêdo, encolhia-se, com o olhar baço e febril. Amodorrado e inerte, parecia preso ao marmore. Passada a primeira impressão de receio, por ver tantas pessoas em volta, moveu voluntariamente o corpo redondo, como um ouriço. Estendeu a cabeça, talvez na procura de caminho para a fuga. Ao cabo de poucos minutos de exame silencioso, nos olhos de Julião appareceu um sorriso... Com a propria mão impelliu o cobayo, que deu alguns passos incertos, movimento de bola a rolar em superficie rugosa. O bactereologista perguntou ao ajudante:

— Elle tem continuado escondido, para o fundo da gaiola?

— Hoje de manhã veiu até á rede.

— E a temperatura de hontem á noite?

— Trinta e nove, menos dois decimos.

— Recebe melhor o leite?

— Hoje muito melhor.

— Parece-me que temos homem...

Referir-se-hia ao Barbas, ou ao porquinho?!... Chamar homem ao cobayo, mostrava espirito alegre; se do enfermo se lembrara, então, era promessa mais significativa. Em todos aquelles semblantes, que prescrutavam o de Julião, floriu um sorriso... Elle foi passar as mãos n'um liquido desinfectante, emquanto commentava:

— Realmente, a concordancia na melhoria de todos os symptomas, existe. Se este cobayo se salva...

— Poderemos esperar que se salve o nosso amigo? — perguntou Claudio.

— Augmentarão consideravelmente as probabilidades, augmentarão, não o nego...

O sentimento de todos aquelles peitos assegurou-lhe um applauso unanime. Nos olhos de Josefina rebrilharam alegrias. Era singular que a vida de João da Terra, fosse mais estimada e mais preciosa para os outros, do que para elle que a vivia. E' que, entre o philosopho e os seus amigos, praticava-se a solidariedade de affecto dos antigos epicuristas, definida por Cicero como uma *conspiração de amisade (conspiratio amoris)*. Seneca louvou calorosamente a pratica d'este modo de sentir, que faz a vida bella e querida. Entre os romanos, a união d'esses interessantes seguidores d'uma philosophia util e alegre, foi mais viva do que entre os delicados gregos. Ainda assim, Plutarco, falando da communidade de sympathias de Epicuro e de seus irmãos, aponta tal sentimento, como digno de registo na historia das almas.

Era, pois, um laço moral, o que ajuntava corações de procedencias tão differentes. O mysterioso fio d'amisade, é que fazia solidaria, a ventura de cada um, com a existencia d'aquelle que, ali perto, supportava os soffrimentos d'um mal terrivel. Estes animos devotados, buscavam nas palavras do medico, sentido occulto em que assentassem esperanças. Porém, Julião, por habito profissional, mostrava-se reservado: não queria incautamente accender fogo, que o desengano tivesse de apagar. O seu intimo desejo não era

tão imperativo, que o levasse a dizer palavras falliveis. Pegando distrahidamente n'um ramo de salsa, da provisão que havia junto da gaiola, atirou-o ao porquinho, n'uma especie de convite. Contra a sua espectativa, o animal surgiu da sombra, onde estava escondido, approximou-se da predilecta comida, agora fresca e saborosa. Com o focinho agudo e buscador, cheirou primeiro, depois tomou algumas folhas entre os dentes miudinhos. Este simples acontecimento despertou, em todos que o presenciearam, uma attenção viva. O medico attendia com sentido mais observador e penetrativo do que os outros — as narinas dilatadas e os labios n'um ligeiro afastamento. Tinha no semblante muita coisa da surpresa causada por um facto inesperado. A modo que o cobayo ia mastigando, uma a uma, as folhas de salsa, e manifestava goso crescente, dos olhos de Julião irradiava mais luz. E pronunciou como no seguimento d'um raciocinio:

—O apetite parece normal...Vê-se que ha certo acordar, na harmonia physiologica das suas forças organicas. Talvez este feliz cobayo não morra... talvez...

— E então o Barbas? — insistiu, ainda, Claudio, reprimindo a propria commoção...

— O seu estado é gravissimo .. Porém, já o disse, a cura do cobayo é caso para termos alguma confiança...

— Será resultado da medicação? — perguntou Manuel de Sá, com olhar profundo.

— Não o affirmo; mas tambem não o nego. Póde ser da differente virulencia do microbio mormoso nos dois

corpos. É objecto para estudo. Tenho culturas variadas e multiplas, tanto d'um como do outro caso. Vou comparal-as, pois, tudo isto, é interessante... muitissimo interessante. . . — concluiu.

O sentimento amplificativo da esperança transformara aquellas almas. Queriam ter palavras para dizer o que lhes ia nos corações, mas custava-lhes a encontrar a vereda soalheira da alegria. O medico, com o seu espirito cauteloso, tambem concorria para lhes diminuir o enthusiasmo nascente. . .

— A salvação do Barbas — disse — é apenas uma possibilidade. Vejo-a, ainda, muito entre nuvens. O mal affectou profundamente o nosso pobre amigo... O cobayo é, depois do burro, o animal de maior aptidão receptiva, para o bacillo mormoso. Foi um burro que transmittiu o virus ao homem, do homem passou ao cobayo. O burro durou muito tempo; porque a marcha da sua molestia foi chronica, em quanto que, n'estes dois, seguiu o caminho de doença aguda. No cobayo ha n'este momento, signaes de que viverá, tendo sido o ultimo infectado. Porque? Porque, no seu organismo, o bacillo mormoso segue mais facilmente as phases do seu desenvolvimento: ou mata mais depressa, ou se annulla mais depressa, do que no homem, o seu poder envenenador. O que acontecerá áquelle, por quem todos nos interessamos?... Por emquanto só podemos *esperar*, e já é muito, segundo creio. Em todo o caso, acho interessante seguir os differentes aspectos, que toma este morbo nos dois organismos, em que foi aguda a sua marcha, e comparal-os.

A frieza especulativa parecia ter-lhe tirado toda a commoção. O caminho scientifico, primava sobre o do sentimento e do affecto. O curioso phenomeno a observar, a série de conjecturas acudindo-lhe á mente, a imaginação a trabalhar na possibilidade de encontrar facto novo de alcance bacteriologico... dominavam-lhe as energias do cerebro. O pensamento absorvia a sensação; a humanidade primeiro que o homem. O proprio Barbas applaudiria esta concentração de força, para a conquista da verdade. Manuel de Sá era o unico, ali, capaz de comprehender a formidavel batalha que, n'este momento, se feria na mente de Julião; porque muitas vezes a sentira. Tinham, em campos differentes, egual devoção e respeito pelas sublimes abstracções das hypotheses scientificas, imagens representantes das forças naturaes, d'onde brota a maravilha do universo que habitamos. Claudio, entendimento menos culto, vivendo mais do coração do que do cerebro, só attendia ao facto material e sensivel de não morrer o cobayo, visto ser a sua existencia fiadora da de João da Terra. Josefina — oh! Josefina! .. — coração sensivel de mulher, formado de supplicas, generosidade e culto, via, no resurgimento do Barbas, um milagre por obra e graça de Nosso Senhor, de Nossa Senhora, de todos os santos com quem ella e a velha Joanna se haviam apegado. Essas preces tinham por fim restituir á vida esta preciosa vida, da qual dependia a ventura de tantas vidas. Vêl-o escapar da tremenda provação, era signal de que na terra, Deus, continuaria a bafejar, com halito divino, a semente

do bem, da alegria, do prazer casto, pelo Barbas espalhado com prodiga mão. Tinham sido estas as idéas de Josefina, durante os dias de heroica peleja contra a dôr e o mal, contra o infortunio das creancinhas que lhe estavam confiadas, que seria grande se perdessem o seu bemfeitor.

*
* *

Na visita, que na tarde d'esse mesmo dia, Julião fez ao seu amigo e ao cobayo, encontrou mudanças mais promettedoras. A vida physiologica, a vida normal, ia apparecendo nos dois, com melhor concordancia e mais evidencia. Era como a candeia á bocca d'uma caverna, de onde sopre vento frio: no limiar bruxuleia, depois vence as trevas. O restabelecimento do porquinho corria mais depressa; o do homem mostrava-se em elementos dispersos, como patrulhas, na avançada d'um grosso de exercito. Mas os phenomenos morbidos iam cedendo, posto que lentamente. Da apathia geral em que estivera immerso, durante tantos dias, o Barbas surgia com um sentimento novo de existir. Parecia-lhe, a elle, ter estado adormecido no fundo d'um tenebroso mar, e agora trazido á superficie, para gosar a luz natural e a atmosphera respiravel. Fôra uma curiosa jornada esta: vivera, não sabia durante que tempo, na confusão d'um sonho; d'esse mundo perturbado ia-se distanciando de vagar, sem receio, n'um goso crescente

Voltava-lhe aos nervos a sua sensibilidade; desembaciava-se-lhe o cerebro, como um espelho bafejado pelo halito quente. Ainda estava longe do prazer ditoso da convalescença, porém, o morbido estado dos ultimos dias, já era espancado por grande numero de sensações novas: a pelle menos pastosa com a diminuição dos suores frios; o cheiro, de si exhalado, menos nauseabundo; a respiração pouco anciosa; o pulso mais amplo; a temperatura baixando com diminuta exacerbação vesperal. Sentia as narinas quasi desentupidas, era menor o corrimento de pus e mais raro. Desengrossavam-se-lhe os labios e desenferrujavam-se-lhe os dentes. N'aquelle grande corpo, como n'uma farta eira com a chegada do sol, a força entrava para assegurar vida alegre e abundante.

Nas differentes experiencias, em culturas e no microscopio, o bacillo mostrava resistencia pouco tenaz, á acção do calor e de certos acidos. Tinha o poder envenenador consideravelmente atenuado, agora que o inoculavam em outros cobayos, que soffriam apenas ligeira reacção febril. O companheiro do Barbas, aquelle que supportara, como elle, a primeira evolução da terrivel molestia, já se remexia alegre e feliz na gaiola, gosando do ar e da luz do Senhor, comendo com apetite e até sofregamente os ramos de salsa e folhas d'alface, que lhe davam. Ainda o philosopho vivia sob o peso da sua montanha, ausente do mundo como se estivera no interior da terra, já elle gosava normalmente as sensações do seu corpo. Julião, e todos os demais, traziam as almas cheias de alegria; porém, o

medico, gosava duplamente, pois seguia com o seu pensamento a marcha ascencional da grande força, que ia gradualmente animando os doentes. Quando, pela primeira vez, João da Terra, abriu os olhos com o sentimento da realidade que o cercava, estavam junto do leito Julião e Josefina. O Barbas perguntou n'uma voz desfallecida:

— D'onde venho eu?...

— Não vens de parte nenhuma, estás aqui comnosco — respondeu o medico, sorrindo.

— Parece que chego de muito longe.

— É a tua saude que volta — tornou-lhe o amigo.

— Sim... é verdade... tenho estado doente Ha quanto tempo?

— Pouco mais de quinze dias.

— Pareceram mezes, talvez annos... Andei na companhia de todos vocês, por outras terras. Que tormentosa jornada!... Precipicios, mares, regiões sem arvores e sem luz. A grande distancia! Tudo desconhecido.

— Coisas da imagimação...

— Sim, coisas da imaginação .. da imaginação de doente...

Depois d'uma pausa, com um sorriso agradecido de carinho, disse para Josefina:

— Ia tambem... Vencia todas as difficuldades e embaraços, por uma especie de magia, sem se mexer... E o doentinho, que aqui deixamos, como está?...

A alma de Josefina sentia-se mergulhada em goso celestial. A luz perpetua do seu olhar alumiava o mun-

do. Com uma voz simples, que tinha todos os encantos, informou:

— O operado do garrotilho?... Completamente curado.

— Então já não soffre?...

— Qual?!... Brinca, anda alegre como um pintasilgo... Ha muito que a mãe o quer levar.

— Não o deixe ir! — exclamou vivamente. Vae para o soffrimento, vae para o inferno. Não o deixe ir ..

Julião interveiu:

— Não sahirá, acalma-te. Tudo se hade resolver, quando estiveres completamente bom. Socega, ainda lhe não dei alta...

— E a minha velha Joanna?

— Todos os dias por ahi apparece, e mais que uma vez — esclareceu Josefina.

— Não terá negado agasalho aos desgraçados, que o pedem?...

— Está bem de vêr que não — entendeu Josefina.

O doente voltando-se, com mais vivo interesse no olhar e na voz, perguntou a Julião, como se uma subita lembrança lhe surgisse na mente:

— E o velho que eu levei para o hospital! Sabes d'elle? Aquelle que encontrei na mangedoura!... Morreu?

— Vi-o; mas não averiguei, ainda, se morreu — disse o medico.

— Desgraçados!... A mulher e o filho foram pelo mesmo caminho. Talvez acabassem todos. Deixaram ao desamparo o pobre burro, que tambem se finaria de mingua. Pobres seres! Para que haviam de vir ao mun-

do, se tinham de ser infelizes e supportar dôres!.. O animal era muito velho, já não poderia tirar uma carroça. Não servia para ninguem... Ninguem o havia de querer, pois não era uma utilidade... Deixaram-no de cêrto acabar..

Julião, não querendo que o Barbas se demorasse em tristes recordações, que poderiam perturbar a marcha regular para a saude, observou-lhe:

— Não penses mais n'isso. Dorme, tira da cabeça essas coisas.

— Não pensar!... dormir!... É lá possivel?!...

Ficou só, n'uma penumbra de doente, para que a luz lhe não excitasse a imaginação. Com a porta do quarto fechada, diminuiu a intensidade dos rumores de fóra, da labuta do hospital, das carroças que passavam na calçada. Assim, entrou n'um scismar manso e dolente, como o vôo arqueado das moscas em tarde calmosa. Com noção mais exacta do que se passava, attrahia-o o cogitar na sua molestia, facto de que tinha, n'este momento, apenas uma impressão obtusa, um conhecimento imperfeito, como de coisa que se tivesse passado n'outro corpo e muito longe. O semblante de mysterio, entre risonho e triste, que vira em Josefina, dera-lhe a idéa de que a sua vida passara por graves perigos. Por isso a curiosidade especulativa de philosopho guiava-o, para a reconstrucção do ser consciente. A memoria, que se ia tornando clara e exacta, trazia-lhe todos os materiaes indispensaveis, para compôr a historia dos ultimos tempos. Mas sentia preguiça e incoherencias no cerebro, não soldava bem os acon-

tecimentos, não os ajuntava por fórma a darem-lhe um todo harmonico. Havia lacunas, que o seu engenho não podia encher; disparates que não sabia emendar. De que doença soffrera?... Não lh'o tinham dito e não o sabia adivinhar. Fôra de certo padecer muito grave, o que lhe produzira tamanha solução na vida do cerebro, e o lançara n'esse grande precipicio de marasmo e fraqueza, d'onde principiava a emergir, como d'um sepulchro. Em tal cataclismo perdera, transitoriamente, todas as fortes qualidades de vontade e julgamento, que caracterisavam a sua alma forte. Não pensara nos outros, e, a corrente da vida d'elles, manara copiosa na sua ausencia. Só uma grande e profunda molestia, teria tido força para o despojar do que formava a sua grandeza moral. Teria tido dôres, teria soffrido? Por certo: nem o cerebro, nem o coração perdem a sua energia, sem que os retalhem. Não dera fé do que se passara: é que a grande batalha, tendo-se ferido dentro do seu corpo, primeiro lhe embotara a sensibilidade. A molestia procedera como procede o ladrão, que sahindo ao viandante, primeiro o atordoa com pancadas, para melhor o roubar. E o roubado, então, não sente o roubo; como elle tambem não sabia quanto o seu mal fôra grande. Mas tudo ia terminar com a volta da saude, que Julião lhe promettera... Por isso, com alegria, recordou as palavras de Epicuro a Diogenes de Laerte: «Logo que nasça a saude do corpo e a ataraxia da alma, amansará a tempestade; porque já se não tem de correr atraz do que falta, visto possuir-se tudo.»

Os seus olhos, na meia escuridade, vagueavam pelo quarto, como dois besouros tontos, que se debatessem contra os vidros d'uma janella, na ancia de recuperarem a liberdade, no infinito espaço. Os pensamentos andavam-lhe como os olhos, vagueando ao acaso. Outr'ora, nos instantes de philosophar, tinha o habito de correr a mão ao longo da macia barba; agora, apesar de despojado d'esse adorno, simulava inconsciente, o mesmo geito caracteristico, seguindo com os magros dedos de doente a prolongamento do seu rosto. Ao dar, porém, com a falta do encontro material, ficou sonhador e invadido por tristeza. Para que lhe haviam cortado a barba e o cabello?... Levou de novo, com mais apreciação a mão ao rosto e á cabeça, encontrando, apenas, a aspereza das pustulas seccas, superficie rugosa e dura com saliencias de crostas. Comprehendeu que estivera chagoso. Quanto teria sido repellente, o seu aspecto, perdida a expressão propria da physionomia? Conformou-se, devia tudo levar sem queixume, transformando, pelo raciocinio, a dôr physica em prazer moral. Assim lh'o ensinara, com o exemplo, o Mestre, na hora extrema, quando vira aberta a porta da grande noite, onde ia entrar para sempre, consumindo-se n'aquelle tetrico limiar, a ultima gota da sua grande vida de pensador! Por isso, Epicuro, teve a sua memoria louvada, e Seneca, o philosopho, commentando-lhe a amenidade e altivez do genio, o denomina «um heroe disfarçado em mulher», palavra sublime que define esse bello e immenso caracter, que o Barbas admirava até ao fanatismo.

XIV

ADOPÇÃO DO COBAYO

PROGREDIAM as melhoras do Barbas. Já o viam sentado n'uma larga poltrona, que o bom amigo Claudio lhe mandara de sua propria casa. Aquelle grande corpo estava emmagrecido e chupado nas carnes; mas, como a ossatura fosse de boas dimensões, assim envolto no amplo casacão, fazia o costumado vulto. A verdadeira differença sentia-se-lhe no rosto amarellento, a que faltava a longa e magestosa barba de philosopho; e na diminuida cabeça, sem o magnifico adorno da comprida e tufosa cabelleira. O melhor da sua intensa vida moral, da sua imaginação sonhadora, estava agora nos olhos: ardia-lhe ahi a intelligencia, n'um constante anceio de averiguação; era chamma intensa, amaciada pelo natural

sentimento de bondade e altruismo, que lhe morava no peito. Este homem, grande como um toiro, tinha a modestia de candida flor, e, no instincto, meiguices de ama de leite, que lhe transluziam no suave aspecto.

*

* *

Passara-se mais d'um mez, talvez dois mezes. A cicatrisação das pustulas mormosas estava completa; já nem signaes havia de esfoliação na pelle. A barba e os cabellos cresciam a olhos vistos, restituindo-lhe, em cada dia que entrava, uma parcella do antigo aspecto, tão caracteristico e conhecido. Porém, cresciam irregularmente como as cearas por mondar, que mostram monticulos de hervagens viçosas, no meio de trigo enfesado. É que nas zonas, que tinham sido ulceradas., as barbas e os cabellos rompiam mal, medrando a custo; emquanto que, nas indemnes, a seiva circulava mais livre e a rebentação era opulenta. O tempo e a thesoura, mondadeira experiente, tudo haviam de regularisar, quando a pelle retomasse o viver normal na superficie. Taes differenças eram só no tangivel, pois na alma, João da Terra, se refazia gradual e harmonicamente. Com o seu aspecto pensativo de convalescente, entretinha-se a colher lembranças do passado, como quem andasse n'um terreno inculto, a junctar flores para um ramo. O hospital, Josefina, os amigos, a velha Joanna... eram assumptos d'este pri-

meiro labor. O cerebro principiava a sahir-lhe d'esse estado pastoso, em que idéas e sentimentos se encontravam amalgamados, em forma de blocos, cuja fusão e destrinça de metaes, se operasse lenta. O pensar era-lhe, ainda, sem leveza e sem grande discernimento. Na convivencia, o seu inquerito, era como de quem voltasse de muito longe, apanhando casualmente os assumptos, como se apanham borboletas, sem grande certeza de as caçar. Passados mezes é que desejou reentrar em palestras philosophicas; mas Julião moderava-o, guiando-o no alimento intellectual, como o guiara na dieta do corpo. Para se compensar da forçada abstinencia, chamava a velha Joanna. Com ella sentia-se á vontade: o seu falar vivo e pittoresco, enchia as conversas com accionados e notas engraçadas, que não tinham profundeza. Comida simples, não perturbadora das forças cerebraes, e que lhe occupavam bem o tempo. Ás vezes, a creada, demorava-se com elle duas horas e mais, a remexer na vida dos pedintes, que recolhia; e na dos visinhos da casa onde moravam. Todos se lembravam do Barbas com bençãos, fazendo votos pelo vêr restituido á pratica d'aquella sua existencia de consolador de tristezas e amarguras. Os mendigos, com a fama do agasalho, tinham crescido em numero, a ponto de não poderem ser todos recebidos...

— Isso é o diabo! — atalhou o convalescente. Tinhas lá o meu quarto.

— Esse, ainda hontem o dei a dois sujeitos, que appareceram muito tarde e que, pelos modos e falar, me pareceram pessoas de boa creação...

— Andaste bem, mulher. Alguma grande desventura!... Não lhes fizeste perguntas, já se sabe ...

—Fazia-lhes agora perguntas! Mas ha tres noites vieram uns malandros e desordeiros. Armaram tamanho barulho, que tive de chamar a policia.

O Barbas interveiu com olhar fulgurante:

— A policia! Procedeste mal, muito mal. A policia que os podia levar presos!... Tu és boa creatura, tens bom coração; mas ás vezes pareces tonta! A policia!...

A velha justificou-se:

— Então queria que se agatanhassem? ou que me agatanhassem a mim?... Aquelle que anda encostado a um pau, e é freguez antigo, ia-me rachando a cabeça n'essa noite. Rachava-m'a, se me não desvio.

O Barbas remexeu o grande corpo na poltrona, e fez um gesto violento de aggressão. Com uma chamma castigadora no olhar exclamou:

— A quem, a ti? Quiz-te bater?!...

— A mim, mas não era para mim que ia a pancada, socegue — restabeleceu. Questão de namoro com uma pobre, que parece ter o seu vintem e que outro, um maneta, tambem quer para casar... Ciumes, entende-se — disse sorrindo.

— O traiçoeiro amor, com os seus enganos, Joanna!... Mas não tornes a chamar a policia. Accommoda-os tu, como poderes...

— Por estas e por outras — lamentou — é que não procuram o Albergue. Se fosse no Albergue mandavam-os, talvez, para a terra e elles gostam de Lisboa; porque rende dinheiro. Na provincia só dão comida...

O Barbas, monologou tristonho:

— Já lá faço falta! Quem me dera poder ir por ahi fóra. A mim tem-me respeito. Tu, velha Joanna, és boa de ti; mas estás fraca e tonta...

— Tonta!... fraca e tonta!... O que por ahi andam, é muitos malandros misturados com muitos infelizes...

— Malandros o quê?!... — exclamou com o olhar incendiado. Todos desgraçados!... Já vistes algum entrar no Banco de Portugal, ou na Junta a receber dinheiro?!... Não viste. Desgraçados, desgraçados é que são...

*

* *

Porém, muito mais que os mendigos vagabundos, embotados e resistentes a padecimentos physicos, o interessavam as miserias da doença, as dôres moraes sem amparo. Essas farejava-as piedosamente como S. João de Deus, com o instincto que lhe vinha do proprio seio e consolava-se soccorrendo-as e minorando-as. Por isso, a alma sem mancha e o coração cristalino de Josefina, de cuja bocca nunca ouvira palavra de desagrado para enfermos, o deleitavam mais do que as rabujices da velha creada. Uma rapariga, ainda na flôr da vida, com encantos naturaes para impressionarem, dedicar-se, assim,a diminuir os soffrimentos anonymos e a fortalecer os animos nas grandes crises da doença, em que o sentimento da dignidade humana se dimi-

nue... que formoso mundo para recrear a sua contemplação! Tamanho era o carinho e bondade, em toda ella, que, só com o figurar-lhe a imagem, com vêr passar deante da vista melancolica essa visão encantadora, o cerebro se lhe illuminava de jubilos e a mente se lhe espraiava alegre, pelas dilatadas regiões do azul. Tendo-a deante de si e vivendo sob a influencia calmante d'aquelle olhar limpido, a realidade accrescentava prazeres, ao que podesse julgar-se illusão. Essa pobre rapariga, orfão das consolações vivas do mundo, crescida n'uma atmosphera de tristeza e minguas, cedo aprendera a resignação e a conformidade. Alma simples e sem reservas, d'um recato natural; alma que tinha conquistado pela experiencia da adversidade, um enorme poder consolador. A sua sensibilidade, sempre egual, d'um equilibrio bem estavel, tornava agradabilissimo o seu convivio ... Todos sentiam encanto em respirar, onde ella respirasse; em vêr com os olhos, com que ella visse. Mesmo que a não escutasse, João da Terra, gosava com recordar o som da sua palavra; mas se ouvia aquella voz, em meios tons, voz que dilatava o pensamento, acrescentava-se, a esse enlevo, a serenidade e justeza das idéas, o sentir lavado e affectuoso. Então, para elle, tudo eram risos; as consolações multiplicavam-se-lhe no cerebro. Pantheista e contemplativo da natureza, a conversa de Josefina parecia-lhe uma revoada de pequeninos passaros, que viessem pousar-se ali ao pé, para o alegrar e distrahir das suas melancolias. Este predicado benefico, mais nitido se acordava, quando

a enfermeira referisse casos do hospital. O Barbas, n'esses momentos, sentia-lhe vibrar grande interesse na palavra e seguia-a com avidez. Durante uma d'estas occasiões, entrou o medico. Vinha do laboratorio, vestido com o casaco de linho; e trazia, encostado ao peito, sobre o braço esquerdo, um cobayo que afagava com a mão direita. Pousou no chão o animalsito, olhando para o Barbas, e disse:

— Que te parece d'este amigo?

— Muito bonito. Sempre os julguei mais interessantes do que os coelhos, que são remissos e bisonhos...

— E não o achas de perfeita saude?

— Magnifica!... Desembaraçado e alegre... Mas porque m'o perguntas?

— E' que teve a mesma molestia que tu...

Josefina sorriu, com um sorriso de memoria triste. João da Terra, o philosopho, tornou-se grave e sério, indo com o seu olhar do cobayo ao rosto de Julião, a quem n'uma voz indagadora observou:

— Talvez fosses tu, com a tua furia experimental, que lhe gerasses a doença, com todo o horror de soffrimentos que eu tive...

— Está bem de vêr que fui. A sciencia precisa progredir.

— Mas que o faça sem causar dôres! Verdugo! és um verdugo! Não foi elle creado, á mesma luz do sol, que tu e eu? Não tem os mesmos direitos ao goso e ao prazer?!...

— Asneiras, de que está cheia a tua cabeça, como a

do nihilista! Não soffreste tu tambem? Soffreste. E porque? Porque a maluqueira do altruismo te levou a teres dó d'um misero jumento mormoso, e sem precauções lhe foste dar de comer fava, na tua propria mão. Parvoice equivalente praticou, de certo, o dono; isso deu-lhe em resultado morrer no hospital, elle, a mulher e mais o filho. Porem, elle era um desgraçado, um ignorante, e tu não te tens em tal conta...

—Já discutimos esse ponto e escusamos voltar a elle — disse, mal humorado, o Barbas. O jumento não teve consciencia, nem responsabilidade no que fez. A culpa foi só minha, que devia tomar precauções. Este inoffensivo animal, não se podia livrar, ainda que o quizesse, das tuas mãos de fera scientifica. Tu sabias perfeitamente que, com uma simples picada da tua agulha, introduzias a morte, ou pelo menos horriveis soffrimentos, no corpo d'este pobre ser, meu irmão na desgraça!

Julião Esteves tomou um aspecto severo de sacerdote d'uma religião nova, da unica religião verdadeira para elle, a da fé scientifica:

—E fil-o convencido de que praticava um acto justo e racional! A medicina é a unica salvadora do homem, nas suas miserias e inferioridades! Gera um soffrimento, para evitar milhões de soffrimentos! Ella tira a vida da propria morte: produz a ressurreição. Guia as forças do organismo, para chegar á saude; accorda todas as energias da Terra, para obter o commodo e a felicidade do Homem. A *sciencia* é a grande triumphadora, sobre as ruinas e descalabros que vem dos con-

flictos da existencia. A tal sublime natureza, que tu, reles epicurista, não te fartas de louvar e encarecer, entregue a si só, não dá senão a desordem, a molestia, por exemplo. E' a medicina que gera a molestia? Não; mas é ella que a cura. E a cura não é transformar dôres em prazer? Meu philosopho das duzias, desengana-te, para sarar homens é indispensavel sacrificar cobayos — pronunciou victoriosamente Julião.

João da Terra ouvia-o concentrado, passando magestosamente os magros dedos na barba, que não era ainda bastante longa. N'uma voz enfraquecida, por causa do seu estado, retorquiu:

— Estás como esses bebedos, impertinentes e orgulhosos, dos stoicos, que tiravam o soberano bem do soffrimento, e que só por um meio tão absurdo entendiam obter a felicidade. Já muitas vezes, tenho respondido a isso. Vae para o diabo. Dá-me cá esse companheiro na desventura, que o desejo compensar, garantindo-lhe, no futuro, vida tranquilla, livrando-o das tuas garras. Qual o seu alimento preferido?

— Todas as hervas e folhas de hortaliças; porem a salsa é, para elle, o melhor petisco.

— Pois terá um canteiro de salsa, todo seu. Nunca mais o deixarei ao alcance d'um homem, que alimente vidas com vidas, que mate uns para salvar os outros, exactamente como fizeram, todos os tyrannos, de todos os tempos.

XV

SUSPEITAS

QUANDO voltou ao bêco do Imaginario, para as suas leituras predilectas e para continuar no afan de destruir a Dôr, levou comsigo o cobayo. Mandou-lhe fazer uma ampla gaiola com porta de rede, collocando-a em sitio onde gosasse o maximo de horas de sol. Queria tornar feliz aquella vida, que tão duramente acompanhara a sua no soffrimento. Havia de alimental-o só de hervas aromaticas. No ventre, origem primaria de todo o prazer epicureano, crear-se-hia a força hilariante, que lhe circularia em todo o corpo. Passava longos espaços de tempos philosophando, ácerca d'aquella existencia despreoccupada, na qual o cobayo ia esmoendo a delicada alface e a rescendente salsa. Finda uma dose, se o ani-

malsito vinha cheirar a mão bemfeitora, logo o Barbas o entendia e lhe ia buscar mais á cosinha, não se importando com os protestos da velha Joanna:

— Lá me vae todo o arranjo! — clamava. Com que farei o jantar? Elle pode comer hervas ordinarias. Um brutinho, que nem alma tem!...

— Que sabes tu de alma, minha tonta?...

— Sei mais que o senhor, que parece não acreditar n'ella.

— Pois fica-te lá com a tua; mas passaremos sem salsa e sem alface.

Levava tudo isso para o seu protegido, que se mostrava contente ao vel-o approximar-se. Na contemplação muda d'este animal, na observação demorada dos seus habitos e meneios, encontrava o Barbas maneira de prender a mente. Julgava-o um poeta cheio de encantadora preguiça, um sapiente philosopho, amante do repouso e da vida natural. Via-o mastigar com mansidão e goso, buscar os raios de sol, que lhe enlanguesciam o corpo em dilatado prazer. Pouco dado a movimentos, nada apressado, este cobayo parecia conhecer o preceito epicurista: de que para se encontrarem males, não precisa cada um afadigar-se. Talvez, com o fim de aligeirar a vida e de lhe correrem breves as horas, é que passava o tempo entre o delicioso repouso do somno e o mastigar cauteloso das hervas que o nutriam: — precioso exemplo da doutrina, que põe a tranquillidade na base d'uma existencia feliz, e o soberano bem no goso sem egoismo, nem orgulho, nem maldade perturbadora da ventura

dos outros. E tanto o Barbas se habituara a consideral-o sequaz d'essa doutrina, que o tractava com enternecimento de amigo, falando-lhe como se o cobayo o comprehendesse. O bruto, apesar de pouco penetrante e agudo de si, escutava-lhe a voz, e com o ouvido acompanhava-lhe os conceitos. Pelo costume, de ser da sua beneficente mão, que recebia a saborosa salsa, logo que sentisse perto da gaiola o pesado andar do philosopho, vinha á porta esperal-o. Era evidente o seu prazer, que se traduzia em meudos grunhidos de alegria e aprazimento. Isto determinava que o Barbas o censurasse:

— Seu guloso! Bem sei o que pretende. Pois fique sabendo, que a sobriedade é grande virtude aconselhada pela *nossa* philosophia.

Mas, com a mão leve amaciava-lhe o pello do dorso; ás vezes tomava-o para o levar á velha Joanna, que no seu frenesi domestico, sempre o recebia mal:

— Tire de lá isso! Para o que lhe havia de dar a tolice, trazer para casa uma consumissão d'estas!...

— Cala-te, não sejas rabugenta e não queiras fingir de má. Padeceu tudo o que eu padeci e, antes que ninguem, annunciou as minhas melhoras.

— Só por isso o não dou ao carvoeiro, que o quer. Um porcalhão, sempre um chiqueiro n'aquella gaiola!

— E's tu que a limpas?... O meu trabalho, é o meu trabalho, que a traz asseada!...

— Porque assim o quer. Parece um impossivel! Sem beber pinga d'agua, sempre tudo encharcado! Porque será?!

— Coisas da natureza d'elle. Pergunta ao doutor Julião, se quizeres.

E voltou a recolher o cobayo, deixan-do-lhe ramos de salsa, que, ainda d'esta vez, levara fraudulentamente, sem a creada perceber.

*

* *

Parecia ter perdido bastante da sua rudeza e energia, o philosopho Barbas, depois da prolongada doença. O seu animo, como o corpo, estavam ainda em convalescença. Não tinha o brilho dos primeiros impetos, a enfeitar-lhe a palavra; mostrava-se menos activo e desembaraçado. Os seus movimentos não eram tão bruscos, o andar não era o seu andar largo de caminheiro, com as abas do grande casacão abrindo-se como azas de peru, quando vôa para junto da perua preferida. N'aquella physionomia notava-se sentimento vago: um scismar de lyrico, que lhe não era habitual, nem harmonico com a barba e cabelleira d'apostolo, que, intonsas, lhe iam restituindo a antiga magestade ao parecer. Concomitantemente (e isto era grande surpreza e bom thema de conjecturas para os amigos) preoccupava-se com certo esmero no vestuario — elle que sempre despresara, por grotescos e ridiculos, os enfeites do corpo, levando-os á conta de pobreza d'espirito! Sem nada dizer, comprara camisas novas e duas gravatas. Um dia appareceu com botas de melhor sapa-

teiro do que o seu habitual: não eram tão grosseiras, nem faziam estrondo ao bater no lagedo das ruas. Que a doença lhe abalara o corpo e a alma via-se; mas o que lhe andaria de novo no cerebro, para assim se modificarem os aspectos da sua existencia, entrando n'uma phase de condescendencias mundanaes ?!... Preoccupavam-se risonhamente com isto os seus intimos... Julião Esteves entendeu:

— Temos n'isto mulher...

— É mais um, que se aniquila — affirmou Manoel de Sá.

— Não serão, antes, os seis contos de réis d'essa tia, que lhe morreu ultimamente no Alemtejo? — aventou Claudio.

— Possivel — disse o medico. Mas com isso perde grandemente o seu pittoresco e a sua philosophia.

Deixaram correr, por boa, a explicação de Claudio, segundo a qual, o Barbas, transformado pela doença, entrara n'um viver menos especulativo. Haverá exemplos de homens, que, depois de muito vagabundearem no paiz abstracto do pensamento, sempre n'uma intensa cerebração, desçam um dia do alto pedestal de nuvens, a palmilhar a terra? Ha exemplos. Do Barbas, porém, não se podia receiar mudança tão completa: nem elle tinha vivido em altas regiões, pois que o seu bem-fazer era todo terreno; nem mudara de aspecto senão no aligeirar o corpo do tradiccional casacão, trocando-o por uma quinzena azul e apresentando-se com gravata nova sobre peitilho limpo. As torturas que o cerebro lhe soffrera nas longas noites da molestia,

com as sombras do bruxuleio da lamparina a encheram-lhe o quarto de phantasmas, talvez lhe tivessem apurado a sensibilidade e adquirisse o gosto do contacto da roupa nova. Era natural n'um epicurista, apostolo da religião do prazer, o encontrar certos olhos e certa voz de mulher, que lhe dispertassem harmonias na alma. Não havia contradicção philosophica, em que acceitasse o encanto, apesar da excomunhão em que o Mestre puzera o amor ideal, cujo erro consiste em encher de perfeições, uma creatura naturalmente imperfeita. O que foram esses encantadores philosophos da Hellade, que discretearam nobremente e com ademanes dignos, ácerca do goso e da felicidade, nos jardins d'Athenas? Deliciosos conversadores, escutados por formosas mulheres, que vinham de longe ouvil-os, e a quem elles rasgavam mundos sublimes, com o seu *prazer constitutivo*, *o soberano bem*, *os gosos da alma* adquiridos pelo repouso e pela liberdade... Leontina, a adoravel Leontina, vive na tradicção d'elles, como uma inspiradora e companheira. E com tudo eram homens de costumes austeros, pois nem os intractaveis stoicos, seus rivaes, tiveram que lhes apontar, quanto a pureza de vida. Até os louvaram muitas vezes, pelas suas virtudes domesticas, como dá testemunho Cicero. Por isso, não seja materia de espanto, que o bondoso Barbas, sempre preoccupado com a felicidade alheia, um dia encontrasse um coração disposto a organisar a d'elle...

Agora viam-n'o muito mais preso do que anteriormente ao hospital das creanças. Depois da doença,

resurgira n'elle, com estranho vigor, o instincto de guerrear o soffrimento. Prolongava ali as visitas, mais do que era o seu habito. O tranquillo espirito de Josefina, solicito, ordenador, previdente, continuava na sua explendida missão de bondade. Ninguem julgaria um hospital, aquella casa: em vez do cheiro nauseante dos medicamentos e das doenças, antes parecia haver espalhadas, por ali, hervas odoriferas, como nas egrejas, quando se celebra o cordeiro paschal. O ar empestado de febres, era constantemente substituido, por meio de ventilação cuidadosa e bem dirigida. O sorriso calmo da enfermeira tornava rosea, aquella atmosphera, que devia ser triste. O socego, a luz cautelosa, a ordem material em tudo, faziam d'esta habitação da dôr, um logar de repouso bemdito, guarida para espiritos delicados e meditadores. Ali, a um gemido, a uma queixa acudia logo uma consolação; despontava o soffrimento, despontava logo o meio de o modificar e de o combater. O melhor remedio para as creanças enfermas era o affecto, a ternura, a palavra carinhosa, o sorriso animador e benefico de Josefina. Essa doce e tranquilla figura, com o seu avental branco sobre o vestido escuro, passava ao longo da enfermaria, como uma sombra de santa, nimbada de carinhos. O penteado liso e sobrio, sobre a testa limpa de rugas; o olhar amoroso e natural, sem grande vivacidade, ainda que intelligente e de confiança; o todo da sua expressão sahindo de linhas puras e classicas... davam idéa d'uma cabeça da Virgem, apparecendo n'um fundo de quadro gothico. N'este meio, os sentimentos e as idéas di-

rigiam-se uniformemente a par, pois, em Josefina, que o inspirava, era innata, a concordancia e harmonia do cerebro e do coração. O lemma da sua vida calma, consistia em cumprir, sem ostentação, os deveres religiosos, nunca os antepondo ás obrigações e deveres da vida. Por isso toda a sua alma gosava e creava felicidade...

*

* *

Que melhor poderia encontrar o Barbas, para o seu philosophar tranquillo, á maneira de Epicuro, Metrodoro e tantos outros athenienses! Este bohemio intellectual, sempre desleixado (mas não orgulhoso como os cynicos) nos elementos da sua vida material, apprehendera, nos dias da longa convalescença, com o exemplo de Josefina, certa ordenação artistica e logica, que lhe poderia tornar a existencia encantadora e apetecida. Ao commentar este phenomeno, no seu cerebro, fruia instantes felizes. A enfermeira passava subtil e imperceptivel, como um vento leve, pelo corredor e por entre as camas dos pequeninos doentes e, ao desapparecer, aquella figura levava-lhe os olhos. Viu n'ella um caso da grande *ataraxia*, de alma imperturbada, d'essa independencia moral, com que só se depara, por divino e expontaneo dom da natureza, ou por meio d'um sério meditar. Josefina, mostrava-se ao Barbas, como ser angelico e calmo, imagem da perfeição sonhada por philosophos e poetas. Era mais do que uma mulher formosa, era um ser resultante de energias es-

palhadas no universo, um symbolo de belleza espiritual. Seria um enthusiasmo originado na fraqueza physica, uma pura abstracção?... Não o destrinçava elle, pobre alma ingenua! Desageitado no seleccionar de taes sentimentos e idéas, mostrava parecer melancolico, ao contemplar o busto de Josefina; os seus ouvidos escutavam musica incomparavel, se recolhiam os sons d'aquella voz harmoniosa, toda formada de notas suaves. Sentia, ao vel-a e ouvil-a, um goso secreto e intenso! Pelo menos assim o confessava, a si mesmo, com recato e pudor. Em sua vida, nunca se passara n'elle coisa egual! Após o dispertar d'este existir novo e vago, é que mandara fazer camisas, o fato de quizena azul, comprara gravatas, botas mais apuradas, e um chapeu-alto lustroso. Taes petrechos de elegancia, maravilharam, e com razão, os seus companheiros, que só comprehendiam o Barbas embrulhado no amplo casaco, batendo as ruas de Lisboa com os saltos grosseiros, e agasalhando as suas idéas com um chapeu ensebado e ferrugento. Tambem, esta mudança, surprehendera a velha Joanna, que, ao vel-o tão apurado, ficou estarrecida de espanto e disse por entre dentes:

— Boa vae ella!... Temos janota!...

Seria legitimo o reparo e acertado o pensar de todos elles, aventando que, só a influencia d'uma mulher, poderia gerar tantas singularidades no espirito d'um philosopho, que até então nutrira o cerebro, apenas de principios e regras do bem raciocinar, segundo a mais bem ordenada canonica?!..... .....

....

XVI

UM DESENLACE

João da Terra já possuia de novo a sua cabelleira philosophica e barba comprida, o que lhe havia restituido a antiga magestade ao parecer. N'um dia d'Abril gorgeante e soalheiro, na varanda envidraçada do hospital, onde as creanças convalescentes vinham brincar, estava elle, scismador e alheio a tudo, quando ali passou Josefina, que, tomada d'uma subita lembrança, se voltou para lhe perguntar:

— O porquinho da India, que levou para sua casa?...

— Lá está, alegre e contente. Quero-lhe muito. Foi meu companheiro no soffrimento.

— Talvez elle aqui estivesse melhor. Mande-m'o. Desejaria ter mais essa occupação...

— Pois quer?!...

— Tenho tempo, bem vê. Não me custa.

— Eu considero-o um irmão...

— Razão de mais... Não m'o devia ter levado.

— Entretem-me muito. Em que passarei eu o tempo, Josefina?!...

Ao pronunciar, encantadamente, este nome, sentiu na bocca uma doçura de mel!... Ao mesmo tempo, uma onda sanguinea, lhe turvou a vista e lhe aqueceu a face... A voz emmudeceu e a imaginação alegrou-se... Ella, com sorriso natural e de bondade, aconselhou:

— Occupe-se dos seus livros. Empregue, em maiores obras, o seu grande e generoso coração.

João da Terra, ia abafando, ao ouvir taes palavras! Relampagos côr de rosa e oiro illuminaram, com um fulgor jucundo, todo aquelle ambiente! Aos ouvidos ressoaram-lhe córos d'archanjos, habitadores de regiões celestes. O seu olhar, era uma gloria. E disse transportado:

— Quem fala no meu grande coração!? Aquella que possue, o maior e o mais formoso, que no mundo existe! Eu, no que faço, obedecerei a um misero calculo de philosopho, emquanto que, Josefina, só faz o bem pelo bem, não esperando, como recompensa, senão a consolação, que ao espirito lhe traga, a pratica do acto meritorio.

As palpebras de Josefina cerraram-se lentamente, para não ver... para não escutar. As maçãs do seu rosto purpurearam-se. Com voz segura e calma respondeu:

— Não faço nenhum esforço; por isso o merecimento

é pouco. Nasci com a desventura e com a dôr; desde creança as considero minhas companheiras e amigas. Sou uma mulher e nova; nunca pude andar de noite e ao frio, por ruas e bêcos perigosos, á procura dos que hei de soccorrer. Aquelle que pratica estes actos que eu não posso praticar, será um philosopho, palavra que não sei o que é, mas todos o consideram um santo...

Pronunciou a ultima phrase sem hesitação, com medo porém, que lhe não fosse bem acceita. Diversas vezes, ouvira o Barbas combater, a correlação entre a virtude e a santidade. Este toque de delicadeza femenina, João da Terra, agradeceu-lh'o n'um olhar de infinito perdão, fixando-a com sentimento glorificador. Vontade tinha elle de dizer, n'este instante supremo, alguma coisa que revelasse o fundo da sua alma enthusiasta; mas este homem, espaduado e alto, de grande cabelleira e barba magestosa de cavalleiro medievico, era timido como uma creança de cinco annos! Aconchegando aos seus joelhos, os dois pequerruchos, que tinha sob seus braços, tomou, n'este contacto, coragem para dizer:

— Conheço, melhor que ninguem, os meus defeitos. Se a bondade dos outros me attribue qualidades nobres de coração, ignoro-o. Um sentimento intimo me diz, que ainda não fui completamente comprehendido por ninguem.

— Por ninguem?!... — exclamou Josefina com ligeira reprehensão...

— Desculpe... Josefina, deu-me taes provas de ca-

rinho, durante a minha perigosa doença... Mas é do seu natural ser util e fazer o bem...

Ella affirmou resoluta:

— A si vigiava-o com a minha alma toda. Sabia a grande falta que, uma tal morte, causaria ao mundo... Era sentimento que me vinha de *cá-dentro*. Ha quantos annos o conheço na pratica do bem!... Recordarei sempre, aquella horrivel noite, em que dos seus braços tomei o corpo de meu padrinho [1]. Lembra-se?

— Lembro... lembro perfeitamente. Tenho isso presente, como se fora n'este momento, que se estivesse passando. O seu rosto gracioso, transformou-se rapido, para exprimir as maiores angustias do coração humano! Nunca poderei esquecer, o seu rosto gracioso, assim alterado pela dôr. N'esse instante, fui com o meu pensamento, até ao fundo da sua alma e admirei-a! Taes successos gravam-se, na memoria, para sempre. Se ao vel-a, aqui, passados annos, a não reconheci logo, é que a Josefina da minha recordação, não era a que sahia do convento; mas sim a que recebia o cadaver de D. Agostinho, e a que vejo todos os dias n'esta casa, batalhando contra o grande inimigo de todas as eras, a Dôr!...

O Barbas cahiu n'um grande desfallecimento mental, produzido pela intensa commoção, que o accento amoravel e saudoso das palavras de Josefina lhe tinha acusado. Estranha musica essa, que lhe vinha de regiões longinquas, de fóra do alcance da sua vista. Com

[1] Morte de *D. Agostinho,*

olhar cheio de sentimento attentava na figura simples de Josefina, vendo n'ella um anjo aureolado de luz. As suas grossas mãos passeavam, lentas e tremulas, nas cabeças das duas creanças, que estavam encostadas aos seus joelhos. Era a sensação unica, que tinha da sua existencia real, visto que a imaginação, em vôo glorificador, o levava por esses mundos do céu além... E accrescentou ao que dissera:

— Minha amiga. Deixe-me dar-lhe este doce nome. Eu, sou um homem, que não tornei a sentir carinho de mulher, depois da morte de minha mãe.

— E, eu, uma orphã, que mal conheci pae e mãe, e que passei a infancia entre dois pobres velhos, cuja memoria ainda vive no meu coração.

— Hoje, é a providencia d'estes innocentes. A desventura, que os trouxe aqui, poderá ter sido a causa da minha felicidade?!...

Josefina conservou-se callada. O seu olhar sereno prolongava-se nos olhos incendiados de João da Terra. Elle levantou-se da cadeira, com as duas creanças unidas a si. O seu aspecto, era o aspecto absorto d'um inspirado! Estendendo a mão offereceu:

— Dignar-se-ha acceitar este coração virgem?!...

Josefina, collocando n'aquella mão grosseira, a sua branca mão de princesa...— pronunciou:

— Ainda o não conheci mais puro, verdadeiro e bondoso!...

— Uniu-nos o destino! — disse elle.

— Foi Deus que nos uniu! — accentuou ella.

O philosopho, então, bradou alto, como se falasse

n'um largo espaço e n'um absoluto silencio, deante de grande multidão, reunida para ouvir a sua palavra:

— E' a *Declinação*, esse estranho poder, a que estão sujeitas as acções do homem, como o estão os atomos em todo o universo! O encontro dos atomos forma os corpos; o encontro das sensibilidades úne as almas!... É a declinação epicuriana, é a *Declinação!*

Josefina continuou silenciosa na sua estrada do dever e bondade, dirigindo-se á enfermaria. O Barbas deixou-a passar, conservando as creanças unidas a si, seguindo-a com um olhar enthusiasta e feliz.

XVII

NUNC EST BIBENDUM

D'um dia, tambem gorgeante e soalheiro, é que pela primeira vez, depois da sua grave doença, o Barbas compareceria n'um jantar, que os seus dilectos amigos Claudio, Julião e Manoel de Sá lhe propozeram, para celebrar o seu regresso, ás alegres palestras e á convivencia intima e affectuosa. Não era o banquete, que no esponsalicio mez de *gamalion*, os epicuristas gregos davam, no dia dos annos do Mestre, para assim cumprirem, o que por elle fôra ordenado, no testamento dirigido a Amynomaco e a Timocrato. Este festim d'outros tempos, parecia de caracter funereo, visto celebrar-se em honra d'um morto, mais do que querido; o de agora, tinha por nume um vivo, novo e muito ditoso homem! Po-

rém, com o fim de lhe lisonjearem as crenças philosophicas, escolheram para a modesta refeição, um vigesimo dia de lua, consoante o preceito atheniense dos que commungavam na doutrina de Epicuro. Assim alegrariam João da Terra, que ia reapparecer na vida, com a sua barba já crescida e a cabelleira tufosa. Esperavam-se alegres expansões; por isso, o generoso Claudio, mandara com antecedencia para o restaurante escolhido, duas garrafas do seu *champagne* das grandes solemnidades. Davam sete horas e o Barbas sem apparecer! Isto surprehendia os amigos, que sempre lhe haviam louvado a pontualidade.

— Alguma formosura lhe absorveu a contemplação... — chasqueou Manoel de Sá.

— Ao philosopho!?... — duvidou o ingenuo Claudio.

— Por muito philosopho que se seja, a carne é fraca — entendeu Julião.

N'este instante entrava João da Terra, com o impeto d'um vendaval. Os amigos, que lhe tinham percebido o andar, receberam-n'o com silencio hostil, cabeças baixas entre os punhos, olhos fixos na toalha. A porta de entrada ficou escondida com o grande corpo do Barbas e elle falou expansivo:

— Chego tarde, bem sei; mas a razão está, em que sou um homem immensamente occupado.

— Occupações de contemplativo preguiçoso. Todos nós sabemos o que isso é — commentou Julião.

— Cala-te medicastro. Não se fala assim d'um homem, sobre todos feliz! — respondeu.

— Não é provavel que se embebedasse antes de

jantar — considerou, em aparte que se ouviu, Manoel de Sá.

— Olhem o pensador das negruras! Tambem se permitte o luxo de ter espirito—chasqueou João da Terra.

— Não se diz isso d'um epicurista, capaz de viver com menos d'um vintem por dia, como attribuem ao *grande Mestre*... — observou ironicamente Julião.

O Barbas, que vivia absorto na immensa felicidade de amar Josefina, vinha no imperativo desejo de tudo dizer e patentear-se. Vendo-se assim assetteado, pelo chimico e pelo medico, voltou-se para Claudio, abrindo n'um gesto omnipotente, os seus grandes braços:

— A mim, verdadeiro amigo e homem de coração! Abandonemol-os, que são uns barbaros.

Claudio tornou-lhe:

— Andas todo janota e falas em coração! Estranho-te...

— E tens razão. Acabo de mudar de pelle. Uma boa parte do homem antigo, morreu. Coração tenho-o aqui, grande como a lua. Mas um coração para o amor, para a ventura, para o ideal...

— Mau! — entendeu Julião. Caso de loucura! Levemol-o para Rilhafolles, e já.

— Desembucha, deita fóra o marmello—aconselhou Claudio.

— Todos vocês são indignos da minha confiança. José, traz a sopa... — disse o Barbas.

— Tambem a prefiro ás tuas confidencias, pois estou com fome — concordou Manoel.

O creado ia collocando os pratos, e sorria. Amava

estes conversadores intelligentes e vivos, especialmente o Barbas, a quem servia desde os tempos bohemios de D. Agostinho. Quando elle discreteava acerca de philosophos antigos, enchendo a conversa de anecdotas pittorescas e interessantes, se era occasião de pouco serviço, conservava-se junto do aparador, escutando. Ao entrar, agora, com a terrina fumegante, como a polemica continuasse accesa, disse por entre dentes:

— Bem; hoje temol-a armada!

N'esse momento, Claudio, ordenava-lhe com um gesto vivo:

— Fecha bem essa porta! Que não oiçam os *infieis!*

E o Barbas completava:

— Vão-se passar aqui coisas tremendas, meu rapaz. Estamos mettidos n'uma conspiração nihilista. Servirás hoje dynamite. Sabes o que é o nihilismo? Não sabes. Pergunta-o ao sr. Manoel de Sá, que é nihilista e está com fome de sopa.

Julião Esteves explicou:

— Olha José, é um systema philosophico e politico, que consiste em se estragarem todos os jantares, que estiverem feitos, para servir os freguezes.

— Ó que grande *perdis* terá o patrão! Isso é que elle se vae damnar!

— E á frente d'esse grande crime — completou o Barbas, está aquelle senhor, que a policia vigia.

— Se fosse caso de envenenamento, bastavam as receitas do nosso doutor; se quizerem a demencia geral, espalham-se as idéas do nosso philosopho epicurista — desforçou-se Manoel.

— Já vês — rematou Claudio — que é coisa muito grave, José. Necessita-se d'um absoluto segredo! Por isso, porta fechada.

— Mas abre-a, para trazeres já o linguado com molho d'ostras, e vinho de Bucellas para o regar — pediu Julião.

Ao assado, que era um bello capão, especialmente encommendado de vespera, appareceu o *champagne*, com que se ia festejar o reapparecimento do Barbas, n'este agradavel convivio, depois da dura prova; porque passara. O philosopho, ao ver as garrafas, que o creado apresentara com solemnidade, cumprimentou-as reverente, observando:

— Não é costume... Quem seria o generoso dador?

— Querias que fosse um medico com poucos doentes? — disse Julião.

— Ou um misero chimico, sem laboratorio? — accrescentou Manoel.

— Comprehendo! — disse o epicurista. — Só o odioso capital, pode ter d'estas generosidades de Imperador romano! Só elle!...

— Mas cautella! — preveniu Julião. Olha que é para te obrigarem a falar e conhecerem o teu grande segredo!

— Não era preciso tanto. Vão-no saber já.

— José, fecha a porta e retira-te — ordenou Julião.

— Vigia-nos contra a policia, rapaz — recommendou Claudio.

Estalou a primeira rolha. O alegre barulho espalhou-se no ar; os rostos animaram-se, as taças enche-

ram-se com a fervura do *champagne*. O Barbas ia-se a levantar; mas Claudio, pondo-lhe a mão no hombro, quil-o preceder:

— Primeiro nós: bebamos ao prazer, que nos dá o ver-te restituido ás tuas funcções de philosopho epicurista.

Todos esgotaram as taças, elle levou-a simplesmente aos labios. Espalmou a grossa mão, pedindo silencio e respeito para o que ia dizer. O rosto retomou a compostura habitual, serena e bondosa; o olhar, a intelligencia dos momentos sinceros. Esperavam, interessados e sem ar de motejo, o que lhe sahiriria dos labios. Com voz grave e penetrativa disse:

— Se soubessem o que hoje se passa na minha alma!...

Hesitava no que ia revelar. A lingua recusava-se a uma confissão. Era como despir, a alma, da sua candidez, e confessar infidelidade ao seu credo philosophico. Cerrou as palpebras para ver mais fundo no seu coração; corava-se-lhe o cerebro de pudor. Aquella longa barba a cobrir-lhe o peito, dava-lhe a serenidade olympica, d'uma estatua. Fez herculeo esforço, percebido no movimento que lhe abalou todo o corpo. Ia falar. Custava-lhe como se tivesse de arrancar um pedaço de sua carne, para com ella alimentar o proprio corpo.

E disse com os olhos illuminados d'aurora:

— Vou-me casar. N'isto faço consistir o meu triumpho sobre a morte.

Apesar das apprehensões com que os amigos do

Barbas andavam, acerca do desmoronamento do templo epicureano, com tanta fé levantado, a declaração peremptoria abalou-os. Manoel de Sá calculou logo a influencia nefasta e o poder retardativo contra a sciencia, gerado no accrescentamento da mulher e dos filhos!... Por isso exclamou:

— E essa doutrina que apregoavas?! Não é o teu Epicuro, que te previne contra o amor, aconselhando-te a amisade para fortalecer o bem social?...

E' — respondeu firme. Na Grecia e em Roma, a amisade, era objecto do maior culto. Porém, o Mestre, não prohibe o amor de uma maneira absoluta.

Claudio, temendo pelo desconjuncto d'esta intimidade agradavel, observou:

— Perdão: tenho na memoria a sentença, que tantas vezes repetias: «O amor, no sentido physiologico, admitte-se, é uma funcção do organismo; no sentido psychologico é apenas uma illusão de poetas, uma mentira.» Citavas então Lucrecio, que condemna o amor por tender a divinisar o objecto amado, adornando-o com perfeições chimericas; consideravas a exteriorisação d'esse sentimento, acto de culto inconsciente, de superstição e portanto absurdo...

O Barbas atacado com as suas proprias armas, defendeu-se com dobrada serenidade:

— O Mestre amou, sobre todas as coisas, os seus amigos, que eram os seus discipulos. Porém, entre elles, o mais querido de todos, Metrodoro, era casado e teve filhos, que deixou orphãos e sem fortuna. Epicuro foi quem lh'os recolheu, nutriu, vigiou e educou.

Ha mais: o philosopho divino, conhecendo a approximação do fim da sua vida (o que nunca o apavorou) pediu a Hermarchus, outro discipulo amado, que continuasse a sua obra de piedade, amparando as creanças desprotegidas. Se elle (accentuou) condemnasse em absoluto o casamento, seria capaz de lhe acarinhar e proteger os fructos?

Julião Esteves interveiu:

— Como physiologista, não sou contrario ao casamento; pois é a maneira legal da perpetuação da especie. Porém, no que dizes, só vejo a amisade a corrigir as imprevidencias do amor. Noto-te, como estes, a falta de logica e de memoria. Os teus philosophos da Grecia e de Roma reprovavam o amor, como sentimento falso, dissestel-o muitas vezes. Não era Epicteto, o austero Epicteto, que descreve com acrimonia e motejo, as attribulações do homem casado, perniciosas á philosophia? A mulher, os parentes da mulher e os filhos, enchem-lhe de cuidados a vida. As doenças e faltas de dinheiro, que apparecem com o augmento da familia, perturbam o pensar. Quando a esposa está parturiente — diz elle — é necessario uma panela para aquecer agua, uma banheira para lavar o recemnascido, flanela para o agasalhar, uma cama para o deitar. O sabio, para prover a tudo isso, terá de abandonar a sua sabedoria. E escarnecias tu, reproduzindo as palavras de Epicteto: «No que se tornou o philosopho, esse monarcha do pensamento, destinado a vigiar a ventura da humanidade!» Lembram-se vocês?

— Lembramos — disseram Julião e Claudio, n'um unisono de accusação.

— E tu, lembras-te?— voltou se para João da Terra.

— Lembro — pronunciou magestoso, escorrendo-lhe as palavras pela longa barba, como um mel de travo silvestre. — Lembro e até accrescentei que esse servo de Epaphrodite, nunca foi pensador da minha estima. Era egoista, partidario dos cynicos. O seu *sustine et abstine*, é a base d'uma doutrina negativa, bem differente e até contraria á do grande Epicuro, que nos recommenda actividade e acção, para conquistarmos a ventura. Esse philosophar de Epicteto, trazia comsigo o azedume e a marca da escravidão de que elle soffrera.

Claudio de Mendonça, a quem o assumpto interessava, argumentou:

— E que me dizes aos mais notaveis doutores da egreja, que tenho ouvido dizer contrarios ao casamento? S. Jeronymo, por exemplo (creio teres sido tu mesmo que o citaste) ao commentar no deserto o teu Epicuro, aponta-o como modelo de sobriedade em tudo e, muito *especialmente*, no amor. S. Paulo, de má vontade concorda no casamento e só o consente; porque não o póde evitar.

— S. Jeronymo — apreciou o Barbas — é certo que tinha essa opinião. Mas considerem, quem era S. Jeronymo, um maniaco da solidão e do isolamento! Grande pensador e poeta, sim; mas homem anti-social e inconvivente. Quanto a S. Paulo, o tapeceiro, d'esse basta citar a celebre phrase «melhor é casar-se do que

abrazar-se» para se vêr que não desaconselhava o casamento. Esse fogoso epiléptico, vivia só da propaganda da sua doutrina, da fundação das suas egrejas na Asia menor e em toda a costa do mar Egeo. O catholicismo não o seguiu. Baseando-se em anctoridades mais antigas do que a d'elle, nas auctoridades evangelicas, approva e até impõe o casamento.

Manoel de Sá disse com vehemencia e ironia:

— Approva-o nos outros; mas não o adopta para si, tendo como dogma disciplinar, o celibato. A egreja catholica impõe o casamento como medida de politica astuta. Ella, no que pensa, é em *dominar*, só em *dominar*, diminuindo, por todas as formas, a força potencial do pensar livre. Sob esse ponto de vista não podia deixar, a velhaca, de applaudir o mais sujo dos sentimentos humanos, o amor, para com elle forjar algemas, com que manietasse a actividade cerebral. O casamento é uma forte e pesada grilheta!

A Julião, pareceu excessivo este juizo, ácerca do amor. Como physiologista refutou-o:

— Não ha sentimentos humanos, aspirações ou tendencias do nosso cerebro, que se possam dizer sujos. Todos tem a mesma limpeza. Podem differençar-se em melhor ou peior servir, para guiar o homem no caminho da utilidade, ou da racionalidade superior; mas tudo que normalmente sahe das forças organicas, é limpo.

— Até sob esse outro aspecto — applaudiu Claudio — a amisade é mais acceitavel e menos perturbadora do que o casamento. Bebamos pois de preferencia á amisade.

Todos esgotaram as suas taças, menos João da Terra, que se conservou de pé, solemne, o olhar meio velado, a longa barba assente sobre o peito, como um pedaço de nuvem! Os amigos olhavam-no silenciosos e escutadores. Elle erguendo o braço discursou:

— Vou beber á amisade, sem a separar do amor. O sentimento que me domina e incendeia, não é egoista, como vocês pensam. Tem a consistencia da solariedade epicureana. Não terminará a continuação d'este periodico jantar fraterno, no vigessimo dia de cada lua, que, á imitação do que faziam os antigos, significa a nossa constancia. O casamento não contradiz a pratica da delicada convivencia; antes o julgo mais um elo a reunir as creaturas. Diogenes de Läerte, põem no vertice de todos os gosos possiveis a amisade, dizendo que ella augmenta a confiança na vida. O sublime mestre Epicuro, recommenda aos seus prudentes discipulos, que tenham uns pelos outros, abnegação e interesse, egual ao que cada um tem por si proprio; preceitua-nos que, para ajudarmos o prazer e a ataraxia do nosso amigo, empreguemos esforço identico ao necessario, para encontrarmos o nosso proprio prazer e a nossa ataraxia. O illustre Plutarco, commentando este pensamento divino, diz-nos, com a sua delicadeza e finura naturaes, que melhor e mais agradavel é fazer o bem, do que recebel-o de outrem. Läerte, vae mais longe; em nome da philosophia, aconselha a dar a propria vida, pela vida do amigo, no que, julgo, exhorbitou como epicurista. Em todo o caso é humano o conselho, pois que sendo a amisade a maior das vir-

tudes, merece que por ella se dê a vida, um grande valor, se a empregarmos na conquista do prazer, no aniquilamento da Dôr. Esta *conspiratio amoris*, tenho-a praticado e continuarei a pratical-a, mesmo depois de casado. Repilo a injuria de S. Paulo, que só permitte o casamento, aos que não teem o dom da continencia. Eu serei casado e continente, ainda que venha a ter filhos como Metrodoro, e como o mestre carpinteiro, marido de Maria, mãe de Christo. Casados que sejamos todos nós um dia, conservemo-nos fieis á amisade, continuemos, como os antigos romanos, a dar exemplos de solidariedade social. Façamol-o com alegria e com esperança de melhor, sejamos homens *satis acutis*, como os amoraveis gregos. Não esqueçamos os conselhos de Cicero e Seneca, sustentando a firmêza na amisade. O amor póde contradizer este sentimento? Não, se o amor fôr o que deve ser: a attracção mysteriosa entre dois individuos de sexo differente, com a base de reciprocos sacrificios para, vivendo juntos, satisfazerem ás leis do pacto social. Qual a differença da amisade? Sómente em que, n'esta, os pactuantes escusam de ser de sexo differente. Tal circumstancia alterará a essencia da sympathia, entre duas creaturas? Não: a amisade, póde ser transformação do amor, dar-se entre o homem e a mulher, como se dá entre dois homens e entre duas mulheres. Nenhum verdadeiro epicurista affirmará o contrario, quando se lembre que o fundador da admiravel doutrina, se comprazia em amistosas palestras com as formosas gregas, que, segundo a tradição, de longe eram attra-

hidas pela sua palavra cheia de magia. Bebamos, pois, á amisade e ao amor, estreitamente unidos.

João da Terra falara com uncção de inspirado, a taça de *champagne* na mão, o amplo peito coberto pela barba, a longa cabelleira cobrindo-lhe a nuca. A sua palavra fôra dolente e cantante, como na recitação d'um hymno liturgico. Sentia-se n'ella, um fundo de crença moderada pela delicia em que se balouçava toda a sua alma, ao pensar nos encantos de Josefina. No momento de erguer o copo aos labios, Manoel de Sá, temperamento selvatico de João Baptista, de Paulo de Tarso, oppôz-se-lhe reprehensivo, emquanto Julião e Claudio, o olhavam condescendentes, apreciando-lhe a commoção:

— De modo que, tu, vês os cynicos e os stoicos, com Epicteto á frente; os christãos pela bocca de S. Jeronimo e de S. Paulo; Epicuro a quem chamas divino... todos, mais ou menos, dizerem o casamento prejudicial ao culto da philosophia e da religião e persistes no erro de te casar! . . . Eu, nada tendo de commum com taes semsaborões, como elles penso que o amor é contrario á sciencia, á grande obra do pensamento, pois diminue o poder cerebral. A organisação da familia tambem a julgo contraria á justiça, por ser um meio de multiplicar os homens e de multiplicar, portanto, os males e os aggravos, que no mundo existem. O philosopho e aquelle que deseje cultivar a sciencia, não podem ser paes de filhos.

O Barbas ficou grandioso na sua convicção. A sua palavra, posto que eivada de amargura affirmou:

— Se assim fosse eu abandonaria a philosophia e a sciencia. O mundo precisa de existir, porque é bello e porque é o enorme cadinho do Prazer.

— Precisa existir o mundo — accentuou amargamente Manoel de Sá — para continuar triumphante a Iniquidade! Acabemos com isto! O anniquilamento!...

O Barbas ergueu, na sua mão grossa, a taça de *champagne*. N'uma voz clamorosa, que lhe vinha da raiz da vida, apregoou:

— *Ex nihilo, nihil*, Manoel de Sá! *De nada, nada se faz!* A tua familia existe, a tua sciencia existe; porque alguem as creou e as sustentará. Tu laboras n'uma funebre chimera! Bebamos ao amor e á amisade.

E exgotou, lentamente, o seu vinho até á ultima gotta.

— E quem é a tua preferida?—pergunta-lhe Claudio.

João da Terra, concentrou no coração, toda a força de sentimento, que n'elle podesse caber. Os seus olhos meigos tiveram uma irradiação deslumbrante, como esplendor d'aurora. Os labios abriram-se-lhe n'uma flôr de riso, fluctuando-lhe a longa barba com um suspiro, que lhe sahira dos pulmões. E disse:

— Josefina!...

Todos pronunciaram d'uma vez:

— Essa, tem praticado o Bem!

XVIII

ACLARAÇÕES

QUANDO a graciosa Kate, disse a seu irmão, com voz desusadamente timida: «Manoel, tenho uma coisa sobre o coração, que preciso communicar-te; mas têmo...» logo o rosto d'elle se alterou solicitando:

— Temes?!... Fala Kate! Nunca tiveste comigo tal embaraço de linguagem!... Fala!...

— Não o disse primeiro a nossa mãe, como seria o meu dever; porque a vejo bastante doente. Não entendes que nossa mãe, está muito doente?

—Entendo, preoccupa-me muito o seu estado. Aquella amarellidão, o nenhum appetite, as noites mal dormidas... Da sua bocca não sahe uma queixa; mas considero-a muito doente. Vamos, porém, ao que me querias dizer. Não era coisa da saude da condessa; porque

d'isso falamos sempre, sem ambages, como assumpto do nosso commum amôr.

— E não te zangas, seja contra quem fôr, ainda que tenhas razão ?!. ..

— Estás-me ferindo demais a curiosidade, Kate!... Mesmo que seja para me aguçares o appetite de saber, não é bem feito...— affirmou com accentuação nervosa.

— A tua colera póde ir ferir alguem... Eu desejava tudo resolvido, muito em paz . . . Por outro lado, não devo esconder-te o que é, pois a mim mesma prometti, não conservar segredos para meu irmão . . .

— Avia-te Kate. Estás misturando cruelmente a minha bilis com o meu sangue . . .

As mãos de Manoel tremiam; os seus beiços brancos balbuciavam as palavras. Catherina apressou-se:

— Hontem, em casa da tia Ermello, estava o primo Fernando de Castro. (Manoel de Sá tornou-se livido!) Bem sei que não gostas d'elle e d'ahi o meu receio. Talvez tenhas razões, que eu ignoro; porque o acho sempre amavel... Mas hontem, falou muito commigo, fez-me uma grande côrte... Ha certo tempo, que elle procurava occasiões de estarmos sós. Cuidei que fosse por sermos proximos parentes e me ligar bem com elle, ao *tennis*. Vejo, agora, que havia mais alguma coisa. É certo que a sua linguagem foi sempre galanteadora, mas só hontem comprehendi que tinha um fim. Vou-te repetir o que me disse; porque tu és meu irmão e meu pae . . .

Manoel já nem podia ouvir, tanto crescia a turbação do seu espirito! Porém, a voz de Kate, era se-

rena, a sua face conservava-se serena... Para abrandar a ira, que lhe inflamava o cerebro, pronunciou distanciando as palavras:

— Que te poderia dizer Fernando, que te obrigue a tão desacostumados rodeios, a tantas precauções e mysterios!... Não te offendeu... nem mesmo te melindrou...

— Oh! não!... por Deus!... É muito delicado!... Falou-me da sua vida de rapaz, de como d'ella andava aborrecido. Pareceu-me triste e causou-me tristeza. O final é que me surprehendeu...

— Disse?...

— Que estava resolvido a casar-se, que já era tempo de arranjar familia. Sabes que elle vive só?

— Mas que tens tu com isso?! Que se case. Seja feliz, se póde. É negocio d'elle — pronunciou, mordendo os beiços.

— Não só d'elle, segundo entende. Muito claramente me disse, que de todas as raparigas da sociedade, eu era a sua preferida. Pretendia falar n'isto á nossa mãe, se eu lhe desse licença. Não te parece grande disparate? Fernando é muito mais velho que eu...

— Disparate! Um crime, chama-lhe crime, pois crime é que é. Esse nosso primo é um malvado! — apregoou n'uma voz energica.

— Vês? — disse Kate entristecida. Era o meu susto, que te encolerisasses assim! Fernando não será um malvado; porém eu não o quero para casar. Ainda que eu gostasse d'elle, bastava tu não gostares!... — affirmou n'uma pronuncia submissa.

— É um malvado crê! Um poço de coisas ruins, o homem-vicio, producto da sociedade que, bem contra minha vontade, frequentas. Considero-o o typo acabado da depravação. Elle só por si, resume a maior quantidade dos crimes do mundo em vive. Debaixo do seu permanente riso artificial, com a mão sempre aberta para dar a esmola na rua, é um cynico e um coração venenoso. Tu és uma innocente, minha irmã! Esses teus vinte annos, edade que para as tuas amigas é já de experiencia, recendem odor das charnecas e dos rosmaninhos. A tua alma viveu immaculada á sombra dos azinhaes alemtejanos. É impossivel gostares d'um homem, como Fernando... Que pensas a respeito do que elle te propoz?...

— Já disse que não o quero para marido, ainda que a sua presença, até hoje, me não tenha sido desagradavel. As palavras que hontem me sobresaltaram, já lh'as tinha ouvido muita vez; porém collocava-as em outras raparigas mais velhas. Nada te contei, para não encher esse espirito de tristezas; mas, como se trata agora d'uma coisa clara, não hesitei um momento. Tu és meu irmão, és meu pae... Deverei dizer qualquer coisa a nossa mãe?!...

— Por fórma nenhuma! — impôz com a mão direita estendida. Deixa-a socegada. Fernando não continuará a ser teu importuno... As vossas almas são incompativeis. Falar-lhe-hei, para lhe mostrar que não é rasoavel a sua proposta. Tudo se passará em bem, minha irmã, crê.

*
* *

Pouco depois, Manoel, escrevia a seu primo Fernando de Castro, pedindo-lhe uma entrevista na propria casa d'este. Foi-lhe marcada para o dia seguinte, ás dez da manhã. A esta hora, já o conhecido elegante, tinha sahido do seu banho perfumado. O chimico foi recebido com a franqueza d'um parente chegado, apesar das naturaes antipathias d'estes dois cerebros. Fernando estava no seu gabinete, que era amplo e bem arejado. Em volta todos os emblemas dos seus triumphos de sportista, premios que lhe memoravam a destreza em combates e jogos. Tinha um fato largo escocez, uma camisa de seda côr de romã, sapatos de verniz, os cabellos louros empastados na testa, o bigode frisado e a barba feita. Talvez esperasse, para o almoço, algum dos seus intimos, com quem entraria, depois, n'uma d'essas conversas de sensualidade, que lhe entretinham a primeira parte do dia. Apesar da surpreza, que lhe causara este pedido de entrevista, procurou dar-lhe apparencia de intimidade e parentesco. Quando entrou Manoel de Sá, sorriu-lhe como a cordeal amigo; mas, por detraz d'essa mascara, estava um homem nervoso e contrafeito. O bigode arregaçava-se-lhe na prega dos labios, as palpebras franziam-se no piscar inquiridor. Que lhe quereria este impertinente primo, com o seu aspecto de severo juiz?! Suspeitava-o, devia ser coisa attinente á conversa, que

elle tivera com a adoravel Kate, em casa da tia Ermello.

Manoel era homem, que pouco se occupava de vestuario. Compareceu de jaquetão assertoado, calça escura, bota de duas solas, o cabello cortado rente, barba espontada á thesoura. Olhar limpido de grande energia; testa pautada de precoces rugas; physionomia placida, mas de vontade firme. Apesar de proximos parentes, conheciam-se mal; quando se encontravam na rua, nem sempre se saudavam. Trocados simples cumprimentos e as usuaes perguntas acerca das pessoas mais chegadas, correu um curto intervallo de silencio. Manoel de Sá, sentado na cadeira de verga, que preferira á poltrona de coiro da Russia, que Fernando lhe offerecera, rompeu direito ao seu assumpto, com pronuncia natural:

— Minha irmã contou-me d'umas declarações, que lhe fizeste. Catherina, apesar dos seus intelligentes vinte annos, é simplesmente uma creança. Tu, um homem experimentado. Venho saber, se não haveria confusão, no que ella me referiu...

—Nenhuma confusão podia haver, visto eu ter sido muito explicito no que propuz. Gosto immenso de Kate! E' uma creança adoravel! O que a sua imagem e a sua presença produzem na minha alma, nenhuma outra imagem de mulher o tem produzido, até hoje. Julgar-me-hia verdadeiramente ditoso, se ella me quizesse para marido, e se, para isso, obtivesse consentimento dos seus.

— Muito claro e terminante, sem duvida; porém

absolutamente impossivel. Para t'o affirmar te pedi este encontro.

— Que, para mim, seria agradabilissimo, se me viesses dizer o contrario. Não comprehendo, Manoel de Sá, o motivo d'uma negativa tão rude e cathegorica. Ainda que, tua irmã, seja a mulher ideal, capaz de fazer a completa felicidade d'aquelle de quem acceite o nome, e ainda que eu seja um homem de pouco merecimento a teus olhos, não vejo bem que entre mim e ella, haja uma tamanha differença, que estabeleça, assim de prompto e sem exame, essa absoluta impossibilidade.

— Pois existe, sem a menor contestação. Creio... *estou certo,* que não é a primeira vez, que cercas minha irmã das tuas attenções de mundano. Ella, porem, é que lhes não comprehendia o alcance, declarou-m'o. Não por falta de penetração, sabes? No teu meio não encontrarás outra, que a eguale em agudeza. Mas, na alma de Kate, predomina ainda a sinceridade montesinha, qualidade apreciavel só por quem lhe sabe dar valor. A condemnação do teu procedimento de homem corrompido (Fernando estremeceu em todos os seus musculos) está em teres continuado essa côrte, levando-a até á declaração formal, quando era evidente que ella t'a não acceitaria. Cegou-te a vaidade. A offensa está em teres aquilatado, minha irmã, pelas outras, que tens conhecido. Cuidaste que a palavra casamento, a que infelizmente todas as mulheres dão um apreço sublime, resolveria a questão, quando só serviu para alarmar Kate! Então, é que se soccorreu, ao na-

tural amparo, de quem a poderia proteger, contra o lobo esfaimado e guloso que a perseguia. Talvez saibas que sou, por principios, desaffeiçoado ao casamento. Desejaria que minha irmã, fosse sempre e só minha irmã. Porém não sou eu o unico a mandar n'este ponto; ella mesma, que me ouve em tudo, não concorda com as minhas idéas. No emtanto, sou e serei seu irmão, para a livrar de certas hypotheses impossiveis. Case, muito embora, Catherina; mas não comtigo. Ainda que ella te preferisse, que não prefere, fica certo, a esse enlace me opporia eu.

Manoel de Sá falou com rudeza e calma. Accentuou as palavras, para que fossem nitidamente comprehendidas por Fernando de Castro, que o escutou n'uma tensão nervosa, que era o castigo da sua vida leviana. Reconhecia n'aquelle falar, uma força, que o dominava, sem que tivesse claro motivo de explodir em assomos de dignidade. Passados segundos, depois que Manoel terminára, é que disse:

— Muito te ouvi... Conheces-me imperfeitamente; mas calculas, de certo, que não serão, a cordura e paciencia, as minhas qualidades ordinarias. Vieste aqui no proposito de me... *maguar?*

— Não costumo ter propositos d'esses — respondeu sereno. Apenas o habito de nunca esconder os meus pensamentos e o meu sentir.

— E vejo que me julgas um homem indigno de tua irmã, e talvez indigno de qualquer mulher...

— Sómente indigno de minha irmã...

Fernando reflectiu, pondo fixamente a vista no ta-

pete sobre que tinha os pés. Depois ergueu os olhos, levantando-se para falar:

— Pois erras, Manoel de Sá, e parece incrivel que erre uma cabeça de tão altos pensamentos! Tenho sido homem de vida facil: leviano, frivolo, sem utilidade, talvez corrupto no sentido estreito em que tomas esta palavra, que valerá tanto como extravagante. Desde que sahi do collegio e tive o primeiro cavallo, até hoje que talvez me nascesse o primeiro cabello branco, hei praticado o bem e o mal, como o commum da gente! A direcção dada á minha vida, por certo me não abona creditos, perante os espiritos meticulosos e sisudos, mesmo que não pensem, n'um ideal de justiça, como tu. Porém, *homem excepcional*, não poderás admittir uma reforma na minha existencia, um arrependimento do meu passado? Quem foi um estroina, não poderá ainda ser um cordato? A tua alma recta não comprehende, ou pelo menos não acha possivel, que apesar de se ter vivido na pratica da vida material, na illusão da sensualidade, se possa deixar tudo isso, por novos e contrarios propositos? O coração, que é o maior guia da vida, não poderá ter um abalo, sentir uma d'essas impressões, que mudam o caminho d'uma existencia?!... Não admittes isto? Não comprehendes isto, Manoel de Sá?!...

Como appellavam para a sua imparcialidade de juiz, respondeu como quem sentenceia:

— O homem será sempre a mesma fera, que tem sido, durante a sua triste historia composta de crimes. Mas arredemos do caso considerações intempestivas

e inuteis. Acredito... posso acreditar... que debaixo do ponto de vista da tua educação, que não é melhor, nem peior do que a de toda a gente do teu mundo, haja uma coisa a que chamam arrependimento ou regeneração, que no fundo será nova fórma da mentira humana. Esse arrependimento ou regeneração é mais um cançasso de sensualidade, do que conquista de justiça e verdade. A ti, porém, nem isso te concedo; pois, o que n'este momento procuras é illudir-te e illudir os outros. Estás muito novo, o sangue circula te ainda quente de desejos, e o que foste continuarás a ser. Os homens como tu, tem para mim uma historia abominavel e repugnante. Sob a fórma exterior de complacencia e brio, considero-os exemplares de toda a maldade, encerram crimes de seculos. Para os vencer é necessario que a onda da vida os esmague, ou que a justiça social, se um dia vier, os decapite.

Fernando estava de pé, palido e nervoso, perante Manuel de Sá, que se conservara sentado. E disse:

— Honras-me, sobre modo, levantando-me tão alto, como um typo, na sociedade que tenho adorado e á qual, por certo, nunca serei indifferente. Julgo, porém, que estás abusando da circumstancia de seres irmão de Catherina...

— Prescinde, para todos os effeitos, d'essa particularidade.

— Não — disse Fernando sentando-se de novo — não posso prescindir. És irmão de Kate e um irmão querido; és o seu ideal d'homem, o mais profundo respeito e veneração d'essa creança adoravel. E' forçoso

que tu sejas um bem grande espirito, para assim teres ferido aquella imaginação vivissima. No teu affecto tem ella encontrado conforto e segurança inigualaveis. Já me disse que só casaria com o homem, que se te assemelhasse. Desde esse momento eu devera ter comprehendido a verdade, que não comprehendi. Conheço quanto somos differentes no pensar e no sentir; sei quanto os moralistas do teu feitio, condemnam os homens como eu. Porém, acredita, nós os *gosadores*, tambem temos coração altivo. Pensas que não luctei commigo mesmo, para me desviar da estrada de tua irmã? Enganas-te, luctei: affastei-a quanto pude da minha imaginação; entretive-me com differentes mulheres, desde que a admiro. Tudo inutil, era uma idéa obcecante, via Kate em toda a parte, mesmo quando a não tinha na presença. Não me quero comparar comtigo; mas penso que ella alguma coisa faria de mim. O pensamento de a não desgostar, de me engrandecer a seus olhos, talvez operasse o milagre. Tu não comprehendes, mas eu comprehendo, que o amor d'uma creança possa transformar um sensual. A candura de Catherina encanta-me, como a vista d'uma flôr rara; tem fragrancia, perfume, que me enebriam, fazendo-me esquecer de tudo o mais. Quando falo com ella, o seu puro discernimento acorda, em mim, idéas novas, que nunca tive e que depois não conservo. Centuplica-me a força d'animo quando a ouço, respiro um novo ar, que me alegra o sangue. Por orgulho — crê-me — só passado muito tempo lhe fiz a revelação que ella te foi communicar, que eu sabia te iria com-

municar e presumia tu repellirias. Era uma humilhação, que devia evitar e não evitei. Não me condemnes, porque fui fraco. Lamenta-me, se quizeres.

Sahiam-lhe as palavras com difficuldade. Eram retalhos de coração e de alma d'um homem que via retorcido, o seu orgulho, nas mãos de outro homem. Manuel disse sereno :

— Lamento, lamento Fernando. Os qne são como tu, só tem um meio de se fazer perdoar : é fazendo-se esquecer. Utilidade não creio que d'elles se possa obter, pois enkistou-se-lhes o cerebro n'uma formula de sensualidade esgotadora de toda a energia. Uma orientação nova, exigiria um cerebro novo, alimentado differentemente. É como para transformar uma casa: se quizerem que se não pareça com a antiga, terão de a demolir—mudar-lhe todo o interior e mudar-lhe toda a mobilia—o que equivale a nada conservar do que havia. Julgo pois, a respeito da tua regeneração, que não ha nenhuma Kate, que a possa conseguir. Concedo-te que sejas sincero quando pensas assim ; mas estás illudido. Hasde ainda reconhecel-o.

A emoção de Fernando crescia em tristeza e amargura. Deante de si tinha um homem sereno, inflexivel julgador, imperturbavel no seu raciocinar, agudo e direito como a lamina d'um bisturi. O seu coração e todo seu ser sentia-se tão dolorido, que a vaidade natural dos da sua educação desapparecera. Talvez quizesse, ainda, apiedar Manoel de Sá, pois disse :

— Terás tu razão?... A teus olhos eu sou um perverso; mas a minha perversidade elegante é acceita

por toda a gente, que a não condemna, se a não applaude. Dentro das formulas adoptadas na vida social, que hei acompanhado, e da qual tu te afastaste por um instincto raro, eu sou correcto e estimado: não tenho dividas; não tenho faltas de caracter, nem fraquezas deprimentes; nunca matei em duello, nem roubei ao jogo; dou esmolas e sou compassivo, a meu modo, com os infelizes. Conservo, porém, faltas que a teus olhos são crimes, sei-o: a honra das mulheres e a dos maridos, mereceu-me só a consideração que o goso do seu menoscabo me podia dar. A innocencia e a candura das donzellas, não valeram para mim mais do que a honra das casadas. A minha vida tem sido ociosa e abundante, sem um só acto dos que tu reputas sérios e dignos. Creio ter acompanhado homens vis na minha carreira de prazeres... No teu implacavel rigor julgas-me um d'estes, apesar de não conheceres de mim acções abominaveis. Terás razão, Manuel de Sá?...

— Tenho, tenho razão! — accentuou Manoel na sua palavra vingadora. A postema social é contagiosa como a do organismo do individuo: quem uma vez a tocou apodreceu, e essa podridão vae contaminar todos aquelles de quem se approxima. E querias tu babujar o branco lyrio que é minha irmã?!... Impossivel! Impossivel, bem o comprehendes.

— E não saberia ella, com a luz divina da sua belleza, da sua candura, da sua nobre alma... transformar-me?

— Mais facil era que no mesmo abysmo mergulhasse

comtigo. E' uma creança, uma creatura fraca e indefeza, como toda a mulher n'esta sociedade defeituosamente constituida. O cerebro como o das outras, está cheio de superstições e caprichos. Na ordem physica e moral, descer é mais facil do que subir. Não te escondo que entrei aqui no proposito de tudo fazer acabar entre ti e minha irmã, fossem quaes fossem os meios, que tivesse de empregar. Se encontrasse maior resistencia, empregaria maior esforço. Saio com impressão mais grata do que entrei. Tinham-me dito que eras homem de bravatas, quando vejo, apenas, um estragado pelo mundo. Porém, quanto ao fim especial que me trouxe, fica assente entre nós, que minha irmã será, para ti, sempre uma parenta, e agora uma parenta afastada, pela incompatibilidade moral. Punge-me o estado da tua alma; porém nada posso fazer para o modificar. Continuarás a ser o homem que tens sido; illudes-te quando fazes protestos em contrario. Ha ainda um desejo meu, que antes de sair te quero communicar...

— Qual?...

— Que nunca mais trocarás, com minha irmã, palavra que de longe signifique amor. Coisa horrivel o tal amor; na maioria dos casos perversão de sentidos. Contradizendo, tu, este meu pedido, collocamo-nos n'uma situação perigosa... E affirmo-te que tudo quanto fizeres no proposito de agradar a Kate é inutil; pois, nem mesmo a minha morte, traria como resultado que tu fosses seu marido.

— Amará ella outro homem?! — disse Fernando com um incendio nos olhos...

— Talvez... Que sei eu? que sabe alguem do que se passa no cerebro d'uma rapariga de vinte annos?!...

— Provocarei esse homem e matal-o-hei n'um duello.

— Terias que me matar a mim primeiro, se eu approvasse essa inclinação.

Fernando pronunciou com grande abatimento:

— E' necessario teres por mim, por toda a minha vida, um grande despreso, para me não julgares digno de trocar, com tua irmã, alguns galanteios...

— Confesso esse estado do meu espirito. Mas tenho esse sentimento, por todos os homens da tua sociedade.

— E não me concedes que seja differente d'elles?

— Não posso... Queres um conselho? Vae viajar. Por esses hoteis da Europa encontrarás outras illusões. A doença d'amor, ouço dizer, cura-se com viagens. Vae viajar...

E saiu, estendendo-lhe a mão, com mais affabilidade do que á entrada, pois, então, lh'a dera inerte e fria.

*

* *

Fernando de Castro, perante a imagem immaculada de Kate, era como o marmore deante do sol. A sua noção de brio social, o seu orgulho d'apparato, não eram atravessados pelas irradiações d'aquelle olhar singelo. A presença do implacavel Manoel de Sá, justiceiro, claro, resoluto no dizer, concorrera para o con-

servar nos rasoaveis limites da prudencia, qualidade que não era a dominante no seu espirito. Talvez concorresse, para aquelle estado soffredor, o timbre da voz do seu parente, que lhe fizesse lembrar o da graciosa voz de Kate. O olhar de Manoel trazia alguma coisa do olhar, que sempre o enebriara. Quando ficou só, a sua mudez significava pensar amargurado, acerca da sua vida cheia de contradicções. Manoel retalhara-lhe o coração e n'elle vertera amarguras. Não fôra demencia a felicidade que imaginára? «Tu illudes-te, e queres illudir os outros» — dissera-lhe em substancia seu primo. Era isto verdade? Sentia que o era, e ahi está a razão de não ter encontrado valor na alma, nem crispações nos musculos, para repellir as palavras duras que escutara. Era uma obra de justiça e de solidariedade moral, a apregoada pelo irmão de Kate, que defendia sua irmã. Depois de entrar com sinceridade no mais intimo da sua alma, monologou:

— Tem razão. Eu não mereço Kate. Ia estragar essa mimosa flor, sem nada remediar na minha existencia.

Tal persuasão levou-o a uma grande magua, que lhe translusiu na physionomia. Continuava a passear no amplo gabinete, como uma fera na sua jaula. O corpo obedecia ás mil voltas da sua imaginação incoherente e perturbada: retrocedia, avançava, cortava rapidamente a linha que parecia ter determinado seguir. Desfazia charutos entre os dedos, uns após outros, sem pensar em os accender. Complicava-se o estado da sua alma: ora tinha expressão sombria, de rancôr, vingança e despeito; ora um deleite sensual lhe il-

luminava os olhos, com alegria e riso. Na balança da sua existencia pesavam d'um lado, a volupia e a sensualidade, do outro os prazeres serenos e monotonos de uma vida sem relevo e sem notariedade. Na opção vacilava: os sorrisos que eram mais repetidos, marcavam a victoria das inclinações habituaes, presas ao seu cerebro como um musgo. Manoel de Sá marcara-lhe o caminho que fatalmente teria de seguir —reconhecia-o. «De certo, de certo»—apregoava-lhe uma voz interior. E reflectindo, parado no meio do gabinete, com a vista perdida n'um espaço sem fim, disse:

— Seria uma loucura se o conseguisse. Illudia-me...

E continuou o giro indeterminado do seu pensar, repetindo sempre:

— Eu não mereço Kate... eu não mereço Kate...

Mas esta phrase amargava-lhe na lingua e nos labios. Parecia ter grande desgosto em lhe sentir o travo! Apanhou a fronte entre as mãos, tapando os olhos e conservando-se como suspenso, no meio d'um espaço vasio. Sahiu d'esta situação deixando cahir os braços primeiro, agitando-os depois no ar em movimentos de triumpho e glorificação, affirmando em retumbante desaffogo:

— Mereço, porém, a Paraiso, que é um admiravel corpo de bacchante, e mereço a Rosal, uma setinosa e branca pelle, levemente rosada de morango. Para o diabo a Virtude, para as profundezas do inferno o Dever!...

E sentou-se á secretaria para combinar duas entrevistas d'amor.

XIX

NOITE TRISTE E FELIZ

Desde muito tempo, a doença vinha minando a vida da condessa de Moinhos. N'uma noite, pelas tres horas da manhã, crise bem mais grave do que as antecedentes, sobresaltou seus filhos, que logo acudiram. Manoel vestiu-se á pressa, para ir chamar Julião; Kate cercou sua mãe de todos os carinhos de extremosa filha.

Chegou o medico, com o seu amigo, n'uma carruagem de praça, que o beneficente acaso lhes proporcionara na rua. Julião, que nunca tinha visto a condessa como seu assistente, foi pelo caminho inquirindo da natureza do ataque, e como se havia manifestado. Com as respostas, a testa vincou-se-lhe de apprehensões; porém consolava Manuel, dizendo-lhe palavras d'espe-

rança. Mentirosas palavras, pois já levava comsigo o receio, de encontrar apenas um cadaver, quando chegassem.

A condessa de Moinhos, não lhe era totalmente desconhecida, no seu padecer. Muitas vezes, seu filho, em conversas intimas, quer em Paris, quer em Lisboa, contara ao amigo, coisas do triste romance da morte de seu pae, e da epopeia de dôres soffridas heroicamente por sua mãe. A ponta do florete, que, no trogico lance do duello, atravessara o peito do conde, roçara pelo coração da esposa e a mossa então produzida, fôra a origem do longo e doloroso soffrimento, sempre com firme resignação supportado...

*

* *

Ao entrar, o medico, no quarto da doente, logo a viu estendida na cama, a branca pelle do rosto confundindo-se com a alvura da almofada, os cabellos cinzentos coroando-lhe a fronte, os olhos amortecidos e os beiços exangues. A bocca supplicante de Kate acolheu Julião, com esperança glorificadora, pois n'elle fazia residir o poder divino da ressurreição. Não foi o medico indifferente á claridade d'aquelle semblante virgem de impostura, sincero e commovido, d'onde irradiavam implorações de prece, quando lhe apertara convulsamente a mão:

— Salve, minha mãe!... — exhorou.

Elle sorriu e consolou-a com o sorriso, sem nada mais accrescentar. Pareciam duas almas familiares, com antiga troca de affectos! Tal fôra o repouso mutuo, encontrado n'este lance tão grave e tão triste! Um simples olhar bastou, para dizerem, um ao outro, tudo quanto os poetas tem lançado de sublime, nos seus carmes, ácêrca da vida do amor!... Desde quando haviam formado este pacto?!... A vasta sciencia de Julião não o podia dizer, nem a candura adivinhadora de Kate o podia assignalar!... É certo, porém, que junto d'este querido leito de soffrimento, as duas almas se sentiam harmonicas e os dois corações pulsavam unisonos.

— Estou muito mal, doutor... — pronunciou a custo a condessa.

— Vejamos... Não deve perder a coragem...

— Estou conformada, e a minha alma está prompta...

O olhar de Manoel de Sá era de confusão tenebrosa. Dominava-lhe o cerebro, desesperada e impotente colera contra o mal, que lhe vinha roubar aquelle supremo affecto. Ao encontrar, porém, o olhar de sua mãe, meigo e simulado por um sorriso, logo o d'elle se transmudou n'um olhar ingenuo e confiado. Pagavam engano com engano; fortaleciam-se com a esperança no saber de Julião...

— Vae já ficar mais alliviada... — disse Manuel, approximando, o seu rosto, do da condessa.

O medico conhecera pelo aspecto da doente e pelo que o seu amigo lhe respondera na carruagem, que esta-

va no peito, a séde do padecimento. Applicou o ouvido a differentes pontos do magro thorax, sem largar dos dedos o enfraquecido pulso. Urgia proceder immediata e vigorosamente, para ver se se conseguia auxiliar o cançado coração. Afastou-se com os dois filhos, sem coragem para lhes tirar toda a esperança, pois receava ver accrescidas as lagrimas de Kate. Duas velhas creadas correram logo com synapismos, para cobrirem o corpo da condessa, sob a direcção amantissima de sua filha. O medico levou comsigo, Manuel de Sá, para o gabinete de entrada. Aqui prescreveu medicamentos, que secundariam os revulsivos, para normalisar a circulação, se ainda fosse possivel, e assim conjurar o perigo eminente. Estando sós, o filho, interrogou o amigo:

— Então?!...

— Necessario recorrer a todos os meios...

— Poderás vencer?

— A congestão pulmonar é completa. O coração mal póde...

Manuel cahiu com todo o peso do seu corpo, sobre o peito do amigo, abraçando-o, escondendo ali esta sua falta de intrepidez.

— Vae-se-me toda a vida, n'esta de minha mãe! — pronunciou soluçando.

— E tua irmã?...

— É verdade!... Tenho ainda Kate!... Soffre tanto como eu...

Mas logo ficou de rosto enxuto e alma intemerata, superior á dôr humana. Foi elle mesmo á pharmacia

proxima, com as receitas. Julião ficava de sentinella aquella existencia, que se distanciava do mundo pela estrada da morte. Manuel levara em si energia indomita. Os seus pés não sentiam a terra que pisavam! Era como se caminhasse no fundo do mar!... Casas, céu, viventes... tudo havia desapparecido para elle!... Só o instincto o guiava, n'esta treva em que se encontrava mergulhado. Alarmou com a violencia das pancadas o pharmaceutico, que o serviu solicito, para lhe diminuir a afflicção.

Emquanto Manoel não voltava, o medico inquiriu do effeito dos synapismos. Kate veiu informal-o. Era esta, a primeira vez, que se encontravam a sós, face a face!... Parecia, porém, que desde muito se viam e se encontravam... Disseram as palavras indispensaveis, para resumir as esperanças, que um podia ter, e que outro podia dar. Era uma situação angustiosa; ambos desejavam ser energicos e uteis, aliviar do soffrer o corpo exhausto da condessa. Sentiam-se cheios do sentimento de piedade e talvez d'outro sentimento mais vivo... Os olhos encontraram-se e viram-se profundamente; os corações chocaram-se com uma perturbação de segundos... Os labios filiaes de Kate descerraram-se balbuciando:

— Não se queixa dos synapismos...

— E terá os pés frios?

— Como o marmore.

— E as mãos?...

— Não as sentiu, quando lhe tomou o pulso?

— É verdade... — reflectiu Julião.

*
* *

Ficaram em frente um do outro, os olhos nos olhos, o entendimento no entendimento. Viviam n'uma região distante e melancholica, illuminada de roixo, povoada de sombras augustas e nobres. Eram pavores funereos, a imaginação dolorida de Kate a erguer phantasmas... Porém, o medico, tinha de retomar posse de si, ser um elemento de acção. Dirigiu-se de novo ao leito da condessa, encontrando-a na mesma serenidade, o tronco levemente erguido por almofadas, a cabeça em repouso... A sua pallidez era uma pallidez sepulcral, os labios meio abertos, as palpebras meio cerradas, o nariz afilando-se. As duas velhas creadas, uma de cada lado da cabeceira, sentiam morrer a antiga ama e choravam. Julião silencioso, concentrado... A sua face impassivel era camada de terra vulcanica. Tacteou longamente o pulso da condessa. Olhava no vago como um amaurotico, a procurar com toda a sua imaginação, uma só palavra, que podesse diminuir a enorme dôr de Kate. Não a podendo encontrar, conservava-se terrivelmente inexpressivo, sem coragem para definir o acabamento proximo d'aquella vida, que para os dois filhos era tanto, como a propria vida d'elles. Os olhos de Kate não se retiravam dos do medico e a sua alma fundia em pranto. Mas o pulso era já fugidio; a respiração, sopro de cotovia moribunda... Este precioso amor de mãe afastava-se triste, como uma flauta pas-

toril, quando vae por entre montanhas, e faz ouvir, de cada vez mais longe, sons amortecidos e intercalados de silencio.

Entrou Manuel de Sá com os medicamentos. Appareceu sereno; mas na alteração do rosto denunciava que tinha corrido nas ruas. Guardava dentro do peito um vendaval, e reprimia essa violencia d'alma. O medico, tomando das tremulas mãos de Kate, uma colher de prata, encheu-a de liquido que verteu d'um frasco. Curvando-se sobre o rosto branco da condessa pediu:

— Vamos tomar este remedio?...

Abriu, a doente, os olhos, muito a custo e de vagar. Fixou o rosto de quem a accordava do seu repouso, com penetração lenta, recolhendo na sua retina tudo que podia ainda vêr. Afflorou-lhe aos labios um sorriso — triste e carinhoso sorriso. Recebeu na lingua o que lhe offereciam; mas a deglutição foi difficil e incompleta. Pelos cantos da bocca refluiu parte do medicamento. Sem manifestar ancia, voltou ao estado de passividade anterior, depois de ter passado, o amortecido e carinhoso olhar, pelos rostos dos dois filhos, que se conservavam junto do leito, unidos, inertes, sem comprehenderem bem o significado de tudo aquillo... Julião, percebendo que lhe fugia o pulso sob os dedos, indicou ás creadas que, mais uma vez, apalpassem os pés da condessa. Encontraram-nos frios, como o bronze. Para enganar a crescente anciedade, que via, nos olhos de Manuel e de Kate, ainda se curvou sobre aquelle rosto exangue, perguntando:

— Sente os synapismos ?!...

Parecia que estas palavras tinham sido atiradas para muita distancia. A resposta veiu apóz um longo minuto, enfraquecida, n'um ciciar brando de aragem morna:

— Pouco ..

O semblante de Manuel de Sá tornava-se verdadeiramente tetrico. No empenho de mostrar serenidade, servia-se de toda a forte energia do seu temperamento de lutador. Com a sua commoção, não queria perturbar as illusorias esperanças de sua irmã, que ainda tinha rosto angelical e confiado. Pouco depois os pensamentos de Kate oscillaram n'uma pendulação de duvida. Os seus olhos e o seu peito, já se enchiam de amarguras...

O medico conservava-se silencioso, já sem animo para illudir. De novo applicou o ouvido ao peito da moribunda. As pancadas do coração eram lentas e opacas. Trabalhava preguiçoso, como embolo de machina cançada. Pareciam marteladas em terra dura: sentiam-se distantes e sem ressonancia. Julião attrahiu a si Manuel para lhe dizer:

— Se podessemos obter alguns balões de oxigenio...

— Vale a pena, só para prolongar a vida mais alguns instantes ?!... — disse o filho adorado. — Podes ainda salval-a ?...

O medico ficou silencioso, com olhar negativo. Kate, pelo rosto, comprehendera o grande desanimo da alma de seu irmão. O intemerato ia succumbir. Pensou, então, ella, em o fortalecer, não deixando exteriorisar a sua dôr. Porém isto requeira mais do que a

vontade d'uma creança. Quando se approximou de Manuel este preveniu-a:

— Cala-te... Póde ouvir-te.

— Ella ouve? — perguntou Kate.

— Ainda... — disse o medico.

Julião foi mais uma vez tactear a pelle da condessa. Encontrou-a já fria, com suor viscoso. A respiração alteava-se no estertor. Cerravam-se as esperanças, não havia já tempo para enganos. Veiu para os dois irmãos. Quiz leval-os d'ali, porém Manuel resistiu:

— Não. Até ao fim. Teremos coragem. Kate terá coragem.

As lagrimas nos olhos de Kate eram fontes d'agua viva. Manuel tomou-a, com o braço pelo flexil tronco. Sentiam-se no pulsar do coração, nas convulsões intimas dos musculos, no calor de febre que os queimava a ambos. Agora, o semblante mais lugubre, era o do medico. Dentro d'elle erguia-se, em toda a sua immensidade, a supplica que vinha de Kate, para que lhe roubasse a mãe á seputura, pégo insondavel d'onde não mais voltam aquelles que n'elle se abysmam! Não tinha poder para reconfortar a sua amada, que o julgara um sempre-victorioso contra a morte, e o via agora vencido! Mas, se Julião não podia é que ninguem podia: elle representava, para Kate, a força unica, poderosa, contra o definitivo aniquilamento do corpo. Se elle não podia é que ninguem podia — adivinhava-o aquella luminosa innocencia, quando ainda lhe disse:

— Já não tenta salvar nossa mãe?...

O medico ergueu os hombros e abriu os braços n'uma

collossal amargura! Daria a sua vida, se a pudesse trocar por aquella morte — comprehendeu-o Kate no semblante d'elle. Manuel percebeu, agora, como nunca percebera, o accordo d'estas duas almas. Deduziu-o das palavras de Kate e da accentuação maguada da resposta de Julião:

— Tambem perdi a minha, quando era creança...

*

* *

O corpo da condessa soffreu grande abalo, que se repercutiu no peito dos filhos. Parecia que foi toda a terra que estremecera. Julião ainda teve serenidade para reconhecer, que era chegado o ultimo momento da vida d'aquelle emagrecido corpo. As duas velhas creadas, ajoelharam junto do leito, escondendo nas mãos os rostos. O medico desejou distanciar Manoel e Kate do lugubre aspecto d'aquella fronte branca e decomposta, com os olhos abertos, os beiços summidos na ultima inspiração... Iam a obedecer ao leve impulso, que lhes dera o amigo, trocando um ultimo adeus com o olhar fixo do cadaver; mas os pés collaram-se-lhes ao soalho e não puderam andar. Julião comprehendeu, que precisavam retroceder, e deixou-os. Foram, Kate pela direita, Manuel pela esquerda do leito, até junto ao frio corpo da condessa beijar-lhe a mão. Depois voltaram, quasi ao mesmo tempo, olhan-

do-se por entre uma espessa nevoa de lagrimas... Julião tornou a recebel-os, um em cada braço, e levou-os atravez do quarto. Ao entrarem no gabinete, onde a condessa de Moinhos, costumava ler e bordar na companhia de seus filhos, Manuel de Sá, em pé, solido como um velho roble, formidavel de heroismo na sua alma, exclamou:

— Perdemol-a. Tu não a conheceste!...

— Adivinhei-a em ti — disse o medico.

— E em Kate, conclue, *meu irmão.*

Impellindo, suavemente Catherina, levou-a junto do seu amigo accrescentando:

— Entrego-t'a. Protege-a. Ampara-a... Sê bom para ella.

Todos ficaram unidos n'um só abraço.

Lisboa, 1899 — 1900.

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME

INDICE

DO SEGUNDO VOLUME

Cap.		Pag.
I	— Entre philosophos	1
II	— O Barbas victorioso	19
III	— Caridade pela sciencia	29
IV	— Amalgama de recordações	41
V	— A enfermeira	57
VI	— Visita ao hospital	73
VII	— No laboratorio	89
VIII	— Prodromos	105
IX	— Verificam-se as suspeitas	121
X	— No quarto do doente	135
XI	— O porquinho da India	151
XII	— O que ?!...	167
XIII	— Melhoras	179
VIV	— Adopção do cobayo	193
XV	— Suspeitas	203
XVI	— Um desenlace	213
XVII	— Nunc est bibendum	219
XVIII	— Aclarações	233
XIX	— Noite triste e feliz	251

91-B11703

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00028 1614